A FÉ INABALÁVEL DE UMA MULHER CORAJOSA EM TEMPOS DE GUERRA

A QUEM TEMEREI



ANN VITOROVICH

A FÉ INABALÁVEL DE UMA MULHER CORAJOSA EM TEMPOS DE GUERRA

A QUEM TEMEREI



Ann Vitorovich

Tradução
Rubem M. Scheffel

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título original em inglês:
WHOM SHALL I FEAR

Copyright © da edição em inglês: Pacific Press, Nampa, EUA.
Direitos internacionais reservados.

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.1
2016

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles
Editoração: Neila D. Oliveira e Wellington Barbosa
Revisão: Adriana Seratto
Design Developer: Fernando Lima
Projeto Gráfico e Capa: Fábio Fernandes
Imagens da Capa: BortN66 | Fotolia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vitorovich, Ann
A quem temerei [livro eletrônico] : a fé inabalável de uma mulher corajosa em tempos de guerra / Ann Vitorovich ; tradução Rubem M. Scheffel. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2016.
2 Mb ; ePUB

Título original: Whom shall I fear.
ISBN 978-85-345-2285-4

1. Vitorovich, Mara 2. Adventista do Sétimo Dia – Iugoslávia – Convertidos – Biografia I. Título.

16-01903 CDD-286.7092

Índices para catálogo sistemático:

1. Adventistas do Sétimo Dia : Biografia 286.7092

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Os textos bíblicos citados neste livro foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo outra indicação.

15707/34147

APRESENTAÇÃO

Como ajuntar os pedaços e seguir em frente, quando sua vida está sendo destruída? Existe algo ou alguém em quem realmente acreditar e confiar?

Para Mara, a vida era literalmente um campo de guerra. Sua história verdadeira nos transporta à Sérvia e às cicatrizes da Primeira Guerra Mundial. A violência dilacerou a família de Mara e também seu coração. Quando veio a paz, afinal, Mara partiu com sua família para uma vida simples no campo.

Mas uma observação feita de passagem levanta um novo conflito – desta vez na consciência de Mara. A igreja de sua mocidade sempre havia sido um oásis em meio ao caos mundial, e Mara nunca questionara seus ensinos. Lá ela havia encontrado a verdade, mas era a verdade divina?

Mara decide procurar as respostas no livro que reverencia como sagrado. Em suas páginas, ela encontra o tesouro da verdade e descobre as respostas às suas muitas perguntas sobre a vida aqui e além. Ela conhece a Jesus, a quem pode confiar sua vida.

Quando irrompe a Segunda Guerra Mundial, a máquina de guerra nazista leva violência à Sérvia, numa cruel missão de destruição. A fé mantida por Mara sustentaria a família em sua hora mais escura?

A Quem Temerei é um livro poderoso que lhe trará coragem e o ajudará a encontrar esperança e vitória nas lutas da vida.

Ann Vitorovich, nascida e criada na cidade de Nova York, é filha de pais croatas. Escritora talentosa, é autora de *Liberdade a Qualquer Preço*, também editado pela Casa Publicadora Brasileira. Ela e o esposo, Voja, moram no Arizona, Estados Unidos, e têm um filho, George, que é artista profissional.

DEDICATÓRIA

Aos netos, bisnetos e trinetos de Mara.
Que sua vida possa ser sempre uma inspiração para eles.

Leka: Jovan, Pavle, Olgica, Josif, Bozidar, Vlada,
Rada, Marko, Amaris, Alexia, Sara.

Nata: Jovica.

Voja: George

Cveja: Danny, Maria, John,
Lindsay, Kelsey, Jackson, Ethan.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Mara [Ma’ra]	esposa de Ilija e mãe de Leka, Nata, Vera, Voja e Cveja
Ilija [I’le - ya]	o segundo marido de Mara e pai de Nata, Vera, Voja e Cveja
Leka [Le’ka]	filha do primeiro casamento de Mara
Nata [Na’ta]	filha mais velha de Mara e Ilija
Natalija [Na - ta’ lya]	
Vera [Ver’a]	terceira filha de Mara e Ilija (sua segunda filha, Desa, faleceu quando criança)
Voja [Vo’ya]	gêmeo mais velho de Mara e Ilija
Vojislav [Vo’yi - slav]	
Cveja [Tsve’ya]	gêmeo mais novo de Mara e Ilija
Svetozar [Sve’ to - zar]	
Milorad [Mi’ lô - rad]	
Mihajlo [Mi - hy’ lô]	um dos três irmãos de Ilija
Milosav [Mi’ lô - sav]	
Jovan [Yô’ van]	pai de Ilija, Milorad, Mihajlo e Milosav
Mladen [Mla’ den]	
Petar [Pe’ tar]	um dos dois irmãos de Mara
Zivan [Zhi’ van]	marido de Leka
Mica [Mi’cha]	marido de Nata
Lila [Li’ la]	esposa de Mihajlo, irmão de Ilija
Petra [Pe’ tra]	esposa de Milorad, irmão de Ilija
Zivana [Zhi - va’ na]	esposa de um dos filhos de Milorad
Branko [Bran’ kô]	filho mais novo de Mihajlo
Marija [Ma’ - re - ya]	esposa de Mladen, irmão mais velho de Mara
Prota Mihajlo [Prô’ ta Mi - hy’ lô]	Padre ortodoxo na cidade de Glusci

Johann [Yô’ han]	mecânico chefe empregado pela família Vitorovich
Mila [Mi’ la]	mulher que dá estudos bíblicos a Mara

CAPÍTULO 1

UM TIRO NO ESCURO

Mara estava sentada junto à janela, observando atentamente a noite escura. O lampião de querosene na mesa ao lado lançava um suave brilho sobre seu belo rosto, realçando-lhe o queixo e as faces. A seus pés, sobre o assoalho de tacos, jazia uma pequena mala preta. E num acolchoado de penas, perto dela, estava Leka, dormindo profundamente.

Erguendo-se, Mara abriu levemente uma folha da janela, aprumou a cabeça e escutou. Em meio ao silêncio do lado de fora, ela podia ouvir apenas o ruído do vento farfalhando a folhagem das árvores no pomar e assobiando em volta dos beirais do telhado. Dentro de casa tudo estava quieto; os demais familiares já estavam dormindo.

Uma lufada de ar frio entrou fazendo oscilar a luz do lampião, lançando sua sombra dançante sobre a branca parede de gesso. Ela fechou o casaco e voltou para a cadeira. Enfiando a mão no bolso, tirou o relógio que o pai lhe havia presenteado anos antes e o segurou de frente para a luz – 9h30. Não vai demorar agora*,* disse ela para si mesma, com um sorriso de expectativa nos lábios.

Mara havia perdido o marido no início da Primeira Guerra Mundial quando a Áustria-Hungria invadira a Sérvia, que havia se libertado da Turquia apenas dois anos antes. Grávida de oito meses e com uma filha de dois anos nessa época, ela e seus parentes por afinidade haviam fugido da confusão e dos combates que irromperam em volta deles e se juntado ao êxodo de civis aterrorizados que partiam para o sul, a fim de salvar a própria vida. No caminho, ela dera à luz um menino, o qual morreu três semanas depois por causa de epidemia de tifo.

Faz cinco anos agora. Cinco anos, murmurou ela. *Vinte e oito anos é muito cedo para ser viúva.* A Grande Guerra havia terminado apenas um ano antes.

Agora era o mês de novembro de 1919.

– Você precisa conhecer meu primo Ilija – sugeria Gavra toda vez que via Mara em suas visitas à família de sua esposa, os quais moravam na aldeia de Mara. Gavra e Ilija viviam na aldeia de Glusci, perto dali. – Ele é alto e de boa aparência. Usa um uniforme austríaco cinzento, de oficial, sem as graduações militares. Faz com que ele se pareça distinto, como um capitão.

– Um uniforme austríaco? Mas por quê? – perguntara ela perplexa.

– Ele o adquiriu em Budapeste para usar em casa quando o conflito terminou. Após quatro anos como prisioneiro de guerra lá, suas roupas haviam ficado gastas. Ele ainda o usa às vezes. Então, o que você acha, Mara?

– Está bem, Gavra. Concordo em conhecer este parente seu, mas meus sogros não podem saber. Leka é a filha única do filho deles, como você sabe, e eles não gostariam que eu a levasse embora comigo.

– Ótimo. Vou arranjar tudo – respondeu Gavra. – Quando?

– Dentro de duas semanas nossa igreja vai realizar a comemoração *Slava.* Haverá muita gente e muitas atividades, de modo que conhecer o seu primo não deverá chamar a atenção.

– Isso parece bom – respondeu Gavra. E foi embora.

Quando chegou o dia dos santos, o dia da *Slava*, o pátio da igreja fervilhava de movimentação. Suaves melodias de violinos e cheiros apetitosos de carne assada flutuavam no ar. Mara se lembrava muito bem. Ali estava ela, conversando com Gavra, quando virou a cabeça e viu um homem desconhecido e alto caminhando a passos largos na direção deles. *Ele é tão elegante,* pensou Mara, *com seu bigode escuro, usando botas pretas e uma túnica austríaca.*

– Então você é a Mara – disse Ilija, fitando-a afetuosamente. Sua estatura se sobressaía em relação a ela. Mara pôde sentir o rubor subindo em sua face. *Quando olhei seu rosto e vi aqueles olhos negros e profundos, aconteceu.* Olharam fixamente um para o outro e ela ficou apaixonada.

Olhos negros sempre atraíram a atenção de Mara. Os dela eram azuis, grandes e belos – mas ela não pensava assim.

Haviam se passado só três meses desde que nos conhecemos? Só três meses?, *e*la se perguntou. Mara havia se encontrado com ele apenas algumas vezes, sempre na companhia de outros, e agora aqui estava ela, esperando que

ele a levasse embora. No entanto, isso parecia tão correto. *Ele é bondoso, tem um fino senso de humor, e vem de uma família boa,* ela disse a si mesma. *Quando ele me pediu em casamento, tive que aceitar.*

– Conheci um homem que quer se casar comigo – confidenciou Mara a sua sogra quando teve coragem para isso. – Espero que a senhora compreenda.

– Sim, minha filha. Eu sei que não podemos segurar você aqui para sempre. É tempo de você refazer sua vida. É claro que seu sogro não vai ficar feliz. Não vou dizer nada a ele enquanto você não for embora. No entanto, você poderia deixar Leka aqui – só por pouco tempo?

– Bem, só por um pouco – concordou Mara.

Leka está em boas mãos. Ela tinha certeza disso ao olhar para a filha que dormia. Levantou-se, caminhou até a cama e alisou gentilmente a cabeça morena de Leka. "Dorme, meu cordeirinho, minha querida. Preciso ir, mas não vou estar longe. Vou vê-la logo", murmurou ela. Voltando à sua cadeira, olhou o relógio novamente. *Apenas dez minutos para ir. Ilija é sempre pontual. Ele estará aqui logo.* Seu coração começou a bater depressa.

O que é que eu realmente sei a respeito desse homem?, ela subitamente se perguntou. Seu peito se contraiu. Ela relembrou as informações que Gavra havia lhe dado: "Ilija tem dois irmãos vivos, Milorad e Mihajlo. Milosav, o mais jovem, havia morrido lutando durante o último dia da guerra. Milorad havia servido na guarda pessoal do rei. Os familiares e pais dos irmãos haviam sobrevivido, mas Ilija perdera a esposa e o filho, vítimas de tifo." *Isso é algo que nós temos em comum, nossas perdas. A família tem uma fazenda grande e eles são bem respeitados. Não sei como será.* Ela suspirou. *Entretanto, logo vou saber.*

Bam! De repente, um tiro de rifle estourou em meio à escuridão, interrompendo seu devaneio. *É isto! O sinal!* Ela ergueu-se de um salto, abriu bem a janela e jogou sua maleta ao chão. Então pulou a janela e correu para a cerca de madeira que separava a casa da rua. Daí ouviu o resfolegar de cavalos e o ruído de seus cascos do outro lado. Abrindo o portão, atravessou esbaforida a rua. Uma bela carruagem puxada por dois cavalos negros como a noite estavam esperando. Ela mal podia vê-los no escuro, exceto pelo movimento dos animais e o reflexo do luar sobre o acabamento envernizado das laterais da carruagem. Em pé, ao lado, estava Ilija esperando-a.

Ele apanhou a maleta dela e a ajudou a subir. Gavra e mais um amigo o haviam acompanhado. Mara sentou-se ao lado de Ilija durante o trajeto de 19 km até Glusci, onde os pais de Ilija a receberam em casa.

No dia seguinte, uma cerimônia tradicional na Igreja Ortodoxa de Glusci uniu em casamento Mara e Ilija. *Prota* Mihajlo, o padre local, foi o oficiante. Os novos familiares de Mara e alguns amigos compareceram, tendo Gavra como padrinho dela.

Quando Mara chegou, a cidade ainda sofria as dores da reconstrução das ruínas de guerra. Ilija lhe mostrou a *zadruga* [comunidade rural entre os povos eslavos] onde sua família morava, trabalhava e era coproprietária.

– Vi muitos prédios danificados na aldeia – observou Mara.

– Glusci estava no caminho do avanço principal do exército austríaco. Quando Milorad e Mihajlo voltaram, encontraram a vila arrasada até o chão e a família dormindo num monte de palha em um celeiro com estábulo anexo que havia sido incendiado. Não pude voltar para casa pelos quatro meses seguintes. As estradas de ferro não estavam operando, e tive que caminhar a maior parte do caminho – explicou Ilija. – Metade de nossos prédios já foi reconstruída agora. Mas muitas pessoas ainda estão vivendo em cabanas de palha enquanto fazem a reconstrução na medida de suas posses.

Mara apenas meneava a cabeça com essa tragédia e sofrimento causado pela guerra.

– A minha vila não sofreu tanto – disse ela. – A maior parte da destruição já foi reparada.

– Por que os campos são tão... ondulados? – perguntou Mara, ao observar a terra além dos prédios, enquanto continuavam a caminhar.

– Você precisava tê-los visto antes. Eles foram todos cavoucados para abrir trincheiras nos lugares em que foram travadas as batalhas. Agora já os nivelamos bastante.

Ilija conduziu Mara a uma enorme macieira marcada e chamuscada não muito longe dali.

– Meu pai enterrou os ducados de ouro das mulheres, que eram seus dotes, ao pé desta árvore antes de fugirem. Felizmente eles ainda estavam aqui quando a família voltou.

Pouco tempo depois do casamento, Jovan, o pai de Ilija, propôs construírem um moinho.

– Precisamos ter algum tipo de indústria além das plantações – disse ele. Como patriarca da família, ele era o dirigente da *zadruga*.

– Poderíamos trocar nossos ducados – sugeriu uma das mulheres. Os outros concordaram. Com os ducados de Mara (que os seus ex-parentes haviam devolvido) acrescentados às finanças da família, havia agora mais de 500 ducados de ouro, suficientes para levar avante seus planos.

Os fabricantes de tijolos, contratados para produzi-los para o moinho, descobriram depósitos profundos de argila de qualidade num pedaço de terra da zadruga. Assim, a família decidiu construir também uma olaria, e contratar os fabricantes de tijolos numa base anual como um negócio secundário.

Os primeiros tijolos, feitos de argila e palha picada, cozidos durante três dias num forno provisório, forneceram matéria-prima para construir a olaria. Quando ficou pronta, a fábrica produziu tijolos refratários para edificar o moinho, e também para serem vendidos. Ilija encomendou de Praga rebolos, correias e um motor movido a vapor para o moinho. Estes chegaram por via férrea na estação de trem mais próxima, a 13 km de distância. O restante da viagem para o seu novo lar foi feito numa carreta puxada por quatro dos mais fortes bois da família.

As pessoas vinham dos lugares ao redor, que ficavam a quilômetros de distância, para ver os prédios sendo erguidos no complexo dos Vitorovich. Esses eram os primeiros empreendimentos na região após a guerra, numa época em que muitas pessoas ainda lutavam para sobreviver.

Quando Mara chegou, Milorad, o mais velho e mais alto dos irmãos, já tinha quatro filhos. Mihajlo tinha uma filha e um filho. E a viúva de Milosav, um filho. Mara e Ilija estavam começando de novo.

Um pouco mais de um ano após seu casamento, Mara presenteou Ilija com a primeira filha, uma menina chamada Natalija, ou Nata, para encurtar. Ela tinha cabelos e olhos castanhos. Quatro anos depois, chegou Desa, uma menina que morreu de pneumonia quando ainda aprendia a andar. Três anos mais tarde, eles tiveram outra filha, chamada Vera. Ela tinha cabelos e olhos negros. Nesse ínterim, a esposa de Mihajlo havia lhe dado um segundo filho.

O fato de ser a única mulher em sua nova família que ainda não dera à luz

um filho estragava a felicidade de Mara. Com o passar do tempo, ela ficou aflita: *Será que nunca darei a Ilija o filho que ele tanto deseja? Nós dois perdemos nossos filhos. As filhas se casam e vão embora, mas os filhos permanecem com os pais. Querido Deus, fui amaldiçoada? Será o meu destino jamais ter outro filho?*

CAPÍTULO 2

1929

No ano de 1929, muitas coisas aconteceram. O país em que Mara e Ilija viviam – estabelecido após a desintegração do Império Austro-Húngaro e denominado Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovênios – recebeu o nome de Reino da Iugoslávia. Jovan morreu inesperadamente. Nata completou nove anos de idade, e Vera, dois. Ilija fez planos para construir uma nova casa para sua família. Bojana, a maior vaca da família, pariu gêmeos pela primeira vez. E o mais importante de tudo é que Mara ficou grávida novamente, aos 38 anos de idade.

"Desta vez, será um menino!", prediziam as parteiras, nutrindo as esperanças de Mara. *Sinto que esta gravidez é decididamente diferente,* dizia ela para si mesma ao sentir os frequentes pontapés, golpes e pancadas. *Oh, Deus, tomara que as parteiras estejam certas!,* orava ela.

Embora se cansando facilmente, Mara não deixava que a gravidez a impedisse de realizar seu trabalho ou de fielmente comparecer aos cultos cada domingo. Adornada com seu melhor chapéu e vestido de gestante feito em casa, ela continuava a caminhar quase 5 km até a Igreja Ortodoxa, no outro lado de Glusci. Ali, ela acendia velas, recitava a Oração do Senhor, e lia um livro de orações diante de imagens de santos, enquanto o coração ardia de vontade de que seu bebê fosse menino.

– Bom dia, Mara, saudavam-na os aldeões ao longo do caminho. A maioria deles, bem como o restante de sua família, eram sérvios ortodoxos, mas poucos assistiam aos cultos regularmente. A maior parte só comparecia nos dias de festa ou na *Slava* da família.

– Mara, sua barriga está chegando antes de você no quarto, brincou Ilija. Ele encomendou para ela uma cinta especial a fim de lhe amparar o ventre que

crescia, de modo que ela pudesse se movimentar. Uma manhã, ela chamou o esposo:

– Ajude-me Ilija. Não consigo sair da cama!

Daí em diante, ele a ajudava cada manhã. Durante os dois últimos meses de gravidez, o marido designou duas parteiras para acompanhá-la aonde quer que ela fosse.

Até então, Ilija, Mara e os filhos haviam vivido em três grandes quartos na casa original que era ligada à cozinha coletiva e refeitório. Era lá que a família passava o tempo quando não estava trabalhando, e onde faziam as refeições. As casas individuais eram usadas principalmente para dormir. Durante o período mais agitado, quando a família providenciava duas refeições por dia a 60 ou mais trabalhadores da fazenda e da olaria, eles comiam em mesas postas no pátio, embaixo das árvores.

Em anos recentes, Milorad havia construído uma casa adicional para sua família, com vários quartos, porque três de seus filhos estavam casados e tinham filhos. Agora foi a vez de Ilija expandir.

– Mara, quero construir uma casa como a dos judeus em Budapeste – disse ele um dia. – Tenho muitas ideias.

Então, Ilija fez o rascunho de uma planta. A casa teria paredes grossas feitas de tijolos de sua olaria e um telhado com telhas lisas de barro. A entrada consistia de duas portas altas niveladas com a parede externa, que se abriam para fora como venezianas, e outras duas portas internas decoradas, niveladas com a parede interna e que se abriam para dentro. Uma bonita janela encimava as portas internas. Seis grandes janelas de batentes duplos olhavam para a estrada, tendo venezianas de madeira do lado de fora.

Os trabalhadores locais construiriam a casa, assistidos por Ilija e seus irmãos; um marceneiro e sua equipe fariam o trabalho de madeira. Todas as casas da família teriam sua entrada pelo pátio. A construção começou logo.

A essa altura, a cidade de Glusci havia sido reconstruída e ampliada; a rua que atravessava a cidade fora coberta com pedregulhos. Não ficaram marcas visíveis da guerra. Mas os conflitos sempre deixam cicatrizes. Muito tempo depois que os combates terminam, permanecem feridas abertas.

A propriedade da família de Ilija agora abrangia cerca de 100 hectares. Seu tetravô havia adquirido o primeiro pedaço de terra na virada do século 19,

quando ele e seu irmão haviam fugido com suas famílias da Bósnia, ocupada pelos turcos, para o outro lado do Rio Drina, onde os sérvios haviam conseguido obter independência parcial. Eles se estabeleceram nos arredores da vila de Glusci, onde havia abundância de terra preta fértil.

Além da propriedade, a família possuía dez cavalos (oito para trabalho e dois para exposição), dez vacas suíças, seis bois, um enorme touro reprodutor chamado Bulko, 60 ovelhas, 100 porcos, quatro carroções longos usados para rebocar, dois carros leves de duas rodas, duas carruagens puxadas por um cavalo, e duas luxuosas carruagens de aluguel reservadas para ocasiões especiais e puxadas pelos dois cavalos de exposição.

Ilija era o encarregado do moinho de cereais; Mihajlo tomava conta da fazenda, do pomar e da serraria; e Milorad, como dirigente, cuidava do funcionamento geral da *zadruga*. As mulheres e as crianças mais velhas partilhavam uma variedade de tarefas: tirar leite das vacas, alimentar os animais, cuidar das crianças, cozinhar e assar. Os negócios da família prosperaram, e logo as foices e o trabalho manual foram substituídos pelo maquinário agrícola puxado por cavalos para semeadura e colheita.

Uma manhã, no início de setembro, Mara, sua cunhada Lila, e sua sobrinha Zivana, estavam trabalhando no campo perto do moinho, batendo e desembaraçando hastes de linho molhadas, quando Mara se curvou e gritou:

– Chegou a hora!

– Traga as duas sacolas! – gritou uma das parteiras para a outra, enquanto as mulheres conduziam Mara para a casa original, onde um dos quartos havia sido arrumado para o parto. A nova casa ainda estava em construção.

Enquanto Mara descansava, as parteiras davam ordens:

– Fervam água! Tragam lençóis limpos!

Lila e Zivana se apressavam para ajudar.

Uma das parteiras estendeu uma almofada de borracha sobre a cama e os lençóis que Lila havia trazido para Mara se deitar, e então preparou a grávida para o parto. As contrações de Mara se aceleraram e o procedimento evoluiu rapidamente.

– Empurre, Mara! Empurre! – insistiam as parteiras. Logo a cabeça do bebê apareceu. Alguns minutos depois, um vigoroso choro rompeu o ar matinal.

– É um menino, Mara! É um menino! – gritaram as parteiras em coro, enquanto uma delas erguia o bebê. Ela amarrou e cortou o cordão umbilical, limpou o bebê, enrolou-o num cobertor de algodão e o entregou à mãe.

– Mara – disse ela sorrindo. – Veja! Estávamos certas!

O rosto de Mara brilhou. O parto todo havia durado menos de uma hora.

– Agora você pode descansar. – Ela deitou o bebê junto à cama, num berço de madeira ornamentado, preparado pelo marceneiro local. Com o seu trabalho concluído, a parteira correu para fora da casa em direção ao moinho, gritando:

– Ilija! Ilija! Você tem um filho! Mara deu à luz um menino!

Dentro do moinho, Ilija ficou pasmo ao ouvir a notícia. Trabalhadores e clientes festejaram. O ruído da comemoração ecoou na casa e nos ouvidos jubilosos de Mara.

Nesse ínterim, Mara começou a ter contrações outra vez.

– Está vindo mais um! – gritaram as mulheres. As parteiras se prepararam para um segundo parto. Lila se apressou para buscar mais lençóis, e Zivana correu para buscar o berço de sua filha para ter onde colocar o inesperado bebê.

Dez minutos após o primeiro parto, outro choro ressoou.

– É outro menino! – exclamaram as mulheres. – Mara, você tem dois meninos, gêmeos!

– Ó, meu Deus, esperei tanto, e agora o Senhor me deu dois filhos. Meu cálice transborda! – orou ela em voz alta.

Após limpar e colocar o segundo bebê no berço emprestado, a segunda parteira correu para fora da casa, gritando o mais alto que os pulmões permitiam:

– Ilija! Ilija! Você tem mais um filho. Mara deu à luz dois meninos!

Dentro do moinho um brado trovejante soou, envolvendo o jubiloso pai com congratulações. Todas as atividades cessaram, e a comemoração encheu o ar. Os gritos de “viva os gêmeos!” chegaram à casa de Mara.

Repousando com alegria na cama, tendo os filhos adormecidos ao seu lado, nos dois berços, o coração de Mara vibrava de gratidão e louvor. Quando Ilija a visitou mais tarde, olhando com orgulho os filhos, brincou dizendo:

– Mara, você me deu uma ninhada! Não é de admirar que sua barriga

estivesse tão grande!

– Eles pesam mais de três quilos cada um – exclamou uma das parteiras. Ilija imediatamente ordenou que fosse construído um novo berço, suficientemente grande para acomodar os dois bebês.

Oito dias depois, *Prota* Mihajlo, o padre, veio à casa atendendo ao convite de Ilija para batizar os garotos à maneira ortodoxa e dar-lhes os nomes cristãos com que os pais e o padrinho haviam concordado.

Sem demora, o marceneiro entregou um belo berço de madeira pintado de branco com o dobro do tamanho do primeiro. Um dos lados podia ser baixado e erguido. Os gêmeos haviam começado a vida juntos no mesmo útero. Agora eles partilhariam o mesmo berço.

A notícia logo se espalhou. Amigos e vizinhos vieram para admirar os garotos e ver o berço personalizado. Todos se maravilhavam de que Mara, com 38 anos de idade, e Ilija, com 40, tivessem gêmeos, quando não havia tal ocorrência em ambos os lados da família e nenhum caso de gêmeos idênticos em toda a região.

Um dia, vários rostos estranhos apareceram à porta.

– Pois não – disse Mara. – Eu conheço vocês?

– Viemos de outra vila. Ouvimos falar dos gêmeos e gostaríamos de vê-los pessoalmente! – confessaram eles. A mãe concordou com alegria.

Com dois meninos saudáveis, a taça de Mara transbordava. Deus estava em Seu trono. Tudo estava bem em seu mundo. Mal sabia ela o que o ano seguinte traria.

CAPÍTULO 3

AS ESTRANHAS PALAVRAS DE JOHANN

– Cveja parece mais gordo do que Voja. Você concorda? – perguntou Mara a uma das parteiras algumas semanas mais tarde.

– Você dá de mamar a eles sempre no mesmo seio?

– Sim, Voja no seio direito – ele é o primogênito – e Cveja no esquerdo. Parece que eles sentem fome ao mesmo tempo, de modo que eu os alimento juntos.

– Experimente trocar de seios ocasionalmente – sugeriu a parteira. – Algumas pessoas dizem que o seio esquerdo tem mais leite.

Na primeira vez que Mara tentou colocar Cveja no seio direito, Voja estendeu a mãozinha e afastou a boca do irmão. Mara pensou que ele estivesse brincando; porém, quando Cveja voltou a mamar, Voja fez isso de novo. Desta vez, Cveja chorou.

– Pare com isso! – ralhou ela com Voja. Mas o bebê não parou. Ele olhou Mara nos olhos e repetiu o ato.

– Não, não, não! – Ela bateu de leve no nariz dele. Ele se assustou, mas parou com essa conduta. Aparentemente, apesar de sua idêntica herança genética, as diferentes personalidades dos gêmeos estavam começando a se manifestar. Todas as semanas depois disso, Mara trocava as posições dos gêmeos, e eles se desenvolveram regularmente.

Dentro de algumas semanas, Mara se recuperou suficientemente do parto para retomar uma parte de suas tarefas, mas continuou a usar uma cinta em volta do abdome. Ela podia deixar os gêmeos adormecidos no berço enquanto trabalhava na cozinha ali perto. Eles continuavam morando na casa original, e sempre havia alguém nas proximidades para dar uma olhada nos meninos.

Num domingo, Mara fez arranjos com uma de suas cunhadas e se preparou para fazer sua primeira caminhada até a igreja desde o nascimento dos gêmeos. Ao descer os degraus da casa em direção ao portão, em sua roupa domingueira, uma voz familiar saudou-a por trás:

– Mara, ingênua Mara, você devia ter ido à igreja ontem. Hoje é o primeiro dia da semana. Ontem é que foi o sábado.

Chocada, Mara se virou e viu Johann, o mecânico chefe da família, vindo na direção dela, sorrindo. Mas ela não retribuiu o sorriso para Johann naquela manhã; apenas lançou-lhe um olhar de descrença. Alarmada por essa declaração, sua alegria se derreteu como a neve na primavera. Em pé diante dela, as palavras e o vulto daquele homem lançaram uma sombra em seu caminho.

– Johann, suas palavras são estranhas. – Ela pôs embaixo do braço o enorme embrulho que estava carregando, afastou-se do mecânico, atravessou o portão e saiu para a estrada. – Não posso me atrasar – disse ela, indo embora.

Parado no portão, Johann observou a silhueta baixa e sólida de Mara diminuir ao ela prosseguir pela estrada a passos largos. *Sinto muito, Mara, vejo que a deixei perturbada*, exclamou ele para si mesmo. *No entanto, fiquei calado por tanto tempo.* Balançando a cabeça, ele se encaminhou para o moinho.

Os raios do sol matinal seguiram os passos de Mara sobre o caminho gramado que margeava a estrada para a cidade. Ao andar penosamente, o pacote embaixo do braço começou a ficar incômodo, e ela o trocou de lado distraidamente. Nesse ínterim, como uma agulha de fonógrafo sobre um disco riscado, sua mente repetia as palavras de Johann: *Você devia ter ido à igreja ontem. Hoje é o primeiro dia da semana. Ontem é que foi sábado.* Sacudindo a cabeça como se fosse expulsar essas palavras, ela as contestou mentalmente: *Como é que Johann pôde dizer tal coisa? O que será que deu nele?*

Um coelho atravessou pulando seu caminho e se enfiou em meio aos arbustos. Embora os dias mais frios do outono estivessem se aproximando, moitas de flores silvestres amarelas ainda sorriam de ambos os lados da estrada. Num galho acima de sua cabeça, um pássaro azul soltou uma nota aguda, e o ar irrompeu em melodia. Gradualmente, a indignação de Mara diminuiu, mas em seu lugar surgiu uma estranha inquietação: *Seria possível que Johann estivesse certo? Estaria eu adorando a Deus no dia errado? Como pode ser isso? Todos os cristãos não vão à igreja no domingo?* Sua mente ficou confusa.

Na paisagem plana diante dela, erguia-se a silhueta branca de uma igreja de arquitetura bizantina com três cúpulas. Na cúpula maior, ao centro, uma cruz dourada reluzia ao sol. Como uma sentinela dando as boas-vindas a um cansado viajante, aquela vista familiar aqueceu o coração de Mara.

– Bom dia, Mara – saudou-a uma voz profunda e melodiosa. Ela parou de orar e de acender as velas no pórtico da igreja, a fim de ver uma imponente figura que se aproximava em sua ondulante batina preta. O sacerdote usava um gorro escuro na cabeça grisalha e uma enorme cruz de prata bizantina que balançava em uma longa corrente pendurada ao pescoço. Um sorriso brincava de esconde-esconde entre o bigode grisalho e a comprida barba branca dividida ao meio e caída ao peito.

– *Prota* Mihajlo, eu trouxe um presente para a igreja – exclamou Mara alegremente. Ela se abaixou para tirar o pano que envolvia o pacote e desenrolou o colorido tapete bordado sobre o piso de madeira. – Teci isto durante os últimos meses de minha gravidez enquanto a família dormia. É o meu presente para a igreja. Um símbolo de minha gratidão a Deus pelos filhos que Ele me deu. Eu mesma tosquiei e tingi a lã.

– Magnífico! – exclamou *Prota* Mihajlo com satisfação, inspecionando o trabalho dela. – Você é muito generosa, Mara. – Ele sorriu para ela com aprovação. – Agora, com sua permissão, venderemos este tapete para levantar fundos para completar a iconóstase. Alguns ícones decorativos a mais tornarão bonito o biombo do altar.

Mara assentiu com a cabeça. Sua face angélica brilhava.

Tomando-lhe a mão entre as suas, o sacerdote a apertou com entusiasmo, então se inclinou, pegou o tapete, enrolou-o e se encaminhou com ele através da nave na direção do altar. Sua batina flutuava por trás dele a cada passo.

Quando Mara voltou para casa após a liturgia, ainda sentia o adocicado cheiro de incenso em suas narinas, e a monótona cantilena do sacerdote ainda ecoava em seus ouvidos. Entretanto, outros sons menos agradáveis e confortadores lhe perturbavam a mente também. As palavras de Johann lhe atormentavam o espírito.

Ao chegar a casa, Mara encontrou a cozinha agitada com preparativos para o almoço.

– Oi, Lila! – Mara saudou a cunhada ao entrar.

– Não temos diaristas hoje – disse Lila, que estava encarregada da cozinha naquela semana. – O moinho está fechado para reparos. Há apenas os três trabalhadores permanentes que moram aqui, sem mencionar suas famílias. As 26 bocas famintas precisam ser alimentadas.

Enquanto Mara se preparava para ajudar, os acontecimentos da manhã voltaram à sua mente. A porta logo se abriu e homens e crianças famintos entraram e se assentaram em duas longas mesas.

Da cozinha, Mara observou Johann entrando e sentando no banco à frente de Ilija. Os operários normalmente não comiam à mesma mesa com os membros da família, mas ele era uma exceção.

Tendo colocado fumegantes travessas de alimento sobre a mesa, as mulheres sentaram-se ao lado de seus maridos. Então Milorad se levantou. Os outros o imitaram. Ele recitou a Oração do Senhor, cruzando as mãos à maneira ortodoxa. Os outros fizeram o mesmo. "Amém!", exclamaram todos.

Sentados novamente, Ilija e Johann começaram a conversar sobre a peça quebrada do motor do moinho. Mara mordiscou a comida, esperando uma oportunidade de falar. O incidente da manhã, agora revivido em sua mente, gerou muitas perguntas.

Entre um bocado e outro, ela olhava de relance para o mecânico do outro lado da mesa, franzindo os lábios e pensando: *O que é que eu realmente sei a respeito de Johann? Só sei que ele cruzou o rio Sava dez anos atrás e que trabalha para a nossa família desde então. Sei que ele é descendente de alemães, que é um bom trabalhador e se casou com uma garota daqui.*

Aproveitando uma pausa momentânea na conversa, Mara rapidamente exclamou:

– Johann, preciso lhe perguntar algo sobre hoje de manhã. O que você disse me perturba. – Sua voz parecia séria.

Ilija se voltou para Mara com curiosidade, mas continuou comendo.

– Eu nunca lhe falei sobre o meu passado – respondeu Johann. Ele mastigou um pouco e pôs o garfo sobre o prato. – Venho de uma devotada família católica. Meu pai era dono de uma oficina de consertos de máquinas em Banat. Foi lá que aprendi meu ofício. Mas o sonho de meu pai era que eu me tornasse padre.

Johann fez uma pausa e mordeu os lábios.

– Fui para o convento e concluí meus estudos, mas desisti antes de fazer os votos. – Seu olhar se desviou ao observar de relance Mara e a sala cheia de pessoas. Então limpou a garganta e continuou. – Meus pais ficaram arrasados quando lhes contei. Foi quando saí de casa para começar uma nova vida aqui.

– O que aconteceu, Johann? Você pode me dizer? Por que não fez os votos? – perguntou Mara preocupada.

– Para lhe dizer a verdade, Mara, descobri que minha igreja mudou os Dez Mandamentos da lei de Deus. De fato, ela se colocou no lugar de Deus. Eliminou o segundo mandamento e dividiu o décimo em dois. – Ele fez uma pausa. – Ela também mudou o quarto mandamento, transferindo o sábado bíblico do sétimo dia da semana para o primeiro dia. Isso é o que eu quis dizer hoje de manhã.

Mara franziu a testa, tendo o rosto cheio de interrogações.

– Não entendo. O domingo não é o sábado cristão?

Johannn negou com a cabeça.

– O domingo é um dia pagão, um dia dedicado à adoração do Sol. O sábado é um memorial do poder criador de Deus. Deus abençoou e santificou o sétimo dia. Ninguém pode reivindicar o mesmo para o domingo. – Ele fez um gesto com o garfo. – Quando a Igreja Ortodoxa separou-se de Roma, no século 11, manteve a guarda do domingo assim como outras tradições não bíblicas. No entanto, por muito tempo a Igreja Ortodoxa guardou os dois dias. Não, Mara, o domingo não é um dia sagrado na Bíblia. Ninguém pode tornar sagrado o que Deus não abençoou.

Mara estava sentada em silêncio, com os olhos arregalados e a testa enrugada. *Será que estive desagradando a Deus adorando-O num dia pagão?* Johann confrontou-lhe o olhar fixo.

– Se realmente quer saber o que Deus diz, Mara, vá ver Mila. Você a conhece. O marido dela põe ferraduras nos cavalos de vocês. Ela tem uma Bíblia. – Percebendo sua aflição, Johann acrescentou: – Talvez eu não devesse ter dito nada. – E levantou-se. – A questão real não é tanto qual igreja ou que dia. É qual a autoridade que está por trás, a quem obedecemos: a Deus ou aos homens.

Pedindo licença, Johann pulou por cima do banco, atravessou a sala e saiu pela porta. Mara ficou sentada e indecisa.

CAPÍTULO 4

EM BUSCA DE RESPOSTAS

Destrancando o portão, Mara passou em frente à ferraria do marido de Mila. Ela continuou através do pátio e se aproximou da casa rebocada, com dois quartos, nos fundos, onde o casal morava. Tendo deixado os gêmeos aos cuidados de suas cunhadas, ela havia caminhado 1,5 km de sua vila até a cidade próxima de Uzvece, para ver Mila.

Estarei fazendo o que é certo? O que é que Mila vai me dizer?, perguntou-se ela. Circulavam boatos de que Mila pertencia a um grupo chamado sabatistas. Mara não tinha certeza do que eles criam, mas Johann dissera que Mila tinha uma Bíblia, e Mara precisava saber o que o livro sagrado dizia.

– Entre, Mara, entre – Mila lhe deu as boas-vindas na porta da cozinha. – O que traz você aqui? – O sol entrava por duas pequenas janelas, deixando sinais de luz sobre o chão batido e varrido. Sentada à mesa em frente de Mila, Mara relatou sua experiência com Johann.

– Foi por isso que vim aqui, Mila – Mara resumiu sua história. – Johann disse que você tem uma Bíblia, e eu preciso saber o que ela diz sobre o sábado.

– Que a bênção de Deus esteja sobre você, Mara – respondeu Mila, com o rosto se abrindo num sorriso. – Terei prazer em estudar com você. Poderia voltar aqui no sábado à tarde?

– No próximo sábado? Bem, sim... mas gostaria que você falasse comigo hoje. Tenho tantas perguntas!

– Certo, Mara. Você quer saber sobre o sábado. No entanto, deixe-me dizer a você algo mais importante primeiro. Algo essencial na Bíblia.

– Sim, o que é? – perguntou Mara.

– É sobre o plano de Deus para salvar os pecadores nesse grande conflito

entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo. A Bíblia trata a respeito disso tudo. Explica o que há de errado com este mundo. Todos nós precisamos entender isso.

– Sim, Mila, conte-me tudo.

Mila recostou-se na cadeira e começou:

– A Bíblia diz que, no princípio, Deus criou um mundo perfeito e duas pessoas perfeitas. Ele colocou Adão e Eva no Jardim do Éden, tendo a árvore da vida no meio do jardim. Eles podiam desfrutar de tudo, exceto de uma árvore: a árvore do conhecimento do bem e do mal. Deus lhes disse que se comessem do seu fruto, morreriam. Era um simples teste de obediência.

Mara se inclinou para frente, ouvindo com atenção.

– Mas o diabo mentiu para Eva por meio de uma serpente. Ele fora anteriormente o anjo mais importante no Céu, mas se rebelou e enganou um terço dos anjos, tornando-se Satanás, o inimigo de Deus. Deus teve que expulsar do Céu a ele e seus seguidores. O diabo disse a Eva que ela não morreria se comesse do fruto proibido, mas que, em vez disso, se tornaria como Deus. Ele mentiu, e Eva acreditou nele. Pense nisso, Mara. Deus deu tudo para Adão e Eva, e o diabo não lhes deu nada. No entanto, eles acreditaram no diabo, não em Deus. Esse foi o pecado deles. E foi assim que começaram todos os problemas deste mundo.

Mara ouvia com atenção. Mila estava contando a história em palavras que ela podia entender.

– Logo que Adão e Eva pecaram, a natureza e o mundo mudaram. Deus veio caminhando no jardim como antes; mas, dessa vez, eles se esconderam. Ficaram com medo, sentiram-se envergonhados e terrivelmente culpados. Não se sentiam felizes como antes. E sabe, Mara – disse Mila agitando o dedo –, desde então, as pessoas têm se escondido de Deus. O velho diabo continua mentindo e enganando. Deus chamou Adão. É claro que Ele sabia o que havia acontecido. Adão culpou a mulher por seu pecado e, indiretamente, também a Deus, pela mulher que lhe dera; Eva culpou a serpente que Deus havia criado. Desde então as pessoas também têm feito isto: culpado a Deus. Embora Deus ainda amasse Adão e Eva, por causa de seu pecado eles tiveram que sair do jardim, e um dia morreriam.

Mila mudou de posição na cadeira e bebeu um pouco de água. Ela havia

colocado dois copos na mesa, um pote de compota de cerejas e duas colheres. Mara continuava sentada ereta, na mesma posição. Seu copo de água permanecia intato. Ela estava bebendo as palavras de Mila e sentia-se satisfeita. Mila continuou.

– Deus prometeu um Salvador a Adão e Eva e lhes disse que deveriam sacrificar um cordeiro. Ele representava a Jesus, o Messias, que viria para ser castigado no lugar deles, para que um dia pudessem viver para sempre. Isso foi muito duro, pois os animais eram de estimação. O Senhor queria que eles entendessem quão terrível é o pecado. Ao sacrificarem o cordeiro, eles mostraram sua fé. A Palavra de Deus é eterna. Sua lei não pode ser mudada. Por isso é que Jesus precisou morrer. Você compreende, Mara?

– Sim, Mila, continue.

– Por causa da queda, todos os descendentes de Adão e Eva nasceram em pecado, como nós. Não somos felizes enquanto não fazemos as pazes com Deus. Não demorou muito, o mundo ficou cheio de pessoas que se voltaram contra o Senhor e se tornaram muito más. Então Deus enviou um dilúvio. Mas Ele mandou Noé construir uma arca para salvar todos os que cressem em sua mensagem. Foi muito triste, mas apenas os animais vieram! Para salvar a raça humana, Deus precisou destruir os que eram maus, antes que eles destruíssem tudo o que era bom. Apenas Noé e sua família creram e entraram na arca.

O rosto de Mara se iluminou. – Sempre me incomodou o fato de que Deus tivesse destruído o mundo, mas agora eu entendo. Ele estava na verdade salvando o mundo. É como tirar uma maçã podre de uma cesta para que ela não estrague as outras, não é mesmo?

– Exatamente, Mara. Muito bem! – A voz de Mila ficou mais forte ao continuar. – Logo a população do mundo aumentou novamente, e Deus criou a nação israelita para ser Seu povo escolhido, a fim de falar aos outros povos a respeito do verdadeiro Deus e Sua lei. Essa foi a missão deles. As outras nações adoravam ídolos, o Sol, e animais, mas os hebreus adoravam o Deus Criador. Eles sacrificaram animais por causa de seus pecados, e para mostrar sua fé no Messias vindouro. Contudo, os judeus interpretaram mal as profecias. Quando Jesus veio, eles não O reconheceram. Somente alguns creram. – Mila fez uma pausa. – E assim tem sido sempre, Mara. Apenas alguns creem. Não podemos seguir as multidões. Elas geralmente estão erradas.

Mara estava sentada na beira da cadeira, quase sem respirar.

– Jesus fez apenas o bem, mas pessoas ímpias O pregaram na cruz, e Ele morreu. No terceiro dia, Ele saiu da sepultura. Mais tarde, Ele subiu ao Céu. Os discípulos O viram. Antes de subir, Ele prometeu voltar um dia para levá-los ao lar celestial onde viverão para sempre. Não há nada que possamos fazer para merecer o Céu, você sabe. Jamais poderemos ser suficientemente bons. Jesus fez tudo. Se crermos e pedirmos que Deus nos ajude a obedecê-Lo e a nos arrepender de nossos pecados, Ele nos aceitará porque Jesus viveu uma vida sem pecado em nosso lugar.

Mila passou a mão sobre um livro preto, com capa de couro, que estava sobre a mesa. *Deve ser uma Bíblia,* pensou Mara, perguntando-se por que Mila não a havia aberto. *Papai tinha uma Bíblia como esta,* ela se lembrou, *mas pensávamos que ela era tão sagrada que tínhamos medo de apanhá-la para ler. O simples fato de tê-la em casa nos dava a sensação de que Deus estava perto.*

– É assim que somos salvos, Mara – pela graça, por meio da fé, como diz a Bíblia. – Mila começou a desacelerar. – Deus promete mudar o coração e a mente se confiarmos nEle e decidirmos obedecê-Lo. Ele transforma nosso caráter de modo a desejarmos realizar Suas boas obras. Ao mesmo tempo, aqueles que o diabo engana se tornam semelhantes a ele em caráter, e naturalmente executam suas obras más. – Mila fez outra pausa. – No fim, Mara, Deus endireitará todas as coisas. Os ímpios receberão seu castigo e os justos sua recompensa. O grande conflito terminará, o diabo e o pecado não mais existirão, e não mais haverá sofrimento ou guerra.

Mila suspirou profundamente, após falar por muito tempo. – Bem, Mara, acho que por hoje é só. Podemos estudar mais a Bíblia quando você voltar. Então responderei às suas perguntas sobre o sábado.

– Muito obrigada, Mila. Nunca ouvi ninguém me explicar isso dessa maneira – disse Mara levantando-se. – Voltarei no sábado para ouvir mais.

Caminhando de volta para casa, Mara ficou maravilhada. Embora suas perguntas não tivessem sido respondidas, uma paz inundou seu coração. De uma maneira simples e compreensível, Mila havia começado a abrir uma porta para os tesouros celestiais, e, ao Mara contemplá-los, ficou deslumbrada. Ela pensou no que Mila havia dito e no Deus que suas palavras revelaram. Os pensamentos se desencontravam em sua mente: *Deus criou os homens com liberdade de escolha. E Ele advertiu Adão e Eva sobre as consequências do pecado. Ele adverte a todos, mas nunca força ninguém. Em vez disso, Ele fez todo o*

sacrifício, todas as provisões para nos salvar. Os que morreram no dilúvio poderiam ter sido poupados, se tivessem escolhido isso. Como a arca, o Céu está aberto a todos.

Ansiosamente ela aguardou o próximo encontro na semana seguinte.

CAPÍTULO 5

UM DIA RESERVADO PARA DEUS

Quando Mara chegou à casa de Mila no sábado seguinte, à tarde, Dana, a filha de Mila, com oito anos de idade, juntou-se a elas à mesa. O livro preto, de capa de couro, estava aberto em frente dela.

– Hoje nós veremos o que a Bíblia diz sobre o sábado – disse Mila. Ela se virou para a filha: – Dana, leia para mim os primeiros três versos de Gênesis capítulo dois.

A garotinha pegou o livro preto e abriu as páginas no começo. Mara notou a facilidade com que ela pareceu encontrar a passagem. Dana leu: "Assim, pois, foram acabados os céus e a Terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera."

– Você vê, Mara, a Bíblia diz que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo dia. Ele começou no primeiro dia da semana. Veja o calendário. – Ela apontou para um pequeno calendário desbotado pendurado na parede perto do fogão a lenha.

– Ele mostra que o domingo é o primeiro dia – observou Mara com voz suave. – O sétimo dia é o sábado.

– Isso mesmo, Mara. Deus descansou no sábado. A palavra *sábado*, na verdade, significa *descanso.* Quando Deus descansou, Ele abençoou e santificou esse dia especial. Isso é o que as Escrituras dizem. Em lugar algum Deus abençoou o domingo. Isso simplesmente não está na Bíblia.

– Mas o sábado é o dia santo dos judeus, não é? – contestou Mara com o rosto confuso.

– Não havia judeus no jardim do Éden. Abraão, o pai dos judeus, só nasceu 2.500 anos mais tarde. Deus deu o sábado a Adão e Eva para ser o dia de adoração para a raça humana, da mesma maneira como deu o casamento para toda a raça humana. Tanto o sábado como o casamento se originaram no Éden. Ambos são para todos. Se o sábado é judaico, o casamento também é.

Com isso, Mara ergueu as sobrancelhas e se ajeitou na cadeira.

– Os judeus guardavam o sábado porque naquele tempo eles eram o único povo que adorava ao verdadeiro Deus. Encontre os Dez Mandamentos – ordenou Mila à filha. – Eles estão em Êxodo, capítulo 20. Leia o quarto mandamento.

Dana encontrou o texto e leu em voz alta: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou."

– Deus nos disse para lembrar porque sabia que o povo esqueceria. O que torna o Senhor diferente dos deuses falsos, Mara, é que Ele é o Criador. O sábado nos lembra desse fato. É por isso que O adoramos. O sábado é o único dia de descanso tanto no Antigo como no Novo Testamento. Jesus guardou o sábado quando viveu na Terra. É o que está escrito em Lucas 4:16. – Ela se voltou para Dana, e a menina abriu a Bíblia no Novo Testamento e leu: "Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o Seu costume, e levantou-Se para ler."

– Jesus guardou o sábado até mesmo enquanto estava no túmulo, após Sua morte. Dana, por favor, leia Lucas 23, versos 54 a 56. – Mais uma vez a garotinha rapidamente achou o texto e leu: "Era o dia da preparação, e começava o sábado. As mulheres que tinham vindo da Galileia com Jesus, seguindo, viram o túmulo e como o corpo fora ali depositado. Então, se retiraram para preparar aromas e bálsamos. E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento."

– Você ouviu isso, Mara? – perguntou Mila. – As mulheres descansaram segundo o mandamento, e Jesus repousou no túmulo. Portanto, a Sua ressurreição no domingo apenas confirmou o sábado, em vez de mudá-lo. Ele simplesmente ressurgiu no primeiro dia de trabalho da semana. Leia Atos 17, verso 2, Dana.

“Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras.”

– Isto é importante, Mara. Paulo se tornou cristão muitos anos após a ressurreição de Jesus. No entanto, ele adorava o Senhor no sábado. Deus lhe apareceu, mas nunca lhe disse que o sábado havia sido mudado. Paulo foi enviado aos gentios. Isso mostra que o sétimo dia é para os gentios também. – Mila fez uma pausa.

– E não apenas isso. Jesus esperava que Seus seguidores continuassem guardando o sábado do sétimo dia mesmo após a morte de Paulo, muitos anos mais tarde, quando Jerusalém foi destruída. Ele falou sobre isso em Mateus 24, versos 19 e 20. – Dana achou os versos e leu: “Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado.”

– Será que Deus não nos diria em algum lugar se tivesse havido uma mudança? No entanto, simplesmente não há menção disso. E por que motivo Deus mudaria Seu dia especial para um dia pagão? Não faz sentido. Jesus disse especificamente que Ele não fez tal coisa. – Ela citou de memória Mateus 5:17: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a Terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.” – Estas são as palavras de Jesus. A lei de Deus é eterna.

Durante todo o tempo em que Mila falava e Dana lia, Mara permaneceu sentada absorvendo suas palavras. Então ela perguntou:

– Mas, Mila, se Jesus não mudou o sábado, como é que ele foi mudado?

– Os seres humanos mudaram a lei de Deus em violação à Sua Palavra – respondeu Mila. – Mas Deus declara que deixará de lado toda e qualquer tradição contrária à Sua lei. – Ela se dirigiu à filha: – Dana, leia Mateus 15, versos 3, 9 e 13. – Quando Dana achou os textos, leu: “Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? [...] E em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. [...] Toda planta que Meu Pai celestial não plantou será arrancada.”

– Na verdade – continuou Mila – Deus proíbe que alguém acrescente ou retire algo de Sua Palavra. – Ela mencionou Deuteronômio 4:2 e Apocalipse

22:18 e 19, mas não pediu que Dana os lesse.

Mila permitiu que Mara tivesse tempo para absorver tudo que havia ouvido. Era muita informação para ela compreender de uma só vez. A anfitriã apanhou um jarro sobre o balcão e encheu os copos com água. Enquanto ambas bebiam, Mara pensou no que estava aprendendo.

– É como um nascimento. – As palavras caíram-lhe dos lábios. – O sábado é como o nascimento do mundo.

– Com certeza! – respondeu Mila, surpresa e contente pelo discernimento de Mara. – Ninguém pode mudar o dia do seu nascimento, não é mesmo?

– Leia estes últimos versos novamente, Mila – Mara pediu depois de discutirem um pouco o assunto. A essa altura. Dana já havia saído para brincar.

Mila ficou com o rosto corado e baixou os olhos.

– Não sei ler, Mara – disse ela com a voz acanhada. – É por isso que Dana lê para mim. Não lhe falei isso na semana passada porque fiquei com receio de que você não voltasse.

– Mas... você sabe tanto! Você fala como um pregador. Como é que aprendeu tudo isso? – perguntou Mara, chocada com a confissão de Mila. Aqui estava uma mulher que conhecia a Bíblia melhor do que qualquer pessoa com a qual já havia entrado em contato, no entanto, Mila era analfabeta.

– Oh, eu venho memorizando versos há anos. Ouço o pregador, procuro ligar algumas palavras com os textos de modo que posso pedir que Dana os encontre para mim depois. – Mila interrompeu antes de acrescentar suavemente: – Que Deus abençoe minha mente. – Então ela confidenciou alegremente: – No ano passado, Dana foi para a escola. Agora ela está me ensinando a ler, mas ainda não estou preparada.

– Onde posso comprar uma Bíblia? – perguntou Mara. – Quero ler a Palavra de Deus por mim mesma.

– Vou encomendar uma de Sabac. Você provavelmente terá uma na próxima semana – prometeu Mila.

O rosto de Mara subitamente ficou triste ao ela falar brandamente.

– Sabe, Mila, eu acredito que o sábado é o dia de descanso de Deus. Johann estava certo. Mas como poderei descansar cada semana, do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado, enquanto a família trabalha? O que eles vão

pensar? Como poderei explicar?

– Não desista, Mara. Vejo que Deus a está guiando. Ore e creia. Vou orar por você, também – disse Mila. – Se o Senhor a está chamando para obedecer, Ele fará com que isso seja possível. Lembre-se de que Deus tudo pode.

Assim começaram os estudos bíblicos de Mara, com Mila dizendo a Dana para achar os versos e então lê-los em voz alta. As amigas discutiam esses textos zelosamente. Caminhando de volta para casa, mais tarde, Mara orou. Ela estava aprendendo um novo modo de falar com Deus, usando palavras suas, que lhe vinham do coração, e não de um livro de orações.

Querido Deus, orou ela silenciosamente, *Tu sabes todas as coisas. Conheces o meu coração. Esses estudos com Mila acenderam uma chama em minha alma que não se apagará. Tenho sede de saber mais. Minhas visitas à Igreja Ortodoxa elevaram meu espírito em reverente adoração, mas têm-me deixado ignorante das Escrituras tanto ao entrar como ao sair. Nunca pude entender as palavras do sacerdote na velha língua eslava. Nessas duas visitas a Mila aprendi mais sobre a Bíblia do que jamais imaginei. Se queres que eu guarde o Teu sábado, por favor, torna isto possível. Obrigada, Jesus. Amém.*

Quando Mara chegou para o seu terceiro estudo bíblico, Mila lhe entregou um pacote, dizendo:

– Aqui está a sua Bíblia.

– Minha Bíblia! – exclamou Mara segurando reverentemente o livro junto ao coração, com os olhos brilhando.

Ela levou a Bíblia para casa e começou a lê-la avidamente, utilizando alguns minutos cada dia, bem cedo pela manhã, antes que os outros acordassem, ou à noite enquanto a família dormia. Ao continuar seus estudos semanais com Mila, ela sentiu que Deus estava perto dela. Assim, imersa nas Escrituras, sua compreensão e amor por Deus aumentaram de modo constante. Ela passara a conhecê-Lo pessoalmente, como seu melhor Amigo, amoroso Salvador e Senhor de sua vida. Sua fé lançou raízes profundas. Levando o problema do sábado para Deus, ela jejuou e orou pedindo sabedoria, uma prática que manteve por toda a vida.

A resposta veio alguns dias depois, após conversar com sua cunhada Lila e explicar o problema.

– Não vejo por que isto não possa ser contornado – disse Lila. – Posso

assumir o seu lugar aos sábados, se você me substituir em um dos meus dias de serviço. Tenho certeza de que alguém estará disposto a cuidar dos gêmeos em sua ausência.

– Ó, Lila, como poderei lhe agradecer? – exclamou Mara transbordante, dando-lhe um abraço. Quando ela consultou as outras mulheres, elas também pareceram satisfeitas com o acordo. Mais tarde, a sós, Mara elevou uma oração de gratidão e louvor a Deus. Sempre que substituía Lila, Mara trabalhava mais do que o exigido, desejando assim, aliviar a carga de sua cunhada para o dia seguinte.

Senhor, ajuda-me a manter um bom relacionamento com a família. Não posso deixar que o meu desejo de Te servir me impeça de cumprir minhas responsabilidades em casa, orava ela com frequência.

Cedo, no sábado seguinte, pela primeira vez Mara se juntou a dois pequenos grupos das aldeias vizinhas que se reuniam para estudar e adorar a Deus no modesto lar da família Borovich, em Uzvece. Vizinhos e amigos ficaram estupefatos ao vê-la em seu melhor vestido e chapéu, passando por eles rumo a Uzvece, na direção oposta da Igreja Ortodoxa de Glusci, para a qual ela sempre havia se dirigido cada domingo. Após a reunião, ela se apressou em voltar para casa a fim de amamentar seus meninos e então ir à casa de Mila à tarde, para outro estudo.

– O que é que você está fazendo aos sábados? – perguntou Ilija à sua esposa.

Mara respondeu da melhor maneira que pôde.

– Essa realmente não é uma ideia estranha para mim – disse ele. – Quando fui prisioneiro de guerra em Budapeste, o comerciante judeu que cuidava de mim, fechava seu comércio cada semana, do pôr do sol de sexta-feira até o pôr do sol de sábado. Mas ele era judeu. Você não. Francamente, Mara, eu não entendo. Todavia, se isso deixa você feliz, vá em frente. Não acredito que essa atitude vá mudar alguma coisa.

Logo Ilija descobriria quão errado estava. Tudo em sua vida dependeria dessa decisão.

CAPÍTULO 6

MENSAGEM URGENTE

– Hoje estudaremos sobre a segunda vinda de Jesus – disse Mila no sábado seguinte, quando Mara chegou à tarde para continuar seus estudos. Dana não estava lá.

– Sabe, Mara, Jesus prometeu voltar à Terra – começou Mila. – Ele disse isso aos Seus discípulos. Você poderia achar João 14, versos 1-3? Fica perto do começo do Novo Testamento.

Agora que ela possuía uma Bíblia e estava ficando familiarizada com o conteúdo, Mara queria encontrar os textos sozinha. Ela abriu a Bíblia no marcador de páginas colocado entre o Antigo e o Novo Testamento, então folheou os Evangelhos até o livro de João, e leu: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também."

– Pense nisso, Mara. O Rei do Universo deseja que passemos a eternidade com Ele! – O rosto de Mila brilhou enquanto ela falava. – Jesus até mesmo nos disse como viria, de modo que ninguém fosse enganado. Leia Mateus 24, versos 27, 30 e 31. Mateus é o primeiro livro do Novo Testamento.

Mara leu: "Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem. [...] E verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus."

– Leia Apocalipse 1:7, Mara. Apocalipse é o último livro da Bíblia.

Mara foi lá para o fim e leu: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho O

verá, até quantos O traspassaram. E todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele. Certamente. Amém!"

– Esse é um acontecimento brilhante e glorioso, um evento sonoro. Ninguém deixará de vê-lo. Não ocorrerá em segredo. Jesus veio a primeira vez para salvar o mundo. Virá a segunda vez para julgar o mundo e dar aos justos a sua recompensa – acrescentou Mila. – Ele diz isso em Mateus 16:27.

Mara voltou ao lugar onde estava o marcador de página, procurou o capítulo e leu: "Porque o Filho do Homem há de vir na glória de Seu Pai, com os Seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras."

– Diga-me, Mila, quando isso acontecerá? – perguntou Mara, ansiosa.

– Ninguém sabe exatamente o dia ou a hora, mas Jesus disse que devemos vigiar e estar preparados. Volte para o Apocalipse novamente, capítulo 20, versos 11, 12 e 15.

Mara achou a passagem e começou a ler: "Vi um grande trono branco e Aquele que nele Se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. [...] E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo."

– Esse fogo é reservado para o diabo e seus anjos maus, mas todos os seus seguidores serão queimados com ele – acrescentou Mila. Quando Mila olhou para Mara outra vez, sua face estava pálida. – O que foi, Mara? Você está bem?

– Oh, Mila, que terrível será esse lago de fogo! O que devo fazer para ter meu nome inscrito no Livro da Vida?

– Quando nos arrependemos e decidimos seguir a Jesus, nosso nome vai para o Livro da Vida. Se nos arrependermos e confessarmos nossos pecados, Deus promete nos perdoar e purificar de toda iniquidade. Então estamos prontos para ser batizados. Em relação ao batismo, precisamos ter idade suficiente para tomar essa decisão. Lembra-se de João Batista? Ele batizou as pessoas por imersão no rio Jordão. No batismo, nós morremos simbolicamente para o pecado, nossa velha vida é sepultada, e ressurgimos para uma nova vida.

– Isso é lindo, Mila! Estou pronta. Quando poderei ser batizada? – perguntou Mara ansiosamente.

– Bem, você precisa continuar estudando, de modo que compreenda o que está prometendo. De qualquer maneira, você não pode ser batizada agora. Estamos no rigor do inverno, e está muito frio. Não temos batistérios internos, e os rios estão congelados. Na primavera, você estará pronta, e o clima estará mais quente.

– Oh, não, Mila, não posso esperar tanto – replicou Mara entristecida. – Jesus pode voltar e eu quero estar preparada.

– Não há, na verdade, tanta pressa, Mara. Deus conhece seu coração. É improvável que Ele venha tão já.

– Mas como você pode ter tanta certeza? E se Ele vier? Preciso ser batizada imediatamente – insistiu Mara.

– Está bem, Mara – Mila finalmente concordou. – Vou enviar uma mensagem ao pastor em Sabac e ver o que ele diz.

Alguns dias depois, veio a resposta. Um corajoso e dedicado primeiro-ancião consentira em realizar o batismo. Era em sua casa que o grupo do distrito de Sabac se reunia. Mara ficou emocionada.

Cedo, no sábado marcado, 18 de janeiro de 1930, Mara, juntamente com Mila e três outros membros de Uzvece, rodou os 19 km até Sabac numa carruagem aberta puxada por cavalos. Dois homens do grupo local se encontraram com eles lá.

– Tivemos que fazer um corte de mais de 30 cm de profundidade no gelo – disse um deles ao grupo. – Você é uma mulher corajosa. Vamos levá-la ao lugar. O espaço é apenas suficiente para você ser batizada.

E assim, naquele dia ensolarado e sem vento, às margens do Rio Sava, dez pessoas decididas formaram um círculo de oração. As palavras do hino “Tal Qual Estou” flutuaram sobre o gelo enquanto duas figuras vestidas em roupões brancos, separadas do grupo entraram na água gelada apenas o suficiente para Mara ser mergulhada.

O ancião ergueu a mão sobre a cabeça dela, orou, e então rapidamente a imergiu de costas na água. Eles saíram com frio e tremendo; os roupões estavam colados ao corpo, e os dentes batendo. Logo foram amparados pelas testemunhas, enrolados em cobertores de lã e receberam toalhas para secar-se. Além disso, os irmãos seguraram outras mantas, de modo que eles pudessem se trocar, colocando roupas secas, pois não havia abrigos ou casas nas

proximidades. Secos, vestidos, e enrolados em cobertores, os dois corajosos e mais oito membros felizes foram para a casa do primeiro-ancião para comemorar com uma refeição quente.

Agora batizada, e como legítimo membro da igreja, Mara sentiu-se aquecida pelo sorriso de Deus. Tudo à sua volta agora parecia mais brilhante e novo. Ela estava preparada para se encontrar com Jesus.

Mara não sabia; porém, nuvens tempestuosas estavam se formando no horizonte. Um momento decisivo se aproximava. Estaria ela pronta para enfrentá-lo?

CAPÍTULO 7

NUVENS TEMPESTUOSAS SE FORMAM

– Ilija, fui batizada – disse Mara ao esposo uma noite, pouco tempo depois, quando eles se preparavam para dormir. O coração dela estava radiante, com uma alegria que ela não conseguia ocultar.

– Batizada? O que você quer dizer? Você foi batizada na Santa Igreja Ortodoxa quando ainda era bebê. – Ele parecia confuso.

– Eu sei, mas essa decisão foi dos meus pais, não minha. Agora fui batizada adulta, como João Batista batizou num rio.

– Um rio? – Ele franziu a testa. – Onde? Está tudo congelado!

– No Sava. Alguns membros abriram um buraco no gelo. O primeiro-ancião de Sabac me batizou. – Ela sorriu, percebendo sua inquietação. – Não se preocupe, Ilija. Está tudo bem. Não fiquei doente. Esse batismo significa que eu prometo seguir a Jesus.

– Penso que isso é o que você tem feito, Mara. Você sempre foi à igreja.

– Sim, mas agora eu entendo muito melhor o que isso significa, o que a Bíblia diz. Estou muito feliz. Gostaria que você se unisse a mim.

Ilija suspirou. – Posso ver isso, Mara, e me sinto feliz por você. Mas essas suas novas ideias me confundem. Sou sérvio. Por que deveria eu frequentar uma igreja americana? Tenho a minha. – Ele estendeu as mãos. – Então... o seu batismo a torna americana agora? Ou judia? Não sei mais o que você é.

– Não, Ilija. Continuo sendo sérvia. E creio no mesmo Deus como antes. Exceto pelo fato de que agora O conheço muito melhor. Sigo os ensinamentos bíblicos mais de perto. Sou adventista do sétimo dia. Esse é o nome da minha igreja.

– É como eu disse, Mara. Sua nova religião me confunde.

A notícia do batismo de Mara logo se espalhou pela aldeia, e os vizinhos começaram a perguntar:

– Ilija, ouvi dizer que Mara foi batizada em outra igreja. Ela tem outro nome agora? – perguntou Krsta, um vizinho, a Ilija, no moinho.

Ilija encolheu os ombros. – Por que você não pergunta a Mara? – respondeu ele. – Ela está ali.

Mara estava junto a uma grande caixa de farinha onde a família armazenava a parte do produto que guardavam como pagamento da moagem. Vendo-a ali, Krsta se aproximou.

– *Tetka* [forma respeitosa de tratamento] Mara, ouvi dizer que você foi batizada. – Ele agitou os dedos. – Você tem um novo nome agora? Como devo chamá-la?

Mara riu. – Não, Krsta, não tenho um novo nome. Fui batizada da mesma maneira que Jesus. Você se lembra? João Batista O batizou no rio Jordão quando Ele era um homem adulto. Não recebi outro nome.

– Bem, *Tetka* Mara, não compreendo essas coisas, você sabe. Não leio livros religiosos como você. Então posso continuar a chamá-la de Mara? – Ele ergueu as sobrancelhas.

– Sim, Krsta. Continuo sendo Mara – sorriu ela.

A neve do inverno começava a derreter. Açafrões vermelhos e amarelos despontavam, e botões começavam a brotar nos galhos das árvores à medida que se aproximava a primavera e a natureza exalava nova vida. Nos cálidos sábados de tarde, Mara era encontrada sentada numa cadeira ao pé da velha macieira chamuscada que havia sobrevivido à guerra e sob a qual Jovan havia enterrado os ducados de ouro das mulheres antes de fugirem. A árvore estava ao lado de sua nova casa e continuava a viver e crescer. A cena era sempre a mesma, embora nos dias mais frios ela se enrolasse num suéter ou cobertor, tendo a Bíblia no colo, os óculos no nariz, um cobertor dobrado duas vezes que servia de almofada na cadeira em que sentava, e um banquinho no qual descansava os pés. Seus gêmeos geralmente dormiam no berço ao seu lado ou brincavam na grama aos seus pés, enquanto Mara contava histórias da Bíblia para Nata e Vera.

Quando os empregados contratados passavam, executando seus deveres,

eles saudavam Mara respeitosamente, tirando o chapéu e acenando com a cabeça. Ela os ouvia cochichando enquanto se cutucavam: “Mara está lendo a Palavra de Deus!” Essas pessoas de tradições orientais tinham uma fé pura, o temor de Deus e a reverência por Sua Palavra.

O mês de maio chegou, e embora naquele ano os trigais ainda estivessem verdejantes e faltasse um mês para a colheita, sempre havia carroças puxadas por bois ou cavalos com os donos esperando que os seus cereais fossem transformados em farinha.

Um dia, Mara pediu permissão a Ilija para assistir a uma grande reunião da igreja em Novi Sad, cidade a alguma distância dali.

– Os irmãos da igreja estão vindo de todas as partes da Iugoslávia – explicou ela. – Os membros locais vão nos dar pernoite em suas casas.

Ilija hesitou e disse:

– Não é costume nosso que uma mulher deixe sua família e saia sozinha para outra cidade a fim de passar um fim de semana, Mara. Você sabe disso!

– Sim, eu sei, Ilija, mas este é um grupo da igreja, e eu irei com Mila e outras três mulheres. Milorad disse que me levaria de carro à rodoviária. E eu já pedi à nora dele, Vukosava, para ajudar a amamentar os meninos em minha ausência. O bebê dela é apenas um mês mais jovem, e ela já me ajudou anteriormente quando o meu leite acabou. É preciso ter bastante para satisfazer dois garotos em crescimento.

O entusiasmo de Mara convenceu Ilija e ele concordou com relutância.

A reunião da igreja ocorreu no fim de junho, e os vizinhos notaram a ausência de Mara. Logo correu na aldeia a notícia de que Mara havia ido a uma “conferência”. Os homens começaram a ficar curiosos. Enquanto esperavam que o cereal fosse processado, eles muitas vezes passavam o tempo conversando. Dessa vez, o assunto era Mara.

– Escute, Ilija, como é que você deixa sua esposa sair desse jeito? – indagou um cliente. – Quem já ouviu falar de mulheres assistindo a conferências?

– Bem, Zivko, os tempos estão mudando. Talvez nós também precisemos mudar – respondeu Ilija, carregando um saco de farinha para uma carroça puxada por bois.

– Mulheres independentes, problemas na certa! – criticou outro, balançando

a cabeça. – Afinal, quem é que manda na sua casa?

– Deve ser Mara – respondeu Ilija bondosamente, indo cuidar dos seus afazeres.

– Ouvi dizer que Mara se tornou judia – observou alguém.

– Não, Dusko, ela frequenta uma igreja cristã aos sábados, não uma sinagoga. Ela diz que isso está de acordo com a Bíblia.

As pessoas da aldeia simplesmente não entendiam. Alguns, especialmente os homens, pareciam considerar as atitudes consideradas independentes de Mara como uma afronta pessoal, até mesmo uma ameaça. Das nações da Europa, os sérvios estavam entre os poucos que não tinham antecedentes de perseguição aos judeus, e muitos sérvios haviam perdido a vida na Grande Guerra tentando protegê-los. Portanto, não se tratava de preconceito. Ilija ignorava a maioria dos comentários dos homens.

Um dia, ele viajou para outra cidade a fim de comprar uma tora para ser serrada na serraria da família.

– Então, você é de Glusci – disse a dona da tora ao assinar o recibo de venda. – Você por acaso conhece o dono do moinho lá? Pelo que tenho ouvido, ele controla bem a sua empresa, mas não a esposa! – riu ela.

Surpreso e constrangido, Ilija sentiu o rosto ficar vermelho.

– Na verdade, eu sou esse homem – admitiu ele.

Agora foi a vez de a mulher ficar corada. Evitando o olhar dele, ela se apressou em pedir desculpas e rapidamente concluiu a venda. Ilija foi embora o quanto antes. Ao voltar para casa na carruagem, ainda constrangido pela humilhação, ele se lembrou das vezes em que os seus companheiros riram à sua custa. As zombarias cumulavam de vergonha o seu bom nome e a reputação dos quais ele se orgulhava. Agora, a desonra de sua esposa havia se espalhado para outras cidades. “Essa foi a gota d’água”, ele garantiu, rangendo os dentes.

CAPÍTULO 8

MARA E A PROVA DE FÉ

Naquela noite, uma chuva incessante caía sobre o telhado de sua casa enquanto as crianças dormiam, alheias ao drama que se desenrolava em outro quarto. Nessa ocasião, os gêmeos tinham quase um ano de idade; Vera tinha três, e Nata, dez. Leka, com 18 anos, ainda morava com os avós, embora viesse ver Mara em demoradas visitas.

Em seu quarto, Mara estava sentada na cama, observando os passos de Ilija. Ele se portava com tal dignidade que, por um momento, a mente dela voltou para o dia em que havia posto os olhos nele pela primeira vez, em sua túnica austríaca, na festa em sua aldeia anterior. Ela havia se apaixonado por ele, e ainda o amava. *Não há nada que eu não faça para agradá-lo*, pensou ela.

No entanto, agora, enquanto ele relatava os acontecimentos do dia, suas espessas sobrancelhas ficaram baixas sobre os olhos e o rosto assumiu uma expressão austera. Caminhando para lá e para cá, ele se aproximou de Mara e parou. Olhando-a de lado, deu-lhe um ultimato:

– Tenho sido muito paciente, Mara; mas isso já foi longe demais. Você não faz ideia de como me sinto. Meus companheiros zombam de mim. Tenho sido ridicularizado. Não posso mais aguentar. – Mara fitou-o nos olhos; eles continuavam sendo os olhos negros e profundos que a haviam cativado desde a primeira vez que os vira, mas agora havia algo mais neles. Ela achou que era dor.

– Você precisa esquecer essa sua religião, Mara, e ser como as outras mulheres. – Ele suspirou. – Ou... ou... terei de pedir-lhe que vá embora. – Quando essa última frase caiu de seus lábios, ele sentou-se pesadamente numa cadeira, segurando a cabeça entre as mãos.

Mara ficou horrorizada com as palavras dele explodindo-lhe na mente. Naquele momento, seu mundo feliz desmoronou, desfazendo-se em escombros

aos seus pés. Ela sentiu o pânico se avolumar dentro dela. Por um bom tempo ela não conseguiu responder.

– Ir embora, Ilija? Você quer que eu me vá? – disse ela recuperando a fala. Ela fitou o marido com incredulidade. – Mas para onde irei? Como vou sobreviver? O que vai ser de minhas meninas? Quem cuidará de meus bebês? – Ela proferiu essas palavras com calma, embora a mente gritasse.

– As crianças ficarão bem, comigo. As outras mulheres podem ajudar a cuidar delas, e Nata já tem idade suficiente para ajudar.

Mara estava sentada, abalada, avaliando os estragos. Sua mente se movia em disparada louca, desesperada. Dúvidas martelavam-lhe a cabeça. *Como é que Ilija pode me pedir que vá embora? O que aconteceu com o amor da minha vida? Não, ele realmente não quer que eu vá, posso perceber isto. O problema é que ele é um homem, e os homens são orgulhosos. Sem dúvida, ele pensou que eu desistiria ao me defrontar com este ultimato. E que tudo seria como antes.* Ela deu um suspiro. *Ele está errado, muito errado.* De algum lugar do seu íntimo, ela finalmente adquiriu forças para continuar.

– Ilija, eu faria qualquer coisa por você. Você e as crianças são a minha vida. – Ela se inclinou para frente, estendeu a mão para ele e então a abaixou. Olhando para o assoalho, disse-lhe: – Mas eu não posso fazer o que você pede, Ilija. Não posso. Suas mãos estavam cerradas com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Ela fechou os olhos. – Quando fui batizada, prometi obedecer a Deus sempre. Ele vem em primeiro lugar. Eu não poderei viver em paz se não seguir minha consciência. – Sua voz se enfraqueceu e então se tornou forte quando ela ergueu os olhos em direção aos dele. – Eu irei embora, se é isso que você quer, Ilija. – Ela disse essas palavras com esperança.

O rosto de Ilija perdeu a firmeza e ele se voltou para a parede, pálido. As palavras dela também o atingiram duramente, e ao olhá-la com expressão de surpresa, ficou de ombros caídos.

Lá fora a chuva caía incessante. Imensas gotas retumbavam no telhado e corriam dos beirais em torrentes, como lágrimas que os olhos de Deus derramavam, compadecidos de sua situação. Um vento melancólico soprava e gemia tristemente.

– Preciso de tempo para achar um lugar – murmurou ela.

Ilija se ergueu, caminhou até a janela e olhou para fora. Sem se virar, ele

concordou com a cabeça e então caminhou para a porta. Abriu-a e entrou no corredor. O estalido atrás dele ecoou em meio à solidão que cercava Mara. Ela ouviu a porta externa se fechar. Sentada sozinha sobre a cama, as dolorosas palavras de Ilija ainda lhe soavam aos ouvidos e reverberavam no quarto vazio: *Terei de pedir-lhe que vá embora! Vá embora! Vá embora! Vá embora!*

Sobressaindo-se à chuva incessante, um trovão ribombou fortemente. O vento lá fora passou a soprar com mais intensidade, açoitando a casa. De repente, Mara começou a tremer. Caindo na cama completamente vestida, ela chutou os sapatos e puxou o lençol sobre si. *Oh, Senhor! Oh, Deus! O que vou fazer?* Por muito tempo ela derramou súplicas a Deus até finalmente cair no sono.

Mara acordou de manhã cedo, antes do nascer do sol, com os olhos inchados. O lugar ao seu lado, na cama, permaneceu intato. Ilija deve ter dormido no moinho, como fazia com frequência quando trabalhava dia e noite. Uma olhada pela janela mostrou-lhe que a chuva havia parado. As nuvens noturnas haviam se desfeito e se espalhado em pequenos grupos. A manhã estava sombria, cinzenta e depressiva – como o seu ânimo. Deixando os gêmeos aos cuidados de Petra, ela vestiu uma roupa de lã e saiu. O coração lhe pesava como chumbo no peito enquanto ela se dirigia com os pés cansados para a casa de Mila. Fora a amiga quem a havia levado a ler e entender as verdades bíblicas. Talvez agora, ela pudesse lhe dar uma ideia do que fazer. Mara percorreu o caminho em meio a uma torrente de emoções, desviando-se das poças de lama formadas pela chuva da noite anterior. Sapos coaxavam nas valetas cheias de água em ambos os lados da estrada. Dessa vez, aquele caminho parecia longo demais.

Sentada à velha mesa com Mila, onde em dias mais felizes elas haviam estudado juntas, e o coração se havia enchido de regozijo, Mara contou sua história. Nessa mesma mesa familiar, as histórias do amor e compaixão de Cristo haviam, pela primeira vez, tocado-lhe o coração. Ali, ela havia conhecido a Deus, o qual ansiava ser seu Amigo e Salvador. Agora, tudo parecia diferente e obscuro. *Será que Deus espera tal sacrifício de mim? Seria essa a Sua vontade para a minha vida? Devo eu abandonar minha família a fim de agradá-Lo?* Ela lançou tais dúvidas à sua amiga enquanto esta procurava confortá-la.

– Não sei, Mara. Nós, sérvios, acreditamos na purificação por meio do sofrimento. Creio que Deus vai resolver isso para você. É difícil. – Mila fez uma pausa. – Conheço uma mulher influente em Sabac que poderia lhe arranjar

trabalho como empregada doméstica. Os adventistas são conhecidos como trabalhadores honestos. Vou tentar entrar em contato com ela. Enquanto não encontrar algo, você pode ficar aqui comigo.

Quando Mara voltou para casa, Ilija a estava esperando com expressão dura e aparência desfigurada. Sem demonstrar emoção, Mara lhe disse que estaria pronta para sair da casa no dia seguinte. Ele estremeceu com essas palavras.

Naquela noite, e até alta madrugada, Mara ficou sozinha em sua cama, suplicando a Deus. *Senhor Deus, será que me abandonaste? Como poderei deixar meus filhos? Os meninos são tão jovens. Tu os deste a mim. E agora vais tirá-los de mim? Prometeste em Tua Palavra ouvir as orações. Por favor, ajuda-me agora. Cuida de meus preciosos filhos.*

As densas trevas que pairavam sobre ela começaram a se dissipar, e uma calma inundou seu coração. Em sua solidão, ela sentiu uma Presença invisível. Deus estava com ela em meio a essa tormenta. Ela gemeu de cansaço e adormeceu.

Cedo na manhã seguinte, os raios de sol brilharam através da janela sobre a figura adormecida de Mara. Quando despertou e tentou sair da cama, descobriu que não conseguia se mover. Ela chamou Nata.

O médico veio examiná-la, mas não foi capaz de diagnosticar a causa de sua paralisia.

– Ilija, Mara necessita de repouso total. Você não deve movê-la. Seu estado pode facilmente piorar – advertiu ele. – Em sua situação atual, ela pode até morrer.

Ilija sabia que Mara não estava fingindo.

– Essa é a maneira de Deus me dizer que Ele quer que você fique, não é? – admitiu ele algum tempo depois que o médico foi embora. Mara não respondeu, mas o coração batia mais forte com esperança.

Uma semana depois, o médico voltou e encontrou Mara fora da cama, caminhando em volta como se nada tivesse acontecido. Ela havia se recuperado completamente da paralisia sem medicação nem sequelas.

– Isto é na verdade um milagre – exclamou o médico.

Embora Ilija não pedisse novamente que Mara fosse embora, as observações maliciosas de seus companheiros não cessaram. Ilija tentou

ignorá-las, mas a situação continuou a incomodar.

CAPÍTULO 9

A CRISE CONTINUA

A 20 km de distância, os dois irmãos de Mara moravam numa aldeia, cada qual com sua família, e o pai em sua própria *zadruga.* Esperando que eles pudessem lhe dar algum conselho, Ilija decidiu visitá-los.

Quando Ilija relatou a situação, Petar, o irmão mais jovem de Mara, minimizou.

– Então ela está frequentando outra igreja! E que importância tem isso? A maioria de nós nunca vai à igreja, embora nos consideremos cristãos ortodoxos.

Entretanto Mladen, o irmão mais velho de Mara, considerou as atitudes dela mais seriamente.

– Ela desonrou a família, é isso que ela fez. – Seus olhos faiscaram de ira. – Seja lá o que deu em minha irmã, posso lhe dizer isto: se ela fosse minha esposa ou uma de minhas filhas (todas as seis moram comigo, como você sabe), ela não seria bem-vinda em minha casa. – Sua voz transmitia confiança. – De minha parte, Ilija, você tem permissão para fazer o que quiser com minha irmã. Se eu não aceitá-la em minha casa, ela não terá para onde ir. Mais cedo ou mais tarde, ela cairá em si.

Assim, Mladen convenceu Ilija a concordar com seus planos. Ele prometeu visitar Ilija em data próxima – na *Slava* de Ilija. O santo da família era Inácio, e o seu dia era comemorado em 2 de janeiro.

Uma tarde, Milorad passou pela casa de Mara. Ele havia estado fora da cidade trocando cereais por roupas, açúcar, óleo combustível, e alguns outros gêneros para a família. Ele amava os gêmeos de Mara como se fossem seus filhos. Quando ele entrou, Cveja estava chorando e Mara o estava embalando no colo.

– Qual é o problema, Mara? Ele parece tão magrinho. Qual dos dois é esse aí?

– É Cveja. Ele não está conseguindo reter alimento ou líquidos. Volta tudo. – A voz dela estava triste de preocupação. – Voja também teve diarreia, mas o remédio que o médico lhe deu o ajudou. Já tentamos de tudo, Milorad. Mas Cveja está piorando. Tenho medo de que ele não sobreviva.

– Deve haver algo... Ouvi falar de um médico que usa remédios naturais. Posso levá-la até ele agora mesmo se você quiser. Não custa tentar.

Deixando Voja com Ilija, Mara enrolou Cveja em seus braços e subiu na carruagem com Milorad para rodar quase 13 km até o médico, o qual morava em outra cidade.

O idoso médico estava se preparando para fechar o consultório quando eles chegaram; mas, após dar uma olhada em Cveja, ele decidiu examiná-lo.

– Minha filha – disse ele após o exame –, tudo o que posso lhe oferecer é um simples remédio popular. Somente Deus pode ajudar seu filho. – Ele mandou que ela fervesse cevada e desse a Cveja um copo de água de cevada quatro ou cinco vezes por dia.

Ao retornar para casa, Mara fez o que o médico receitou, embora a simplicidade do remédio não a tenha impressionado. Oh, Senhor, permite que isso ajude. Tu és o Grande Médico, orou ela antes de dar a Cveja metade de um copo de água de cevada fria. Ele a bebeu vagarosamente – e a reteve. Um pouco mais tarde, Mara lhe deu outra dose. Naquela noite, pela primeira vez em semanas, Cveja dormiu a noite toda. É um milagre! Obrigada, Senhor!, exclamou a mãe, aliviada.

No dia seguinte, Mara repetiu as doses durante todo o dia, aumentando a quantidade de água de cevada e acrescentando uma fatia de torrada. Cveja bebeu e comeu tudo. Dentro de alguns dias, ele se recuperou e começou a se alimentar normalmente. Mara não podia parar de agradecer a Deus por ter salvado seu filho. Dez dias depois, Cveja havia engordado quase meio quilo, e tanto sua pele como o rosto pareciam mais sadios.

Os gêmeos ainda não haviam completado seu primeiro aniversário, e já estavam balbuciando, antes mesmo de andar. À noite, enquanto estavam sentados em seu berço, eles falavam incessantemente um com o outro. Voja falou primeiro. Cveja, ainda fraco devido ao seu ataque de diarreia, tentava se

erguer segurando-se na roupa do irmão. Após várias tentativas, Cveja deu seu primeiro passo.

O marceneiro local havia feito um berço de madeira com rodas. Nata orgulhosamente puxava os irmãos em volta da fazenda com Vera agarrada atrás. No moinho, os clientes e trabalhadores se aglomeravam em volta, tentando distinguir um do outro enquanto Ilija sorria de orgulho.

Depois que os gêmeos começaram a andar, não houve mais como detê-los. Vera os acompanhava por todos os lugares, ladeando-os como uma sombra e cantarolando: "Meus queridos irmãos, meus queridos irmãos." Vestidos com roupas idênticas que Mara havia costurado em sua máquina de costura adquirida em Sabac, os gêmeos confundiam os espectadores. Até mesmo Ilija achava difícil distingui-los. "O rosto de Cveja é mais delgado. Vejam, o cabelo dele forma um V na testa", explicava Mara.

Embora os garotos tivessem liberdade para correr para lá e para cá, Nata sempre ficava por perto. Ela os vigiava após as aulas enquanto a mãe trabalhava. Ao completar os quatro anos obrigatórios da escola fundamental, a garota parou de estudar. A escola secundária ficava na cidade de Sabac, e ela teria que sair de casa para frequentá-la. Na sociedade agrária daquele tempo e lugar, uma educação superior não era considerada essencial, especialmente para as meninas.

Sem demora, as cores brilhantes do outono começaram a se desvanecer, dando lugar às cores pardas do inverno, e ventos gélidos passaram a soprar. Embora o plantio e a colheita cessassem, os animais precisavam ser alimentados e conduzidos às pastagens, e era necessário tirar o leite das vacas. Os clientes traziam o milho seco e os demais cereais ao moinho para serem processados durante o ano todo.

Nas frias noites de inverno, a família se reunia na cozinha comunitária para comer e conversar, aquecida pelo fogo crepitante do forno de tijolos. A luz das lamparinas de querosene sobre a mesa lançava sombras esquisitas sobre as paredes brancas. Enquanto os adultos conversavam e riam, as crianças brincavam ao redor. Mihajlo muitas vezes tangia a sua rabeca de uma corda só, cantarolando as antigas canções da Sérvia num tom monótono, evocando os feitos heroicos dos antepassados.

O segundo dia de janeiro amanheceu frio e triste. Uma forte nevasca havia caído no dia anterior e deixara uma cobertura grossa e branca sobre a terra. Era o Dia de Santo Inácio. Amigos e familiares enfrentaram o mau tempo para realizar

a viagem até a casa de Ilija. Mladen, o irmão de Mara, com seu longo bigode preto e uma ondulante capa de lã, chegara com Petar e as esposas num trenó puxado por cavalos. Um dos filhos de Mihajlo trouxe *Prota* Mihajlo no trenó lindamente entalhado da família. "Que a paz esteja nesta casa", disse o padre fazendo o sinal da cruz ao entrar.

Mara não havia visto o padre desde o dia em que o presenteara com o tapete bordado, mas sua saudação foi tão cordial agora como quando ela frequentava regularmente a igreja dele. Ele batizara os meninos quando eram recém-nascidos e ficou feliz em vê-los agora.

Sessenta convidados se acomodaram nos bancos em ambos os lados de duas longas mesas na sala de jantar da nova casa. Nessa ocasião formal, o padre sentou no lugar de honra, na cabeceira. Os membros da família sentaram-se por ordem de idade.

Pratos tradicionais variados cobriam as mesas. Como essa *Slava* caía durante o período de jejum de seis semanas antes do Natal da Igreja Ortodoxa Oriental, peixe, queijo e pratos vegetarianos substituíram as carnes geralmente abundantes. Os rios estavam congelados, e não havia peixes disponíveis no local, de modo que dois dias antes, o filho mais velho de Milorad havia viajado até a costa do Mar Adriático. Ele havia retornado na noite anterior com uma grande quantidade de peixes embalados em sal grosso.

De um assento diagonalmente oposto a Ilija, Mladen lançou-lhe um olhar rápido. O anfitrião se dirigiu ao padre:

– *Prota* Mihajlo, tenho um problema – disse ele calmamente. – Mara mudou de religião. – Ele olhou para Mladen, o qual assentiu com a cabeça. – *Prota* Mihajlo, peço sua permissão para me divorciar de minha esposa.

As palavras de Ilija caíram como areia no fogo, apagando a alegria da ocasião para Mara e fazendo-a estremecer. Ela pensava que a crise havia terminado. Agora, ali estava ela, desamparada e vulnerável outra vez. Todos sabiam que ela frequentava outra igreja, e entre os presentes estavam vários homens que haviam irrefletidamente escarnecido de Ilija. Ao sentir todos os olhares alfinetando-a, ela baixou os olhos para o chão, desejando que ele se abrisse e a tragasse.

Como padre da aldeia, *Prota* Mihajlo havia certamente notado a ausência de Mara aos cultos por mais de um ano. Olhando atenciosamente para Ilija, ele se

inclinou para frente, batendo de leve com o dedo sobre a mesa, e respondeu:

– Ilija, a igreja não permite o divórcio sem motivo. Embora Mara frequente uma igreja diferente, ela continua sendo cristã. Ela acredita no mesmo Deus e na Santa Trindade. E eu sei que ela não cometeu adultério. Ilija, você não tem motivos para se divorciar.

Então, apontando o dedo para Ilija, ele continuou:

– Vou lhe dizer uma coisa que poderá surpreendê-lo. – Ouvidos curiosos se concentraram para ouvir. Não havia muitos segredos na pequena aldeia. – As pessoas dizem que há muitas correntes que levam ao Céu, mas há apenas uma corrente dourada que leva ao trono de Deus. – Ele fez uma pausa refletida. – Quem sabe! Talvez Mara tenha encontrado essa corrente dourada e nós estejamos todos errados!

Ilija se retraiu. Olhou para Mladen, cujo rosto refletia o próprio espanto. Milorad, que havia ouvido com atenção, levantou-se e falou com a autoridade de cabeça do clã:

– *Prota* Mihajlo falou. Não há razão para criticar Mara – ou Ilija. – Ele olhou para cada um na sala. – Somos pessoas democráticas e razoáveis. Cada pessoa tem o direito de decidir. Outros vivem pacificamente em nosso meio. Por que não um dos nossos? – Ele olhou para Ilija. – Vamos deixar que Mara sirva a Deus do seu modo e ore por nós.

Alívio e gratidão inundaram o rosto de Mara, admirada do que havia acontecido. Erguendo os olhos, ela se deparou com o afetuoso olhar do padre. Estivera à beira do abismo e fora salva dessa vez por um anjo de batina preta que ostentava uma barba grisalha ondulada.

Embora a declaração do padre tivesse resolvido o problema para Ilija e os homens de sua família, o mesmo não aconteceu com Mladen. Quando os convidados saíram, ele puxou Ilija para um canto e disse:

– Não desista ainda, Ilija. Vou achar outra oportunidade para endireitar minha irmã. Ela vai ceder, você vai ver.

CAPÍTULO 10

AS ANDANÇAS DE MARA À MEIA-NOITE

A essa altura, Mara já havia lido toda a Bíblia, e estava começando a lê-la outra vez. Desde que o padre fizera aquela declaração, ela passara a ser aceita pela família e pelos amigos, e sua confiança cresceu. Os clientes do moinho não mais incomodaram Ilija. Sob a influência do *Prota* Mihajlo, suas atitudes mudaram. A paz voltou outra vez ao espírito quebrantado de Mara.

As chuvas da primavera vieram e se foram. O calor mormacento do verão também passou. O trigo plantado no outono havia sido colhido em julho e estava secando no celeiro. As ameixas, colhidas em agosto, estavam fermentando em barris, sendo preparadas a fim de fabricar aguardente para exportação. Logo as uvas seriam apanhadas e espremidas para fazer vinho. As folhas da macieira predileta de Mara, sob a qual ela passara tantas horas sabáticas no verão, resplandeciam com a cor amarelo-alaranjado, com seus ramos sobreviventes agora se estendendo por dez metros de lado a lado, como uma abóbada de fogo. *Assim como eu, esta árvore resistiu a muitas tempestades, e sobreviveu,* pensava ela com frequência. Ao seu abrigo, ela encontrava conforto.

Fileiras de acácias que margeavam os campos rebentavam em pendões dourados. Em dias recentes, extensos campos de trevos haviam sido cortados, secados e armazenados para forragem. A terra arada deixara largas manchas negras pela paisagem onde o trigo havia sido semeado.

Certa noite, uma clara lua cheia iluminava o céu à meia-noite, lançando um brilho sinistro sobre os campos, enquanto uma figura solitária caminhava pelo meio da estrada. Baixa e encorpada, com um saco pendurado em seu ombro esquerdo e um longo bordão em sua mão direita, ela se movia refletidamente a passos largos. Em meio ao silêncio da cidade que dormia, os passos suaves de seus pés calçados com sandálias e as pancadinhas de seu bordão na estrada cascalhosa, ressoavam seu ritmo repetitivo.

Era Mara. Com roupa escura – lenço de cabeça, vestido, suéter e meias de lã – sua aparência se confundia com a cálida e negra noite de setembro. De vez em quando, ao caminhar, ela mudava o pesado saco de um ombro para outro e continuava sua peregrinação. Ninguém em casa sabia de sua misteriosa missão, exceto Nata.

Em algum lugar distante, um galo cantou sob o luar da meia-noite. Então outro ecoou o seu chamado noturno. Mara não tinha medo de caminhar sozinha no escuro. Ela era capaz de vaguear desprotegida calmamente por um cemitério à meia-noite, onde homens fortes, corajosos numa batalha, tremiam. Ela realmente tinha medo era de cobras, mesmo as de espécies inofensivas que encontrava ocasionalmente na horta. A história da serpente que enganou Eva no Jardim do Éden levando-a ao pecado, intensificava seu pavor.

O ar noturno, mesclado com o suave aroma de milharais maduros, tinha um cheiro fresco e limpo. Mara o aspirou profundamente. Ela partilhava esses momentos calmos de solidão no escuro com Deus. Em sua imaginação, ela e o Senhor eram os únicos no mundo todo que estavam acordados a essa hora e ocupados com suas tarefas.

Ela gostava de observar o céu estrelado, que cintilava acima dela como um manto de veludo cravejado de diamantes, e imaginar os mistérios que jaziam nas profundezas de seus recessos secretos. Que mundos, que vidas se movem despercebidas, desconhecidas, sobre os quais o soberano Deus reina gloriosamente? Esses momentos de solidão elevavam seu espírito para outra esfera, imbuindo sua alma de um amor mais profundo pelo que é sagrado.

Adiante, à sua esquerda, surgiu uma longa cerca de estacas que circundava um conjunto de três casas, cuja silhueta se vislumbrava ao luar. Ali, três irmãos – Krsta, Zivadin, e Dusan – moravam cada qual com sua família. Seus sete cães de vários tamanhos e mistura de raças eram mantidos acorrentados durante o dia e deixados soltos à noite para guardar o recinto. Quando ela se aproximou da primeira casa, onde Zivadin, o mais jovem dos irmãos, morava, os cães começaram a latir. Ao longo de toda a cerca, os outros cachorros se juntaram num coro de latidos, uivos e rosnadelas.

De repente, as correntes retiniram. Mara ficou petrificada. Completamente desprotegida, ela viu quando os sete animais, um por um, em pontos diferentes, pularam agilmente a cerca e vieram para a estrada. Cada um deles arrastava uma corrente com um toco de madeira amarrado na ponta, a fim de evitar que fizesse

o que havia justamente acabado de fazer.

Quando os cães investiram ruidosamente na direção dela, latindo e rosnando, Mara subitamente ergueu o bordão e o apontou para eles. Eles avançaram diretamente para ela, e então ficaram quietos e se colocaram em fila, com as orelhas e o rabo erguidos. Ela manteve o bordão apontado para eles enquanto continuava a caminhar. Logo que passou por eles, os cães começaram a latir de novo, desfizeram a fila e pularam, um a um, a cerca de volta para o quintal. Correntes e tocos retiniram e se chocaram atrás deles.

Cedo, na manhã seguinte, os agricultores começaram a fazer fila junto ao moinho com seu trigo recém-colhido e seco, pronto para ser moído e transformado em farinha. Com o fim da colheita, o período de moagem estava em plena atividade. Carroças puxadas por cavalos e carros de bois chegavam, descarregando de quatro a 30 sacos de trigo.

Centenas de sacos, pesando de 45 a mais de 90 kg cada, se empilhavam em camadas cruzadas até a viga mestra do teto do moinho, na plataforma de cima. Outros sacos já transformados em farinha aguardavam na plataforma debaixo para serem transportados. Logo a colheita de milho teria início, e o moinho continuaria trabalhando 24h por dia no mês de dezembro, antes de diminuir o ritmo. Durante todo o tempo, cinco a dez operários ajudavam Ilija, enquanto dez a 20 pessoas esperavam sua farinha.

Por volta das 9h da manhã, Zivadin, com a barba por fazer e ar de cansado, chegou ao moinho e parou na entrada. Ilija, com aparência distinta, na sua túnica preta, calças de cor cinza e chapéu preto de feltro, estava esfregando uma amostra de farinha entre os dedos para analisar sua textura. A etiqueta sobre o saco diante dele especificava que a farinha deveria ser moída bem fina.

Quando Zivadin viu Ilija, começou a chamá-lo. De repente mudou de ideia e se virou para ir embora. Parou na soleira da porta, olhou para trás, e daí parece que se dispôs a esperar. Remexendo-se nervosamente, seus olhos fitaram inexpressivamente a plataforma de madeira enquanto os lábios se moviam num ensaio silencioso do que pretendia dizer.

– Bom dia, Zivadin – gritou Ilija alegremente. Ele havia notado o homem em pé do lado de fora da porta aberta, imerso em pensamentos e de mãos vazias. – O que o traz aqui, meu amigo?

– Ilija – começou Zivadin timidamente. – Vim aqui porque algo estranho

aconteceu esta noite. Eu mesmo mal consigo acreditar. – Ele baixou o olhar e mordeu o lábio. – Esta noite tive uma tremenda dor de dente que me deixou acordado. Ouvi os cachorros latindo do lado de fora. Eles fizeram tanta algazarra que fui até a janela para ver o que estava acontecendo. Então vi uma mulher caminhando sozinha na estrada. Não pude acreditar no que vi. Tal e qual Moisés no Mar Vermelho, ela estendeu o seu bordão e os cães pararam de latir! Todos eles ficaram parados e quietos como soldados em fila. – Ele engoliu em seco e respirou fundo. – Eu sei que isso parece loucura, mas juro que era Mara.

– A minha Mara? – perguntou Ilija com uma risada na voz. O sorriso em seu rosto revelou sua descrença.

– Sim, Ilija. – Zivadin apertou as mãos. – Meus irmãos riram quando lhes contei isso hoje de manhã. Eles disseram que era absurdo, que eu devia estar bêbado, e não devia incomodar você. – Seus olhos baixaram para o chão novamente. Então, erguendo o olhar, acrescentou enfaticamente: – Eu não sou louco, Ilija. Preciso perguntar isso a Mara. Vou acreditar no que ela disser. Desde já, peço desculpas se estiver errado.

Ilija sorriu com tolerância, divertindo-se com a história ridícula de Zivadin. O que é que sua esposa estaria fazendo sozinha na estrada àquela hora da noite?

– Você deve estar enganado, Zivadin – respondeu ele. – Mara estava comigo e com nossos filhos até as 9h da noite. O moinho trabalhou a noite toda, de modo que esta noite dormi aqui. Estamos no auge da produção, como você sabe. Mas – ele sorriu – tenho certeza de que Mara estava em casa dormindo com as crianças.

Mais uma carroça com carga pesada encostou junto à plataforma atraindo a atenção de Ilija.

– Mara deverá estar aqui a qualquer momento para buscar farinha. Você mesmo pode perguntar a ela. E agora, se você me dá licença... – disse Ilija virando-se na direção de seus clientes.

Alguns minutos depois, Mara chegou pela porta lateral perto da casa, carregando um recipiente redondo, de madeira. Ela estava com um vestido azul-marinho e meias escuras – a mesma roupa que vestira na noite anterior. Cachos de cabelos castanhos caíam por baixo de seu lenço de cabeça.

– Mara – Ilija a chamou olhando por cima do ombro quando percebeu que ela havia chegado. – Zivadin quer falar com você. – Ele inclinou a cabeça na

direção de Zivadin, o qual se encaminhou para Mara.

Mara colocou o recipiente sobre o quadrado de tijolos ao lado do tonel de madeira que continha a farinha da família. Sorrindo suavemente, ela observou Zivadin se aproximando. Os olhos dele se moviam rapidamente, e ele falou em voz baixa.

– Mara, isto é muito constrangedor. Por amor à minha sanidade mental, preciso lhe perguntar algo. – Ele cerrou os punhos até que os dedos ficaram vermelhos. – Ontem, por volta da meia-noite, vi uma mulher caminhando pela estrada na frente da minha casa. E... parecia ser você, Mara. – Ele recuou como se fosse se desviar de uma pancada.

– Sim, Zivadin, era eu – respondeu Mara com franqueza.

Ouvindo a resposta de Mara, Ilija depôs o saco que estava erguendo. Deu meia-volta com uma expressão de espanto no rosto e caminhou na direção dela.

– Ilija, eu ia lhe contar... – O tom de voz de Mara era de quem pede desculpas. Ela se dirigiu ao marido. – Tenho dado meu dízimo à igreja: 10% da renda que a Bíblia diz pertencer a Deus. – Ela observou o rosto e os olhos de Ilija para ver sua reação. Imaginava o quão humilhante isso devia ser para um homem em sua posição. – Eu sei que você supre todas as minhas necessidades. – Ela estendeu a mão e tocou o seu braço. – Mas eu não tenho o meu próprio dinheiro para gastar. Gostaria de poder dar o meu dízimo e ofertas a Deus.

Ilija não respondeu. Apenas ficou olhando. Mara continuou:

– Mila e eu tivemos uma ideia. Calculamos minhas despesas pessoais e o valor do meu trabalho. Decidimos que seria justo que eu pegasse mais ou menos 11 kg de farinha do nosso depósito duas vezes por mês e os vendesse. Assim, a cada duas quartas-feiras eu levo um saco até a casa de Mila. Ela o vende aos pobres pela metade do preço e me dá o dinheiro. É para lá que eu estava indo na noite passada. – Suas últimas palavras se arrastaram.

Quando Mara terminou, o semblante de Ilija estava franzido enquanto olhava para ela com os olhos quase fechados.

– Há quanto tempo você vem fazendo isso? – perguntou ele com voz branda.

– Há mais ou menos sete meses – respondeu ela, prevendo uma reação.

Ilija ficou novamente boquiaberto. Mara voltou-se para Zivadin:

– Na noite passada, quando aqueles cães correram em minha direção, eu quase entrei em pânico. Então, eu me lembrei de que estava tratando dos interesses de Deus. Ergui meu bordão e falei com severidade aos cães: “Satanás, tu enviaste estes cães. Em nome de Jesus ordeno a vocês, seus cachorros, que parem de latir!” E vocês sabem o que aconteceu? Eles pararam! – O rosto de Mara se iluminou com essa lembrança, e ao se voltar para Ilija, ela estava sorrindo.

Zivadin não conseguiu ocultar seu imenso alívio. O rosto brilhava.

– Você é uma mulher santa, Mara. Sinto-me um novo homem. Agora meus irmãos vão acreditar em mim. Eu sabia que você diria a verdade. Não estou louco! – Ele apertou a mão dela vigorosamente, e então agarrou a mão de Ilija, exclamando: – Obrigado! Obrigado! – Ele saiu pela porta quase dançando, em direção à plataforma.

– Bom dia! Bom dia! – Seus cumprimentos aos homens que esperavam do lado de fora alimentando seus cavalos foram retribuídos. Ilija e Mara ficaram sozinhos.

– Mara, Mara, o que é que eu faço com você? – repetia Ilija balançando a cabeça. – Você é uma mulher temente a Deus, e eu não acho ruim que você ajude os pobres. Deus sabe que temos mais do que o necessário. – Ele fez uma pausa e suspirou. – Mas às vezes você me deixa constrangido. – Eles se olharam atentamente nos olhos sem dizer mais nada.

Então Mara sorriu compreensivamente, apanhou seu recipiente e começou a enchê-lo de farinha.

CAPÍTULO 11

CONSEQUÊNCIAS SURPREENDENTES

Logo chegou o dia 31 de outubro – Dia de São Lucas, santo padroeiro do nascimento de Mara. Deixando as crianças em casa com Petra, e o moinho sob a supervisão de um operário veterano, Ilija e Mara subiram numa carroça puxada por um cavalo e foram à residência de Mladen.

Na casa em que Mara havia nascido e onde seu pai ainda morava com os dois irmãos dela e suas respectivas famílias, eles encontraram velhos amigos reunidos para festejar. Mladen conduziu Mara e Ilija para assentarem-se à mesa, perto do padre ortodoxo local. Esse homem de batina preta, cabelos grisalhos, com barba e bigode brancos, era um parente distante e havia dado aulas a Mara quando ela era criança. Ao vê-la novamente, seu rosto se iluminou. Mladen e sua esposa, Marija, assentaram-se do lado oposto.

A refeição estava em andamento quando Mladen, não querendo perder mais tempo, começou:

– *Popa* Jovan, minha irmã não frequenta mais a Santa Igreja Ortodoxa. Ela se tornou judia. Vai à igreja aos sábados. O senhor poderia dar um jeito nela?

Voltando-se para Mara, o rosto enrugado do padre pareceu perturbado.

– Mara, isso é verdade? Você realmente abandonou a fé de seu pai e de seu povo? – perguntou ele com seriedade.

– Não, *Popa* Jovan – respondeu Mara prontamente. – Não abandonei minha fé. Oro e leio minha Bíblia todos os dias. Amo a Palavra de Deus. – Ela lançou um olhar a Mladen. – Sim, vou à igreja aos sábados, como os judeus, mas também como Cristo e os cristãos primitivos.

– Minha filha, você está errada – contestou o bondoso padre. – Jesus tornou o domingo sagrado por meio de Sua ressurreição nesse dia. Os cristãos

primitivos guardavam o domingo.

– Aí está, Mara! – intrometeu-se Mladen com renovada confiança. – Aposto que você não é capaz de provar pelo Novo Testamento que eles guardavam o sábado.

Como as pessoas da cidade e os parentes frequentemente faziam perguntas a Mara sobre suas crenças particulares, ela levava sua Bíblia consigo para onde quer que fosse. Para facilitar a busca dos textos, ela havia sublinhado versos e colocado pequenos marcadores de papel que sobressaíam dentre as páginas para lhes dar atenção especial. Segurando sua Bíblia agora, Mara folheou-a até encontrar Marcos 6:2, e leu o verso em voz alta: "Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga".

– Aqui diz – explicou Mara, – que Jesus ia à sinagoga no sábado. E a Bíblia afirma que Ele é o nosso exemplo. – Ela foi para 1 Pedro 2:21: "Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os Seus passos."

– Sim, Mara, mas isso foi antes de Sua ressurreição – contestou o padre. – Depois dela os cristãos passaram a guardar o domingo.

– *Popa* Jovan, o domingo é o primeiro dia da semana. A Bíblia o menciona apenas algumas vezes, e em nenhuma delas o relaciona com o culto sagrado. Vou lhe mostrar os textos, os quais já sublinhei. – Ela recorreu a um dos marcadores de papel e leu: "No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até a meia-noite" (Atos 20:7).

– Esse verso diz que os discípulos se reuniram para comer antes que Paulo saísse em viagem no dia seguinte – explicou Mara. – Os judeus contavam os seus dias de pôr do sol a pôr do sol, de modo que o "primeiro dia da semana" é, na verdade, sábado à noite. O verso diz que Paulo falou até a meia-noite. Os crentes haviam se reunido para se despedir dele, não para realizar um culto. Outra vez em que o primeiro dia é mencionado está aqui, em 1 Coríntios 16:2. – Ela pegou outro marcador e leu: "No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for." Esse verso fala sobre separar o dinheiro em casa. Não há serviço religioso envolvido aqui. O texto nem mesmo menciona uma reunião.

Mara folheou com o polegar sua Bíblia.

– Há outro verso em que Jesus apareceu aos discípulos após a ressurreição. Vamos ver. Aqui está ele, em João 20:19: "Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-Se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!"

Mara mal terminara de ler quando Mladen interrompeu:

– Aí está, Mara. Os discípulos estavam reunidos no primeiro dia. Eu sabia que isso estava em algum lugar da Bíblia.

Mara se manteve tranquila.

– Mladen, note que foi uma reunião ao entardecer. As portas estavam fechadas, porque os discípulos estavam se escondendo com medo. Não foi uma reunião de adoração. – Ela se dirigiu ao padre: – Não vou ler os outros versos que mencionam o primeiro dia porque o senhor os conhece. Eles falam sobre as mulheres junto ao sepulcro e a ressurreição.

Mladen escorregou na cadeira. Seu desconforto era evidente. Ele ajeitou os ombros e fez uma expressão carrancuda. Sua esposa ouvia. Ilija absorveu tudo.

– Mara, Mara – disse o padre –, você foi a minha melhor aluna na escola. Eu me lembro de que você nunca perdia o culto de domingo. O que aconteceu com você, minha filha?

Mara sorriu suavemente.

– Tenho estudado minha Bíblia, *Popa* Jovan, e agora sei muitas coisas que não sabia antes. Se Jesus tivesse mudado o sábado para o domingo, a Bíblia devia dizer isso em algum lugar. Mas não fala nada.

– O apóstolo Paulo diz que a lei foi pregada na cruz – respondeu o padre, tomando outro rumo. – Isso significa que a lei foi destruída.

– Sim, *Popa* Jovan, mas a lei cerimonial é que foi pregada na cruz, não os Dez Mandamentos. – Mara continuou falando e se tornando mais enfática ao prosseguir. – As pessoas ficam confusas. Não sabem a diferença. Os Dez Mandamentos constituem a lei moral, que é eterna, como Deus. Ela nos diz como demonstrar nosso amor para com Ele e a humanidade. O Senhor a escreveu em tábuas de pedra com o próprio dedo. A lei cerimonial foi denominada lei de Moisés, pois foi ele quem a escreveu num livro. Era

temporária e tinha que ver com sacrifícios de sangue para remissão dos pecados. Quando Jesus morreu, aquela lei foi pregada na cruz e não existe mais. Foi por isso que Jesus exclamou: "Está consumado!" O véu do templo judaico se rasgou em duas partes de alto a baixo, por uma mão poderosa e invisível. O Cordeiro de Deus foi morto "uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos".

– Mas Mara, você sabe que a Santa Igreja Ortodoxa remonta ao tempo dos apóstolos. Já existimos há milênios. Há quanto tempo existe a igreja que você frequenta agora? Como pode ela ser a igreja verdadeira?

– Não somos salvos pela igreja à qual pertencemos, mas pelo nosso relacionamento pessoal com Deus, *Popa* Jovan. Muitas verdades nas quais os cristãos primitivos criam se perderam e foram esquecidas no decorrer dos anos. Algumas crenças consideradas cristãs vieram, na verdade, do paganismo, e a maioria dos cristãos não sabe disso. – Mara tomou fôlego. – Sim, minha igreja tem menos de 100 anos de existência, mas ensina rigorosamente o que a Bíblia diz. Deus a estabeleceu com uma mensagem especial para trazer os cristãos de volta às verdades das Escrituras, a fim de preparar as pessoas para a segunda vinda de Jesus e o fim do mundo. Isaías capítulo 58 verso 12 diz isso da seguinte maneira... – Ela abriu a Bíblia novamente: – "Os teus filhos edificarão as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações e serás chamado reparador de brechas e restaurador de veredas para que o país se torne habitável."

O padre parecia perplexo. Mladen dava a impressão de querer estar em outro lugar. Mara, por sua vez, sentia-se energizada e animada. A festa havia se tornado um estudo bíblico. A maior parte das conversas havia cessado, e enquanto as pessoas comiam em silêncio, aguçavam os ouvidos para ouvir. Quando Mara olhou em volta, viu que os olhares estavam fixos nela. Ilija olhou para Mladen, e Mladen para o padre – ambos de olhos arregalados. Mara, evidentemente, sabia o que estava dizendo. E ainda não havia terminado. Voltando-se para o padre, continuou: – O apóstolo João diz que Deus criou o mundo por intermédio de Jesus: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez" (João 1:1-3). Portanto, se Jesus fez tudo, Ele também fez o sábado. Quando Ele disse aos fariseus que era Senhor do sábado (veja Marcos 2:27, 28), Ele estava dizendo que o sétimo dia é o dia do Senhor, o dia de Jesus. E se foi Ele quem o criou, também foi Ele quem descansou nele e o abençoou – concluiu Mara. Ela fechou a Bíblia, colocou-a sobre a mesa e cruzou as mãos sobre o seu colo.

– Eu sei que você ama a Deus, Mara – respondeu o idoso padre. – Você é uma boa mulher. Continue orando. Deus a guiará.

Mara notou que muitos hóspedes haviam terminado de comer e continuavam ouvindo. Ela mal havia tocado em seu prato, mas o coração dela estava satisfeito. Para muitos, esse encontro se tornou um ponto decisivo em sua vida.

Após o jantar, várias mulheres, inclusive Marija, a esposa de Mladen, procuraram Mara a fim de lhe fazer perguntas. Pela primeira vez em um longo período, ela notou Ilija olhando para ela com orgulho e satisfação em seus olhos negros. Ela havia sentido falta desse olhar nos últimos meses. Agora ele havia retornado. A *Slava* de Mladen havia se transformado no milagre de Mara.

Uma manhã, cerca de um mês depois, enquanto caminhava para o moinho, Mara encontrou um membro da igreja de uma cidade vizinha. Ele estava trazendo os seus cereais para serem moídos.

– Vi a esposa de Mladen, Marija, na igreja, sábado passado – disse ele. – Você sabia que ela tem ido lá regularmente?

Mara ficou boquiaberta.

– Não, não sabia!

Depois que ele foi embora, ela pensou sobre isso. *Se Marija está frequentando a Igreja Adventista do Sétimo Dia mais próxima da casa dela, isso significa uma boa caminhada de quase dez quilômetros.* Então ela se lembrou das ameaças de Mladen de expulsar de sua casa aquele que abandonasse sua igreja nacional. Oh*, Marija,* exclamou Mara para si mesma, cheia de alegria e pavor, ao mesmo tempo. *O que acontecerá com você?*

A vez seguinte em que Mara viu Mladen e Marija foi em agosto, quando ela e Ilija visitaram a vila onde o irmão dela morava, para participarem da *Slava* da igreja local. Após os cumprimentos iniciais, Marija puxou Mara para um lado:

– Mara, tenho boas notícias. Duas de minhas filhas foram batizadas. Primeiro eu fui batizada, e então elas decidiram se batizar também.

– Oh, Marija! Isso é maravilhoso! Mas, e Mladen? Como ele está reagindo? Não posso me esquecer de como ele ficou furioso comigo.

– De início não lhe contei que eu estava indo à Igreja Adventista. Ele pensou que eu estivesse saindo para visitar uma vizinha. Mas quando fui

batizada e nossas duas filhas se uniram a mim, não pudemos manter por mais tempo esse segredo. Ele precisava saber.

– E... o que aconteceu?

– Oh, ele ficou com uma raiva tremenda durante semanas, e não falava conosco. Ele só resmungava e batia as portas com força. E quando dizia algo, era de modo ríspido. Mas parece que ele superou isso agora. – Marija se inclinou para frente, rindo. – O que é que ele pode fazer? Ele é minoria! – Seu rosto ficou sério. – Quero que você saiba, Mara, que Mladen agora é um homem mudado. É realmente um milagre.

– Deus é tão bom! – exclamou Mara, dando um abraço em Marija.

– Ainda tenho mais notícias. Minhas quatro filhas casadas me disseram que elas também serão batizadas. Isto significa todas as seis filhas. Somente sobraram meu filho e Mladen. – Ela fez um gesto com a mão. – Mas eles não têm como escapar, pois a igreja está orando por eles!

Os olhos de Mara cintilaram.

– Louvado seja Deus! Que notícias maravilhosas. Eu estava tão preocupada com você. E o que é que Petar diz sobre tudo isso?

– Petar? Bem, você se lembra de como ele era indiferente. Ele não mudou. Para ele tudo é irrelevante. Desconfio de que ele disse a Mladen para me deixar em paz.

A neve do inverno veio e se foi, e não demorou muito os chuviscos da primavera trouxeram a natureza de volta à vida. A fazenda produziu abundantemente, e as árvores do pomar ficaram vergadas de frutas.

Numa tarde tranquila de julho, os campos de trigo do inverno se estendiam até o horizonte, maduros para a colheita, e suas espigas douradas pendiam pesadamente de seus caules, quando o vento subitamente soprou com força. O céu se escureceu e começou a trovejar.

– Precisamos ir para dentro! Parece que é uma tempestade de granizo – gritou Mihajlo para os homens que trabalhavam nos campos. Eles se abrigaram na cozinha comunitária da família. Sentados ali, sem poder fazer nada, ouvindo os trovões ribombando em meio à tempestade, eles viam através da janela os brilhantes relâmpagos riscando as densas trevas que pairavam sobre sua vulnerável safra. Em meia hora, os ventos começaram a se acalmar, as trevas se

desfizeram, o céu clareou e surgiu um belo arco-íris. Quando a família saiu para verificar o estrago, eles contemplaram um milagre.

– Parece que os ventos se dividiram um pouco antes que a tempestade atingisse nossos campos. Eles os contornaram e se juntaram novamente depois de passar por nós – observou Milorad enquanto os homens olhavam, paralisados de espanto. – Nunca vi nada parecido.

Nos campos vizinhos, o trigo foi jogado ao chão, sobrando apenas algumas poucas hastes quebradas onde alguns minutos antes havia um mar de cereais maduros. Pedras grandes de granizo cobriam as lavouras devastadas como um espesso cobertor branco. No entanto, as plantações da família permaneciam intatas, com as hastes de trigo inteiras.

Das cidades próximas vieram pessoas para ver e se admirar. Zivadin, o vizinho, estava entre os primeiros. Durante os meses que se seguiram, ele contou a quem quisesse ouvir a história das andanças de Mara à meia-noite e o estranho comportamento de seus cães de guarda.

– O Deus de Mara salvou os seus campos porque ela dá ofertas à sua igreja. Ela é fiel e generosa e diz a verdade – afirmava ele aos ouvintes.

A todos os que vinham, enquanto Ilija observava surpreso, Mara apanhava sua Bíblia e lia a promessa que havia se cumprido de modo tão dramático diante de seus olhos: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na Minha casa; e provai-Me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 3:10, 11).

CAPÍTULO 12

MUDANÇAS NA FAMILIA

Muitas vezes, Mara se via ensinando outros acerca da Bíblia. Quando criança, ela havia sonhado em ser professora. No entanto, incapaz de continuar seus estudos após o quarto ano fundamental, ela foi forçada a abandonar o seu sonho. Agora parecia que o desejo de ensinar estava se tornando uma realidade a cada dia que passava. Sempre que descobria algo novo em suas leituras, ela o partilhava com a família. Embora ela vivesse numa sociedade patriarcal e soubesse seu lugar como mulher, os homens ouviam quando ela falava com a autoridade das Escrituras Sagradas.

Um sábado, enquanto o sol baixava seus cálidos raios, Mara saiu da Igreja Adventista de Uzvece e caminhava para casa com os filhos quando encontrou uma vizinha. Ela estava varrendo esterco de porcos do caminho em frente à sua casa e ajuntando-o num monte para ser usado como fertilizante.

– Hoje é um grande dia, Mara! – exclamou a mulher, enquanto Mara se aproximava. Ela parou de varrer e se apoiou no cabo da vassoura.

– E por que, minha amiga? – indagou Mara. Vera e Nata pararam ao lado dela, cada uma segurando um dos meninos pela mão enquanto eles, impacientes, chutavam a terra com a ponta de suas sandálias.

– Hoje à noite, meus filhos vão trazer para casa os seus salários. Amanhã vou poder comprar um pouco de óleo e queijo e preparar *gibanica strudel* [culinária tradicional da Sérvia] – explicou ela alegremente. – O jarro em que guardo o dinheiro está praticamente vazio.

– Entendo – respondeu Mara. – Divirta-se ao preparar sua *gibanica*.

Ao continuar seu caminho, Mara pensou no que a mulher havia dito. Ela sabia que três dos filhos dessa mulher trabalhavam como diaristas na fazenda dos Vitorovich e recebiam um salário justo, mas também sabia que o pequeno

pedaço de terra que a família da mulher possuía não tinha condições de lhes providenciar alimento suficiente para suas necessidades. A terra era ouro; a riqueza de uma pessoa era julgada pelo tamanho de sua propriedade rural. Esse encontro casual lembrou Mara de que havia pessoas pobres em toda a redondeza, que lutavam para sobreviver. Uma ideia começou a se formar em sua mente.

Naquela noite, depois que as crianças haviam ido para a cama, ela leu e pensou enquanto esperava que Ilija chegasse do moinho. Ele estava exausto ao chegar. Preparando-se para dormir, Mara lhe falou sobre a conversa com a vizinha e acrescentou:

– Li algo hoje, Ilija. – Ela apanhou a Bíblia e procurou o texto de Deuteronômio 24:14, 15: "Não se aproveitem do pobre e necessitado, seja ele um irmão israelita ou um estrangeiro que viva numa das suas cidades. Paguem-lhe o seu salário diariamente, antes do pôr do sol, pois ele é necessitado e depende disso" (NVI). – Ela fechou a Bíblia e acrescentou: – Pagamos nossos trabalhadores semanalmente, aos sábados; mas aqui diz que devemos pagar-lhes diariamente – disse ela ao marido.

– É mesmo? – Ilija respondeu, meio dormindo. – Fale com Milorad pela manhã. Veja o que ele diz. – E caiu na cama.

O dia seguinte era domingo. Os trabalhadores da fazenda tiveram folga e somente a família se reuniu para o almoço. Após a refeição, Mara falou a Milorad sobre sua conversa com a vizinha e leu os versos em Deuteronômio que havia mencionado a Ilija na noite anterior.

– Esses trabalhadores da fazenda não trabalham todos os dias, mas precisam esperar até o fim da semana para receber o salário. Nesse ínterim, eles ficam sem dinheiro. Não poderíamos pagar-lhes no fim de cada dia?

Milorad pensou durante alguns momentos, e então olhou de relance para Ilija, o qual não fez qualquer objeção.

– Nunca fizemos isso antes – disse Milorad pausadamente. – Mas acho que podemos tentar.

Na segunda-feira, quando os trabalhadores terminaram a refeição vespertina e se levantaram para sair, Milorad se levantou e fez um anúncio:

– Não saiam antes de receber o pagamento do dia.

Os rostos expressaram surpresa. Eles olharam uns para os outros, e então,

sorrindo, os homens imediatamente formaram uma fila.

Tendo de um lado o filho mais velho, que o ajudava a supervisionar a fazenda, e Mara de outro, Milorad verificou os registros de horas trabalhadas e contou os dinares de cada homem ao ele se aproximar.

– Não agradeçam a mim, agradeçam a Mara – disse ele aos trabalhadores quando estes expressaram seu apreço. – Ela leu na Bíblia que devemos fazer isso.

Apanhando o dinheiro, os trabalhadores tiraram o chapéu, sorriram com gratidão para Mara, e saíram contentes. Para eles, isso foi uma dádiva de Deus.

Algum tempo depois, Mara conseguiu alguns livros que ensinavam uma dieta e um estilo de vida saudáveis. Publicados originalmente nos Estados Unidos, as obras haviam sido traduzidas para a língua sérvia e impressas na Iugoslávia. Logo após seu batismo, Mara havia pedido que o alimento para ela e seus filhos fossem separados antes de adicionar-lhes banha ou toucinho. Ela não comeria derivados de porco porque os considerava impróprios como alimento. Em vez de banha, ela usava óleo de girassol. Anteriormente ela havia incentivado a família a plantar girassóis num pedaço de terra. Eles construíram uma prensa de madeira onde podiam prensar as sementes da planta.

– A Bíblia faz diferença entre animais limpos e impuros – explicou Mara quando lhe perguntaram sobre isso. – Os animais impuros não são apropriados como alimento. Deus sabe o motivo. Ele os criou. No Jardim do Éden, Deus deu a Adão e Eva frutas, cereais e nozes para comer. Essa é a dieta perfeita. No entanto, depois do dilúvio, quando não havia outra coisa, Deus permitiu que Noé comesse carne.

Alguns, porém, questionaram alegando que os animais impuros eram apenas um tabu cerimonial judaico. A estes, Mara leu as instruções divinas a Noé em Gênesis 7:2: “De todo animal limpo levarás contigo sete pares: o macho e sua fêmea; mas dos animais imundos, um par: o macho e sua fêmea.”

– Noé sabia a diferença entre animais limpos e impuros – salientou ela – e ele viveu 1.000 anos antes do primeiro judeu. Portanto, a distinção entre animais limpos e impuros não é uma lei judaica, mas uma questão de saúde. Deus nos criou e sabe que tipo de alimento é melhor para o nosso corpo.

Uma das coisas que Mara aprendeu em suas leituras é que uma dieta gordurosa não promove a saúde. Como a família criava muitos animais, grande

parte da alimentação era constituída por carne, e esta geralmente era gordurosa. As pessoas normalmente acreditavam que a gordura produzia força física e resistência, e que se você tivesse um pouco de gordura, seria forte e saudável. A banha era um componente muito usado na culinária. Leitões e carneiros assados, carne de vaca grelhada, patos e gansos cevados e defumados eram comidas regulares. "Até mesmo a maçaneta de suas portas é gordurosa", observou certa vez um pastor visitante.

Desde que chegara de uma palestra distrital em Sabac, Mara havia se tornado vegetariana. Ela não esperava que a família a imitasse nisso, mas sugeriu que eles reduzissem a gordura para melhorar a saúde.

Os livros que Mara lia também enfatizavam os benefícios nutricionais do pão integral. O moinho processava vários cereais em graus diferentes de refinamento. As pessoas mais pobres geralmente usavam a farinha grossa não peneirada que continha todo o farelo. Usar completamente o cereal significa menos desperdício. Alguns usavam farinha de milho para fazer pão. Gente abastada preferia farinha branca peneirada e superfina. O pão leve e fofo como uma esponja, e alto como chumaço de algodão era um símbolo de *status*. Eles comiam a parte branca da semente e davam o farelo e o germe para os animais.

– Estamos criando porcos sadios em vez de pessoas sadias – lamentava Mara, tentando persuadir Milorad a mudar as coisas. – Precisamos comer o cereal integral, do jeito que ele cresce.

Quando chegou a vez de Mara preparar a fornada semanal de pão, ela decidiu fazer uma experiência. Ela nunca havia feito pão integral antes.

Cedo, naquela manhã, seguindo seu hábito, ela misturou e amassou a farinha usando o costumeiro fermento caseiro obtido do farelo. Cobriu com um pano a massa colocada em bacias e esperou que ela crescesse.

– Ela não está crescendo – Mara observou espiando por baixo do pano. Ela esperou um pouco mais e olhou de novo. – Ainda não cresceu. – Finalmente, emborcou a massa sobre uma mesa, socou-a, amassou-a e a modelou na forma de pães. Em seguida, cobriu os pães para um segundo crescimento. Então esperou. Depois de esperar o dobro do tempo normal, ela empurrou os pães para dentro do forno a fim de assá-los. – Talvez o calor os faça crescer – murmurou ela para si mesma.

Quando os trabalhadores fizeram fila para a refeição daquele dia, eles viram

pães escuros e chatos sobre as mesas, o que provocou olhares zangados e reclamações:

– Mestre Milorad, nós comemos esse tipo de pão em casa. Queremos pão de gente rica! Você está nos enganando – resmungaram eles.

A reação da família não foi melhor.

– Sinto muito, Mara, mas esse pão é pesado como chumbo – queixou-se Milorad.

– É uma rocha e chato como uma panqueca! – reclamou Mihajlo apertando o pão.

Ilija também desaprovou.

– Compreendo que devemos cortar a gordura, mas Deus certamente não espera que comamos essa coisa! – protestou ele mostrando com irritação a massa escura e chata.

No dia seguinte, Mara assou outra fornada, desta vez de pão totalmente branco. *Acho que não posso esperar vencer todas as batalhas,* pensou ela. Apanhando os pães rejeitados do dia anterior, ela os molhou com restos de óleo e os jogou para os porcos. Eles os atacaram com gosto, grunhindo sua aprovação e brigando para apanhar sua porção. *Vejam só... Às vezes, os animais são mais espertos do que os seres humanos,* pensou ela. Balançando a cabeça, Mara continuou a fazer pequenas fornadas de pão integral para ela e seus filhos, os quais ocasionalmente entravam às escondidas na despensa da cozinha para provar um pedaço de pão fofo quando a mãe estava de folga.

Em outra ocasião, Mara viu Milorad sentado num banco, do lado de fora, desfrutando o cálido ar do anoitecer e olhando fixamente para o céu que escurecia, a fim de ver as estrelas aparecerem. Todos os irmãos apreciavam olhar para as estrelas. Ela sentou-se ao seu lado.

– Um dia, veremos uma pequena nuvem escura lá – disse ela apontando para o céu. – Ela se tornará maior e mais brilhante até ficar mais resplandecente do que o Sol. Será Jesus, vindo em glória com todos os Seus santos anjos para levar-nos para o lar.

– Você tem uma fé maravilhosa – respondeu Milorad. – Isso é um dom. Gostaria de poder acreditar como você. – Percebendo a Bíblia na mão dela, ele perguntou: – O que é, Mara? Você tem algo a me dizer?

– Gostaria de ler um texto para você. – Ela abriu a Bíblia em Gálatas 3:28, que estava marcado: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” Mara fechou o livro e continuou: – Damos aos nossos empregados o mesmo alimento que comemos, e os tratamos bem. No entanto, eles sentam-se em mesas separadas de nossa família. Nunca juntos. A sociedade pode colocá-los numa classe diferente da nossa, mas a Bíblia diz que todos somos iguais aos olhos de Deus. O que você acha de permitir que eles se sentem conosco?

Milorad olhou para ela com surpresa.

– Isso é contrário ao costume, com certeza. Seguramente chocaremos nossos amigos. – Ele riu com a ideia. – Deixe-me pensar nisso durante a noite, e então consultarei meus irmãos. – No dia seguinte, ele concordou.

Naquele dia, quando os famintos empregados fizeram fila para o almoço, Milorad fez o anúncio:

– Sentem-se onde quiserem hoje. Não queremos que vocês fiquem separados de nós. Diante de Deus somos todos iguais.

Constrangidos, a princípio, os espantados trabalhadores precisaram ser incentivados antes de encontrarem novos lugares e se misturarem com a família. Pobres camponeses sentados ao lado de proprietários de terras – foi uma mudança revolucionária. Vários deles comentaram: – Espere até eu contar isso à minha esposa. Ela nunca vai acreditar!

A notícia logo se espalhou por toda a região. O relacionamento dos Vitorovich com os empregados se tornou a conversa principal, tanto na cidade como nas redondezas. Quem precisasse de um emprego queria trabalhar para a família. Eles nunca tiveram falta de empregados.

CAPÍTULO 13

OS DOIS TERRÍVEIS

– Mãe, fomos ver o vovô Svetozar hoje – disse Vera. Svetozar era, na verdade, o tio-avô das crianças, irmão de Jovan, que morava com a esposa e dois filhos casados e suas famílias na *zadruga* vizinha.

– Vocês foram? E foi uma visita agradável, minha querida? – Mara havia começado a preparar massa de *strudel* para fazer *gibanica,* quando Vera entrou na cozinha. No canto, ao lado de um tonel de sal, estava um tambor de farinha de trigo, e na mesa havia um jarro d'água.

– Meus irmãos lhes ensinaram como orar. – Vera sorriu e acenou orgulhosamente com a cabeça.

– Oh, isso foi lindo!

– Sim! Todos estavam tomando o desjejum quando chegamos. Eles nos deram rabanadas com açúcar. – Ela lambeu os lábios, sugando com o lábio inferior. Mara espalhou sal na bacia de farinha e acrescentou um pouco d'água, ouvindo enquanto amassava a mistura com os dedos.

– Meus irmãos se ajoelharam no chão e oraram. Eles mencionaram os nomes de todos. Eu os vi espiando para terem certeza de que ninguém foi esquecido – continuou Vera.

– Hum. Foi assim?

– Sim! – Vera torceu a boca. – Então Voja se esqueceu de mencionar Leposava. Daí Cveja se levantou de um salto e lhe deu um tapa na cabeça. E se ajoelhou de novo.

– Oh! – exclamou Mara boquiaberta, erguendo da massa as mãos cheias de farinha.

– Sim, então Kata entrou carregando laranjas. Voja a viu, mas Cveja se esqueceu de dizer o nome dela, de modo que Voja se levantou e lhe deu um tapa na cabeça. Ele o chamou de bobo. – Vera continuou acenando com a cabeça.

– Ah, mas isso não foi bonito. – Mara balançou a cabeça.

– Não! Então eles se ajoelharam novamente e oraram mais um pouco. – Vera coçou a cabeça e franziu a testa. – Não sei por que todos riram tanto. Quando saímos ainda pude ouvi-los. Mesmo depois de terem fechado a porta. – Ela levantou a cabeça e fez uma pausa. Então acenou com a cabeça outra vez e seu rosto se iluminou. – Mas eles disseram para voltarmos em breve e orar por eles outra vez.

Alguns meses mais tarde, Cveja apareceu com febre alta e com dificuldade para respirar. Seus ataques anteriores de diarreia o haviam deixado debilitado e ele não se recuperara rapidamente. Mara e Ilija o levaram ao médico que tinha consultório em Sabac.

– É difteria – disse o médico após examiná-lo. Essa segunda experiência no consultório de um médico deixou o pequeno Cveja, de três anos de idade, cauteloso em relação a homens de jalecos brancos e óculos. Ele o olhou com desconfiança.

– Vou lhe receitar algo para deixá-lo bom, meu jovem – disse o médico, preparando uma seringa hipodérmica. – Prometo que não vai doer. E você é um garoto corajoso, não é? – Ele aplicou a injeção no traseiro de Cveja.

Entretanto doeu bastante. Cveja gritou de dor e despejou uma enxurrada de palavras cujo significado ele nem sabia.

– Onde é que o seu menino aprendeu a falar desse jeito? – perguntou o médico a Mara, chocado e ao mesmo tempo achando engraçada a situação.

Envergonhada, Mara pediu desculpas, retorcendo as mãos. – Ah, doutor, com certeza não foi em casa. Deve ter sido no moinho. Os garotos ouvem os homens falando, e sua mente é como esponja. Eles guardam as palavras. Acredite-me, eu leio para eles histórias da Bíblia e os ensino a orar.

– Não precisa pedir desculpas, Mara, eu a conheço – respondeu o médico ainda achando graça. – Traga-o de volta em uma semana. Essa injeção e o medicamento que estou lhe dando devem ajudar.

Ele se virou para Cveja. – Ainda está doendo, meu garotinho? – Mas o

menino não tinha mais nada a dizer, de modo que virou a cabeça para a parede.

É desnecessário dizer que dentro de uma semana, Voja apareceu com difteria. Ele e o irmão partilhavam tudo, e difteria não seria exceção. Mara e Ilija levaram ambos ao médico – Cveja para o retorno e Voja para o tratamento inicial.

– Como é que estão os meus elegantes gêmeos? – perguntou o médico animadamente, ao ver os dois irmãos juntos, vestidos de modo igual, com calças vermelhas e jaquetas. Dessa vez, Voja era quem estava com febre alta e não tinha vontade de falar.

– Você não vai machucar meu irmão com aquela agulha enorme! – Cveja advertiu rispidamente o médico. Ele se lembrava da visita anterior e da injeção. – Eu vou protegê-lo!

O rosto do médico corou de espanto. Ele não conseguiu reprimir uma risada. Voltando-se para Mara e Ilija, disse: – Isto é maravilhoso! Vejam como ele ama o irmão. Vocês me deram algo para contar aos meus colegas. Hoje eu não vou cobrar a consulta.

Rindo ainda, ele murmurou algo para a enfermeira, que saiu da sala, voltando alguns momentos depois com um caminhão de madeira vermelho, o qual deu a Cveja. Tomando-o pela mão que estava livre, conduziu-o para fora. A porta mal havia se fechado atrás dela quando o médico aplicou a injeção em Voja, que soltou um grito de dor. Mas quando Cveja voltou com outro caminhão de madeira para dar a seu irmão, mais bonito do que qualquer brinquedo que eles possuíam, ele parou de chorar. O médico deixou que os garotos levassem os caminhões para casa, e o inimigo deles se tornou imediatamente um amigo.

Um dia, cerca de um mês depois que os meninos se recuperaram da doença, Ilija e Mara estavam trabalhando na horta quando sentiram um mau cheiro. – O que será este cheiro terrível? – indagou Ilija, franzindo o nariz e cheirando o ar. Chuvas recentes haviam deixado poças de água parada nos campos onde sapos se ajuntavam coaxando. Ele se pôs a caminho para descobrir a origem do fedor.

Seguindo seu olfato, ele localizou algo na grama. Ao chegar mais perto, viu que se tratava de um sapo pregado no chão. A pouca distância dali encontrou outro sapo na mesma condição. Tirando um trapo do bolso ele pegou os dois bichos enrugados e fedorentos.

– O que vocês fizeram? – perguntou ele aos filhos quando os encontrou e

lhes mostrou os sapos.

– Estávamos brincando de médico – explicou Cveja inocentemente.

– Eles estavam doentes! Nós lhes demos injeções, como o doutor – acrescentou Voja.

– Vocês não fizeram eles melhorar – disse-lhes Ilija. – Vocês os mataram. Não façam isso de novo – ele os repreendeu.

Tendo cortado pela raiz o tratamento médico inadequado aplicado pelos garotos, Ilija encarregou um dos trabalhadores de remover quaisquer vítimas restantes.

Foi preciso algum tempo para que Mara purificasse o vocabulário dos meninos e lhes ensinasse a não repetir palavras que não compreendiam, especialmente palavras estranhas que ouviam no moinho. – Essas palavras podem ser impróprias e ferir os ouvidos santos de Deus – explicou ela.

Recém-purificados de sua contaminação, os gêmeos deram início a uma cruzada. Os reformados haviam recebido luz e decidiram que os outros – querendo ou não – deveriam ver a luz também. Um dia, quando Mara foi ao moinho para ver Ilija, os meninos a seguiram, e como ela se demorasse um pouco, teve oportunidade de vê-los em ação. Uma enxurrada de palavrões vindos de um canto do moinho chamou a atenção dos gêmeos.

– Vocês não deviam falar esses palavrões! – ralharam eles dirigindo-se aos homens. – Isso fere os ouvidos santos de Deus!

– Desculpem, desculpem! Nunca mais vou falar desse jeito! – respondeu um dos homens defensivamente, erguendo as mãos e fingindo remorso.

Quando os gêmeos andavam pelo moinho onde os clientes esperavam, as conversas subitamente cessavam. A aproximação dos dois garotos zelosos fazia com que empregados e clientes se comportassem da melhor maneira possível. Mara sorria para si mesma. *Quem sabe, meus filhos um dia se tornarão pregadores,* pensava ela, *obreiros na vinha do Senhor.* Ela saiu para retomar seu trabalho.

Tendo aparentemente libertado o moinho da profanação, os gêmeos entenderam que ainda havia outros vícios para corrigir. Milorad nunca havia fumado e Ilija e Mihajlo haviam abandonado o fumo anos atrás. Se algum dos mais jovens fumava, o fazia secretamente. Fumar na presença de pessoas idosas

era considerado falta de respeito. Mesmo assim, muitos clientes fumavam no moinho.

Lembrando-se das palavras que a mãe havia lido em um livro da igreja sobre o fumo poluir o templo do corpo onde o Espírito Santo deseja habitar, os gêmeos se puseram em campo armados de fervor juvenil a fim de convencer todo e qualquer fumante que encontravam de que ele devia abandonar o fumo.

Mara ria ao observar os garotos enfrentarem os transgressores. Os encontros que ela não testemunhou pessoalmente, Ilija lhe contou depois. Os meninos paravam com as mãos nos quadris diante do culpado apanhado em flagrante. Ele amavelmente tirava o cigarro da boca e, fingindo descartá-lo, segurava-o atrás de si.

– Não vou mais fumar, eu prometo – declarava ele. Um homem confessou mais tarde que, por causa dos garotos, ele de fato parou de fumar.

Mais uma cruzada terminada. Mais um sucesso. Os gêmeos se dedicaram a outras coisas.

Com todas as atividades na fazenda, os gêmeos, com dois primos mais novos, encontravam muitas maneiras de ocupar o tempo. Com frequência, eles observavam o funcionamento do moinho e da propriedade. Durante os meses da primavera e do verão, eles reparavam na família de oleiros que voltava cada ano para trabalhar. Em agosto, muitas frutas amadureciam e precisavam ser colhidas.

Para transformar uvas em vinho e ameixas em *sljivovica* (aguardente), as frutas precisavam ser esmagadas. As crianças menores, muitas vezes acompanhadas por seus amiguinhos locais, desapareciam dentro de um tanque batendo os pés e gritando alegremente até que as frutas se transformassem em polpa suculenta e seus pés ficassem cor de púrpura.

Antes de ocorrer a fermentação, Mara tirava do tanque o suco fresco espremido e enchia várias garrafas aquecidas. Tampadas com rolha e lacradas com piche, os vidros providenciavam suco para ela e as crianças. Mihajlo cozia as frutas fermentadas no alambique de cobre. Todos os anos, uma empresa da região trazia o caminhão com tonéis e retirava com um sifão uma grande parte da bebida fermentada para ser engarrafada e vendida no comércio local, e também para exportá-la para a Hungria e Áustria. Mihajlo guardava uma parte da bebida para o consumo de hóspedes e familiares. Era armazenada em barris no *cardak*, uma dependência especial no canto de um prédio; no outro lado eram

mantidos os vagões e as carroças. Entre os dois aposentos havia uma escada que levava ao celeiro, onde o milho era secado em prateleiras.

Um dia, quando Ilija chegou a casa cansado, contou a Mara mais uma aventura de seus filhos. – O velho Sima veio hoje com sua carreta para comprar ferro velho – disse ele. – Adivinhe o que seus filhos fizeram?

Mara ergueu as sobrancelhas, com medo de perguntar.

– Você sabe como eles gostam de cavoucar nos campos – continuou Ilija. – Como de costume, eles encontraram pedaços de metal, granadas, balas, e até mesmo cartuchos vazios que sobraram da guerra. Parece que eles queriam vendê-los como ferro velho para comprar-lhe novelos de linha colorida para você costurar.

– Oh, que gracinha – exclamou Mara sorrindo.

– Sim, mas espere até ouvir o restante – replicou Ilija. – Ao que tudo indica, eles não tinham ferro velho suficiente, de modo que foram à oficina, pegaram a maior marreta que eu tinha e a venderam ao Sima! Dá pra acreditar? Não posso imaginar como eles conseguiram carregá-la. Ela deve pesar mais ou menos cinco quilos. – Ele meneou a cabeça. – Quando Sima estava lhes pagando, olhei pela janela do moinho e vi o que estava acontecendo, de modo que saí e chamei Sima. Tive que comprar de volta minha marreta!

– Eles tiveram boas intenções, Ilija – disse Mara.

– Com certeza. Depois que Sima foi embora, falei para os meninos o que penso dos negócios deles. Acho que eles não vão tentar fazer isso de novo.

Em idade muito tenra os gêmeos haviam inventado a própria linguagem pessoal – sérvio falado ao contrário. A língua sérvia escrita em cirílico é totalmente fonética, com cada letra representando um som único e coerente. Quando ainda estavam no berço, eles começaram fazendo jogos de palavras. Voja desafiava Cveja com uma palavra para ser dita ao contrário antes de contar até dez, e então Cveja fazia o mesmo. Quando um deles conseguia, ganhava um ponto. Eles começaram com palavras fáceis de uma e duas sílabas e, posteriormente, com palavras mais longas, à medida que seu vocabulário e habilidade aumentavam. Quando eles não queriam que os outros entendessem sua conversa, eles falavam *natraske,* isto é, em reverso. Eles nunca encontraram ninguém que entendesse.

Além de falar em reverso, os gêmeos gostavam de fingir que falavam em

idiomas estrangeiros. Quando chegava o inverno, os clientes que esperavam a farinha no moinho se ajuntavam na caldeira que fornecia energia para o moinho e a serraria. Ali eles ficavam aquecidos. Cveja e Voja, sempre vestidos em roupas iguais, eram visitantes frequentes. Quando o encarregado de alimentar a caldeira os via, dizia:

– Mostrem aos homens como os filhos de Ilija falam em línguas estrangeiras.

– *Chumbily shlyika buka cheshan I tsogurina patka* – despejava Cveja, orgulhoso de suas palavras fabricadas.

– *Chorina guska* – acrescentava Voja.

– Vejam só! – exclamavam os homens, divertindo-se. – Como é que eles aprenderam isso? Eles são tão jovens!

E então os gêmeos continuavam sua linguagem reversa, que a esta altura conseguiam falar com frases longas. Embora Vera tentasse desesperadamente decifrar suas palavras e dominar a linguagem, ela não conseguia acompanhá-los. Quando a garota decifrava as primeiras palavras, eles já estavam na frase seguinte.

Ao saírem do local da caldeira, os homens contavam a Ilija sobre a visita dos filhos dele. Em casa, Ilija partilhava as histórias com Mara.

Dia após dia, quando a primavera e o verão chegavam, os gêmeos observavam o tio Mihajlo trabalhando de pés descalços na fazenda, vestido com sua roupa normal de trabalho – uma camisa branca de linho e calças tecidas por sua esposa, Lila. Cveja, especialmente, acompanhava Mihajlo, admirando seu trabalho de enxertar ramos de árvores frutíferas em raízes silvestres selecionadas. Mihajlo desfrutava o apreço do sobrinho, já que seus filhos não demonstravam interesse em aprender essa arte.

No *cardak,* barris de vários tamanhos continham algo entre 55 e 500 galões de bebidas alcoólicas. Unicamente Mihajlo sabia exatamente quanto cada barril continha. Um dia, quando ele veio tirar um pouco de *sljivovica,* Cveja o viu remover o tampão da superfície plana do barril que jazia horizontalmente sobre uma plataforma, e rapidamente inserir uma válvula de madeira. Válvulas de vários tamanhos estavam armazenadas numa caixa sobre uma prateleira. Cveja não sabia que Mihajlo fazia isso apenas quando o conteúdo do barril estava pela metade; pois, nesse caso, ele não conseguia sifonar o líquido por cima, por meio

de uma bomba.

– Mãe, quando é que vai haver feira na cidade? – Cveja e Voja perguntaram em coro um dia, em maio, quando tinham quase cinco anos de idade. A grande atração na vila era a celebração anual da *Slava* na igreja local. Era um evento que as crianças aguardavam durante o ano todo.

– Só daqui a dois meses, crianças – respondia ela.

– Quanto tempo é dois meses? – eles perguntavam.

– Não é muito tempo. Quando vocês menos esperarem, já chegou.

Algumas semanas mais tarde, eles queriam saber de novo:

– Mãe, quanto tempo ainda falta para a feira? – E assim por diante.

Durante a feira, a maioria das crianças apreciava subir no carrossel, mas quando os gêmeos tinham três anos e subiram pela primeira vez, eles choraram tão alto que o encarregado teve que parar o brinquedo, para que Mara pudesse retirar os meninos. Desde então, em vez de subir, eles apenas olhavam e ouviam a música.

– Já é tempo de feira? – um dia os gêmeos perguntaram de novo a Mara, muito tempo depois.

– Sim, crianças, será amanhã – disse ela, soltando um suspiro de alívio por saber que essas perguntas logo cessariam.

O dia estava começando e os gêmeos precisavam se ocupar com algo. Quando dois dos seus primos mais jovens chegaram, os quatro desapareceram. Duas horas mais tarde, Ilija e Milorad estavam carregando os meninos para casa, inconscientes.

– O que aconteceu? O que há de errado com os meus meninos? – perguntou Mara correndo ao seu encontro.

– Nós os achamos no *cardak* deste jeito – disse Ilija. – Na verdade, foi Lila quem os encontrou. A porta estava fechada, e quando ela a abriu, os vapores quase a derrubaram. As quatro crianças estavam deitadas no chão inconscientes, numa poça de aguardente de ameixa.

Mara suspirou e pôs as mãos no rosto.

– Como é que isso aconteceu?

– Ao que tudo indica, eles puxaram o tampão de um dos barris e não conseguiram colocar a válvula. A pressão foi grande demais – disse Ilija. – O barril devia estar cheio. A aguardente escorreu e os vapores os deixaram desacordados.

– Por que eles não acordam, Ilija? Será que eles vão ficar bem?

– Acho que sim. Eles estão bêbados! – disse ele. – Depois de dormirem, eles ficarão bem.

Os homens carregaram os meninos para dentro de casa. Mara os vestiu com roupas secas e limpas e os colocou na cama. Eles dormiram a noite toda e durante todo o dia seguinte. Quando acordaram na noite seguinte, com dor de cabeça, a primeira coisa que perguntaram foi:

– Mãe, quando iremos à feira?

– Sinto muito, crianças – Mara teve que responder. – Ela começou e já terminou. Vocês dormiram durante toda a feira.

Dominados pelo desapontamento, os gêmeos desabaram e começaram a chorar. Agora eles teriam que esperar um ano inteiro até que a feira ocorresse outra vez. Mais tarde, sentada na cama deles, ao seu lado, Mara leu Provérbios 23:29-32, aproveitando a oportunidade para impressionar-lhes a mente infantil sobre os malefícios do álcool: “Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as rixas? Para quem, as queixas? Para quem, as feridas sem causa? E para quem, os olhos vermelhos? Para os que se demoram em beber vinho, para os que andam buscando bebida misturada. Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoa suavemente. Pois ao cabo morderá como a cobra e picará como o basilisco.”

Nunca mais os meninos se aproximaram do *cardak* nem jamais tocaram numa gota de bebida ao crescerem. No dia seguinte, eles estavam recuperados de seu estupor e desapontamento, e saíram para desfrutar a sua liberdade outra vez.

Uma manhã, alguns dias depois, Ilija foi até a casa para apanhar uma jarra, quando Mara lhe perguntou:

– Você viu os meninos?

– Eles estavam caminhando em direção ao campo de melancias atrás do pomar, faz pouco tempo. Vi Mihajlo lá, apanhando melancias.

Por volta do meio-dia, Petra veio marchando, e conduzindo Cveja pela mão,

tendo atrás dela Voja e seus dois primos caminhando timidamente. Mara percebeu que ela estava com expressão carrancuda.

– O que é que eles fizeram desta vez? – perguntou ela com receio.

– Pouca coisa! Eles apenas apanharam umas duas dúzias de melancias. Grandes, pequenas, de todos os tamanhos. Acharam que elas estavam todas maduras.

– Eu apenas fiz o que o tio Mihajlo faz – Cveja tentou explicar. – Ele dá pancadinhas nelas. Fiz a mesma coisa.

Logo Mihajlo apareceu empurrando um carrinho cheio de melancias.

– Esta é apenas uma carga. Tem mais – disse ele ofegante. Ele as havia cortado e viu que estavam todas verdes. – Não seja muito dura com os garotos, Mara. Cveja estava apenas tentando me imitar.

Ao anoitecer, os porcos tiveram um banquete. Mas os meninos não comeram melancia no jantar aquela noite.

– Oh, Senhor. Orei pedindo-Te um filho e Tu me abençoaste com dois – orou Mara naquela noite como fazia habitualmente. – Mostra-me como ensiná-los. Protege-os do mal e conserva-os em segurança. Parecem que eles têm aptidão para se meter em encrencas.

CAPÍTULO 14

LEKA VEM PARA CASA

Quando Leka completou 21 anos, ela deixou os avós paternos e veio morar com a mãe. Mara havia permitido que ela ficasse na casa dos avós até atingir a maioridade, na esperança de que a filha pudesse receber a herança de seu falecido pai, pois era sua única herdeira. Mas o tribunal de justiça decidiu que toda a propriedade do pai deveria permanecer com os avós enquanto eles fossem vivos.

Mara, Ilija e as meninas receberam Leka com alegria, e lhe deram o quarto grande na casa original – o quarto em que os gêmeos haviam nascido. Na *zadruga* de seus avós não havia crianças pequenas, apenas quatro primos que eram mais ou menos da idade dela. Assim, para Leka, seus irmãozinhos eram como brinquedinhos vivos, e ela sentia prazer em importuná-los. Voja, especialmente, reagia à sua provocação, e por isso ela gostava de irritá-lo.

– Ei, Voja, deixe-me ajudá-lo a se vestir – oferecia-se ela. Ao fazê-lo, ela o beliscava. Ele pulava em protesto, tirava a camisa e abaixava as calças. Leka morria de rir. – Quando faço isso com Cveja, ele apenas diz "ai!" – ela o repreendia depois, e então se desculpava, prometendo que jamais faria isso de novo. No entanto, no dia seguinte, a mesma coisa acontecia outra vez.

Cada sábado, Leka acompanhava Mara e as crianças à igreja. Não muito tempo depois de chegar a Glusci, ela foi batizada num córrego próximo.

Vários meses mais tarde, Zivan Borovich veio visitá-los. Era na modesta casa de seus pais que o grupo de guardadores do sábado em Uzvece se reunia. Vários pretendentes ricos haviam anteriormente pedido a mão de Leka, quando ela morava com os avós paternos. Apesar do fato de que a maioria das garotas se casava antes de completar 20 anos, Mara havia incentivado Leka a esperar, no desejo de que ela se unisse a alguém da igreja. Naquele jovem, Mara viu um

excelente candidato para a filha; na verdade, sem que Leka soubesse, Mara o havia convidado para visitá-los!

Enquanto Zivan, Leka e Mara conversavam em volta da mesa num lado do quarto da jovem, Voja, com cinco anos de idade, entrou por uma porta no outro lado, onde estava o tear de Mara com um tapete feito pela metade. Como fazia frequentemente para sua mãe, ele se ocupava girando a manivela e enrolando a lã na lançadeira. Mara notou, mas não deu importância. Ela se recostou na cadeira enquanto Zivan e Leka continuavam o diálogo.

– Quantos cavalos sua família possui, Zivan? – perguntou Leka entre outras coisas.

– Não temos nenhum, Leka – respondeu ele. – Algumas pessoas se gloriam em suas carruagens, algumas em seus cavalos; nós não temos nada de que nos gloriarmos, a não ser no nome do Senhor.

– Mas como é que vocês lavram a terra? Sem animais para fazer o trabalho pesado, como podem cultivar a fazenda?

– Bem, às vezes, tomamos emprestado um cavalo de meu tio. Às vezes, alugamos o que precisamos. Temos apenas dois hectares.

– Dois hectares – Leka repetiu lentamente em voz baixa. – Como é que sua família consegue sobreviver com isso?

– Eu sei que sou um homem pobre, Leka, mas tenho uma profissão. Sou preparador de peles.

A visita durou algum tempo, e então Zivan foi embora. Mara e Leka permaneceram junto à mesa, discutindo o potencial do rapaz como marido.

– Ele é um jovem tão encantador, Leka. Ele tem bom caráter e é muito responsável – disse Mara. – Dinheiro não é tudo.

– Eu sei – respondeu Leka. – No entanto, sempre vivi com conforto. Como é que vou me habituar a ser pobre agora? A família dele tem tão pouco!

– É verdade, minha querida. Entretanto, é tão importante que o marido seja um bom cristão. Zivan até mesmo atua como ancião na igreja.

Enquanto isso, no outro lado do quarto, Voja estava girando a manivela quando a lã acabou. Ele continuou girando de modo a não chamar a atenção para si. Mara olhou de relance e percebeu. Um minuto depois, Voja se levantou e saiu do quarto pela outra porta.

Quando Mara e Leka foram para a cozinha comunitária, vários minutos mais tarde, foram saudadas com largos sorrisos e olhares bem informados. A essa altura todos na família já sabiam do motivo da visita de Zivan.

– Mas como é que vocês sabem? – Mara perguntou a Lila. – Isso acabou de acontecer.

– Voja veio aqui há pouco – disse ela rindo. – Eu vi quando Zivan Borovich chegou e perguntei a Voja onde é que ele estava. Voja disse que me diria se... Ouçam bem... Se eu lhe preparasse uma xícara de café! – Ela riu novamente. – Imaginem! Parece gente grande.

Mara ficou de queixo caído. – Então era isso que ele estava fazendo, aquele levadinho. Escutando a conversa enquanto fingia trabalhar.

– Voja disse que você estava tentando convencer Leka a casar-se com Zivan, mas Leka não tinha certeza de que queria – continuou Lila.

Zivan e Leka se casaram alguns meses mais tarde. Anos depois, Leka se lembrava disso e brincava com Voja, dizendo:

– Se você me contar alguma fofoca, eu lhe preparo uma xícara de café.

CAPÍTULO 15

TEMPO DE IR À ESCOLA

Numa tarde ensolarada de verão, Cveja tirava de uma cesta peças de roupas lavadas e as entregava a Mara, que as pendurava numa corda estendida entre duas macieiras perto da lavanderia. Suspenso no varal, havia um saco contendo prendedores de madeira. Mara o empurrou para frente enquanto continuava pondo roupas para secar. Voja estava sentado numa pedra ali perto, olhando as figuras de um livro de contos de fadas que alguém havia lhe dado.

Quando dois homens se aproximaram, Voja ergueu o livro e começou a recitar em voz alta as histórias. Ele ainda não havia ido à escola e não sabia ler, mas fingia que sabia e inventou a história ao prosseguir.

– O seu livro está de cabeça para baixo – disse bruscamente um dos homens ao passar por ele sem se impressionar. O outro homem sorriu de modo condescendente.

Essa não era a reação que Voja esperava – ou queria. A maioria dos camponeses, quando viam essa exibição, se maravilhava e dizia: "Vejam só! Os filhos de Ilija ainda não vão à escola e já sabem ler!" Os gêmeos então saíam rindo. Dessa vez, porém, Voja balançou a cabeça e ficou zangado. Mara o viu bater o pé com força e rapidamente desaparecer.

Em setembro de 1936, os gêmeos completaram sete anos de idade. Chegara o tempo de irem à escola, e eles estavam ansiosos para começar.

– Obtive permissão para vocês frequentarem a escola em Uzvece – disse-lhes Ilija um dia, pouco antes do início das aulas. – A escola de Glusci fica no outro lado da cidade. Esta aí fica a pouco mais de 1 km, e vocês podem facilmente caminhar até lá.

Quando chegou o primeiro dia escolar, Mara vestiu os meninos com camisas brancas idênticas, de mangas compridas, e calças marrons que ela

mesma havia costurado. Então lhes deu as últimas recomendações:

– Olhem, vocês precisam prestar atenção no professor.

Observando-os sair apressados com Nata, que agora tinha 16 anos, Mara orou: “Por favor, Senhor, ajude os meus meninos a evitar brincadeiras de mau gosto e a aprender as lições. Esta é a primeira aventura deles fora de casa.”

Havia aulas seis dias por semana, de segunda a sábado, das 8h da manhã até a 1h da tarde. A maioria dos membros sabatistas, naquele tempo, não pensava duas vezes para mandar os filhos à escola primária obrigatória no sábado. As crianças assistiam à reunião dos jovens com os pais no sábado à tarde, de modo que eles não deixavam de ir à igreja. Mas as atitudes mudaram tempos depois, sob o regime comunista.

Por favor, Senhor, proteja os meus meninos, Mara orava durante todo o dia, enquanto trabalhava. Embora Nata os tivesse levado à escola pela manhã, eles voltariam para casa sozinhos. Mara estava trabalhando em sua pequena horta, quando o portão se fechou ruidosamente e seus filhos a chamaram.

– Meus filhos, contem-me como foi a escola hoje – disse ela, levantando-se e limpando as mãos num pano. Ela se juntou aos garotos no caminho para casa, onde, transbordando de animação, eles lhe contaram como fora o dia. Eles partilhavam uma carteira dupla na primeira fila; havia 40 crianças na classe; a professora, que ensinava tanto no primeiro como no segundo ano, era amável; o noivo dela também se chamava Voja; eles haviam gostado da escola.

Mara concordava com a cabeça, ouvindo e sorrindo. Cada dia, ao voltarem da escola, os gêmeos faziam seu relatório. Desde o início, eles apreciaram estudar, e seu primeiro ano foi muito bom. Quando aprenderam o alfabeto cirílico, conseguiram imediatamente ler e escrever, e ao anoitecer eles frequentemente praticavam leitura com as irmãs.

O ano escolar chegou ao fim; 28 de junho era o Dia de São Vito, um feriado nacional em que se comemorava a Batalha de Kosovo e também o último dia de aula. As aulas foram suspensas, as carteiras retiradas e em seu lugar foram colocadas cadeiras para que os pais pudessem ver a atuação dos filhos – recitando poesias e cantando as canções da Sérvia. Era também o dia de levar presentes para a professora.

– Achei um galo grande e bonito, com uma enorme crista vermelha – anunciou Ilija, segurando a ave pelos pés, os quais ele havia amarrado para que

os gêmeos pudessem carregá-la. Mara e o esposo os acompanharam, pretendendo ficar para o programa.

– Oh, muito obrigada – disse gentilmente a professora, desamarrando as pernas do galo enquanto Ilija o segurava. Ela o colocou numa gaiola com os outros animais de fazenda levados de presente pelos alunos. Após o programa, todos foram para casa, para as férias de verão.

– Vocês podem estar de férias da escola, mas não do trabalho – disse Ilija aos filhos no caminho de casa. – Amanhã vocês vão começar suas tarefas. Os porcos precisam ser levados para o pasto, as ovelhas vigiadas, e os trigais respigados após a colheita.

Num dia quente de verão, os meninos sentaram-se à sombra de uma árvore no campo, olhando as porcas fuçando na terra. A manhã se arrastava, e eles se distraíram de seu trabalho enquanto brincavam. De repente, olharam e descobriram que as porcas haviam desaparecido. Apressados, dirigiram-se para casa e encontraram o pai esperando-os no portão.

– As porcas estavam fazendo uma confusão aqui, e eu deixei que elas entrassem – disse ele. – O que aconteceu?

– Estávamos jogando uma partida e..., e... as porcas foram embora – disse Cveja demonstrando aborrecimento.

– Mas por que os porcos nunca saem quando Vera cuida deles? – Essa era a última coisa que os garotos queriam ouvir. Vera era uma menina, dois anos mais velha, e sempre fazia tudo certinho.

– Teremos mais cuidado da próxima vez – prometeu Voja chorosamente, depois que o pai deixou claro seu desagrado.

O verão passou depressa, e as aulas recomeçaram em setembro. Os gêmeos voltaram para a mesma classe e tiveram a mesma professora no segundo ano. Eles novamente se saíram bem e levaram para casa um bom boletim, o que deixou Mara e Ilija orgulhosos. Quando a escola entrou em férias no verão seguinte, Ilija pôs os meninos para trabalhar no moinho.

– O estudo não tem valor se não for colocado em prática – disse ele. Enquanto Mara aplaudia os meninos, quer eles merecessem ou não, os elogios de Ilija eram escassos.

No ano seguinte, em setembro, Nata, agora com 18 anos, saiu de casa e foi

para a escola missionária em Zagreb. Ela havia decidido estudar mais. Os gêmeos passaram para o terceiro ano e foram transferidos para outra classe, com o professor Popovich, que lecionava para o terceiro e quarto anos.

Durante o ano, o professor ensinou aos gêmeos geografia, uma nova matéria que os fascinou. Em casa, por iniciativa própria, eles estudavam a geografia da Europa e recitavam a todos que quisessem escutá-los as capitais de cada país do continente que haviam memorizado. Logo eles também decoraram a população das capitais e o tamanho de cada nação em quilômetros quadrados.

Em setembro de 1939, os gêmeos começaram o quarto ano, o último na escola primária, com o mesmo educador.

Em 2 de janeiro, a família celebrou a sua *Slava*, e convidou o professor Popovich, que era dois anos mais velho que Leka. Nata veio de Zagreb para o recesso de inverno, de duas semanas. A família estava reunida outra vez, e a conversa girou em torno de educação.

– Eu não tinha ideia da importância da educação até que voltei para a escola – disse Nata. – Pai, não impeça os meninos de estudar. Deixe que eles prossigam para o ginásio.

– Mas, Nata, agora eles têm idade suficiente para ajudar – contra-argumentou Ilija. – Um dia, estas empresas pertencerão à sua geração. Como é que eles irão administrá-las se não aprenderem isso agora?

O professor Popovich entrou no meio da discussão.

– Mestre Ilija, compreendo seu ponto de vista, mas Nata está certa. Seus filhos são inteligentes. Seria um crime impedir que eles desenvolvam a mente. – Ele fez uma pausa. – Sou o único filho de meu pai. Minha família também era rica. Se não fosse a intervenção de meu professor da escola primária, hoje eu não seria educador.

Ilija olhou de modo inquiridor para o homem e então se voltou para os meninos.

– Talvez eu pudesse mandar o mais novo – disse ele olhando para Cveja. – O mais velho poderia ficar em casa e me ajudar. Algumas famílias com vários filhos têm educado o mais promissor, enquanto os outros permanecem em casa para trabalhar.

– Por favor, não os separe, pai – implorou Nata. – Mande os dois. Eles

sempre têm ficado juntos.

– Também concordo que isso será bom para os meus irmãos – disse Vera.

Mara sorriu em aprovação a suas filhas, mas não interveio.

– Deixe-me pensar a este respeito, Sr. Popovich – disse Ilija. – No entanto, eu concordo em deixá-los fazer o exame de admissão ao ginásio. Veremos depois que eles obtiverem as notas.

As aulas terminaram no fim de junho. Em julho, Mihajlo levou os gêmeos com o seu segundo filho, Branko, para fazer o exame de admissão. O adolescente, quatro anos mais velho do que os gêmeos, era um gênio em matemática, e havia abandonado a escola depois de perder quatro dedos da mão direita num acidente na serraria. Durante os últimos dois anos ele havia feito cursos por correspondência, e agora queria terminar o ginásio.

Imediatamente após realizarem os exames, os rapazes receberam as notas. Com dois outros estudantes de Uzvece, Cveja e Voja foram aprovados. Branko também passou em seus exames. Todos os cinco estudantes de Glusci que fizeram os exames, incluindo um de seus primos, foram reprovados. Todos eles haviam feito os exames por recomendação de seu professor, o que significa que apenas quatro, dentre mais ou menos 75 formandos da escola primária das duas vilas, estavam qualificados para entrar no ginásio. No antigo reino da Iugoslávia, o nível educacional era muito elevado.

– Acho que vocês ganharam – disse Ilija com sua atitude totalmente mudada após ouvir o relatório. – Os gêmeos podem ir para o ginásio. Entretanto, Sabac é longe demais para eles viajarem para lá e para cá diariamente. Mara, teremos que arranjar moradia para os meninos em Sabac.

CAPÍTULO 16

SAINDO DE CASA

Como eles sobreviverão? Será que conseguirão se arranjar sozinhos? Eles são tão jovens, e Sabac é uma cidade grande. Será que vão se lembrar do que lhes ensinei? Preocupações inundaram a mente de Mara enquanto se apressava ao alvorecer, arrumando num enorme baú de madeira travesseiros e acolchoados de penas de ganso, lençóis, toalhas e conjuntos idênticos de roupas para seus preciosos filhos. Era o mês de setembro de 1940, e os gêmeos haviam acabado de completar 11 anos.

– Estamos de pé! – falaram eles em coro, ao também acordarem cedo. Sair de casa numa idade tão tenra não parecia incomodá-los. Ter um irmão gêmeo era como ter outro "eu". Eles nunca estavam sozinhos. Jovens e indomáveis, eles aguardavam com grande expectativa sua próxima aventura.

– O baú de Branko já está a bordo. Vou levar para fora o baú dos gêmeos – disse Ilija arrastando a arca de madeira para a carruagem que ele havia encostado à porta. Branko, o primo de 15 anos, iria com eles. Agitação e ansiedade enchiam o ar enquanto Ilija, Mara e os três garotos subiam a bordo.

Em pé na estrada, do lado de fora do portão para vê-los partir, estavam Mihajlo e Lila, pais de Branko. Nata já havia voltado para a escola em Zagreb. Mas Vera, choramingando, acenava com um lenço branco, que parecia uma bandeira, para os seus irmãos que partiam. Era como se estivesse entregando-os a uma causa mais nobre.

– Adeus! Boa sorte! – Os gritos seguiram a carruagem enquanto esta se afastava com um ruído surdo.

– Adeus! Adeus! – responderam os meninos, acenando e espichando o pescoço.

– *Srecno! Srecno!* Boa sorte! – desejaram os aldeões quando a carruagem

passou por eles ruidosamente, através de Uzvece rumo a Sabac. A notícia havia se espalhado de que os gêmeos, as celebridades de Glusci e de toda a região, estavam indo embora para a escola. Dina, uma das senhoras ciganas, saudou-os aos gritos. Seu marido e dois filhos mais velhos trabalhavam para a família, e os filhos mais novos brincavam com frequência com Cveja e Voja.

Logo a carruagem chegou às ruas de Sabac, pavimentadas com pedras chatas e lisas que abrandavam o barulho das rodas. "Olha o automóvel! Olha o caminhão do exército!", exclamavam os gêmeos em voz alta, virando a cabeça para trás e para frente ao verem essas coisas estranhas em sua primeira visita à cidade. Carruagens puxadas por muitos cavalos, fileiras de lojas apinhadas de gente de cada lado da rua, mais pessoas do que eles jamais haviam visto – tudo isso os deixavam atônitos. Comparada a Glusci, com seus 2.000 habitantes, a cidade de Sabac, com dez vezes mais residentes, parecia enorme.

– Olhe que belos edifícios! – gritaram os gêmeos quando a carruagem seguiu pela rua principal. – Nunca vimos algo parecido! – Além dos prédios clássicos da prefeitura e do palácio da justiça, a cidade de Sabac se orgulhava de ter um novo hotel de quatro andares, uma lustrosa e redonda casa bancária de mármore, escolas de comércio de quatro anos, um teatro, dois cinemas, três farmácias modernas, muitas lojas, uma biblioteca, uma pequena igreja católica, uma grande igreja sérvia ortodoxa, e uma sinagoga judaica. Com exceção de pequenos grupos de batistas e adventistas do sétimo dia, os protestantes eram virtualmente desconhecidos nessa época. E como poucos muçulmanos moravam na cidade, não havia mesquita.

– Parem! – gritou Ilija para os cavalos, enquanto puxava as rédeas e parava na frente de uma pastelaria. O portão do pátio ao lado se abriu e uma mulher baixa e corpulenta, de cabelos brancos, apareceu.

– Eu estava esperando vocês – disse ela sorrindo. Mara havia entrado em contato com essa idosa viúva, membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de Sabac, e ela havia concordado em hospedar os meninos durante o ano escolar.

– *Tetka* Radosava, estes são os nossos filhos e este é o nosso sobrinho Branko – disse Mara apresentando os meninos. Então, vendo um prédio grande em sentido diagonal do outro lado da rua, perguntou: – Aquela é a escola ginasial distrital?

– Sim – disse a mulher. – Devo dizer que é muito conveniente. – Ela abriu a outra folha do largo portão, de modo que Ilija pudesse entrar com a carruagem

no pátio pavimentado. – Meu apartamento é lá nos fundos. Os três meninos vão ficar em um dos dois quartos que alugo ao lado do meu.

Enquanto os garotos ajudavam Ilija a carregar os baús, Mara pendurou as duas vestimentas idênticas, de lã marrom, feitas sob medida por um alfaiate local. Eram as primeiras roupas dos gêmeos compradas em lojas.

– Lembrem-se de que estas roupas são para a igreja – instruiu Mara. – Agora que vocês estão crescendo depressa e morando na cidade grande, precisam se vestir como as pessoas da cidade. – Depois de desencaixotar tudo, os cinco foram fazer compras.

O anúncio na loja dizia "BATA", e os gêmeos entraram apressados na frente de todos. Pouco tempo depois, eles saíram, cada um carregando uma caixa. "Nosso primeiro par de sapatos comprados em uma loja!", exclamaram os gêmeos orgulhosamente. Até ali eles haviam andado de pés descalços ou usado suas sandálias *opanke.* Branko também comprou um par de calçados.

Na livraria, os meninos adquiriram os livros e os bonés escolares. Então voltaram para casa.

Depois de acomodarem os garotos, Mara e Ilija conversaram com *Tetka* Radosava e então se prepararam para ir embora.

– Obedeçam a *Tetka* Radosava e ajudem nas tarefas e com a lenha – disse Mara. – Todas as sextas-feiras viremos buscar a roupa suja. Traremos alimento da fazenda para ela cozinhar e dinheiro para vocês passarem a semana. – Ela deu um beijo na testa de cada um e recomendou: – E lembrem-se, crianças, não deixem de ir à igreja. O grupo de Sabac é novo para vocês, mas logo farão amigos. E como vocês estarão na escola no sábado de manhã, vão à reunião dos jovens à tarde. No domingo também.

– Todos vão à reunião dos jovens no sábado à tarde. Não é só para os jovens – acrescentou *Tetka* Radosava. – O domingo é para os membros levarem seus amigos.

As sombras do anoitecer envolveram o pátio quando o sol se pôs no horizonte, e os três meninos acompanharam Mara e Ilija até a carruagem. Subindo a bordo, Mara voltou-se para olhar os filhos pela última vez. "Meu coração já dói", murmurou ela num suspiro. Então ela e Ilija foram embora sozinhos, carregando para casa dois baús vazios.

Cada sexta-feira, Mara ia visitá-los, às vezes com Ilija, outras com Vera, ou

até mesmo sozinha. Quando Vera ia junto, ela demonstrava sua alegria e conversava com os irmãos transbordando de felicidade por vê-los. Nata permanecia em Zagreb. Uma sexta-feira, porém, Mara não apareceu; em vez disso, ela foi no domingo. A mãe encontrou Cveja na igreja, mas não via Voja em lugar algum.

– Onde está seu irmão? – perguntou ela a Cveja.

– Não sei, mãe. – Ele encolheu os ombros. – Estávamos vindo juntos para a igreja quando vimos um grande circo no cruzamento. A placa dizia: "Circo de Belgrado". – Cveja fez uma pausa. – Voja parou para ver um ventríloquo por alguns minutos, e disse que me alcançaria depois.

Mara ficou abatida. *Apenas algumas semanas fora de casa, e Voja já desobedeceu,* ela se lamentou. *Por que será que Cveja sujeita-se mais facilmente? O que será de meu primogênito com suas tendências para a diversão?*

Entrando na carruagem, ela rodou à procura do circo. Encontrou a tenda pouco depois e parou. Um grupo de observadores curiosos havia se aglomerado ao redor de um ventríloquo vestido com roupas coloridas, em pé na entrada da tenda, manipulando marionetes e convidando as pessoas a entrar. Mara se aproximou. Ela se espremeu entre os que estavam na frente para espiar dentro do pavilhão. Lá, sentado num banco perto do palco, estava o filho desobediente. Ele estava virando a cabeça e olhando em volta, parecendo impaciente para que o espetáculo começasse. De repente, olhou para trás e viu a mãe com os olhos fixos nele! Seu rosto ficou sombrio, mas ele olhou de relance e fingiu não vê-la.

– Voja – chamou ela após esperar alguns momentos. *Como será que ele entrou?* – ela se perguntou. *A entrada deve ser cara. Como ele conseguiu o dinheiro?* – Ele olhou para o outro lado, fingindo que não a ouviu.

– Voja – chamou ela de novo, desta vez mais alto. Novamente ele a ignorou. Sentada ao lado dele, uma mulher com uma criança pequena olhou de relance por cima do ombro para Mara e então para Voja. Ele bateu o pé, levantou-se e saiu do circo pisando duro em direção a Mara. Nesse momento, o ventríloquo levou sua parafernália para dentro. A cortina de entrada desceu. Voja ficou do lado de fora, com o rosto vermelho como um pimentão.

– Então, o que você quer? – perguntou ele com a voz entrecortada, quase em prantos.

As palavras bíblicas *"a resposta branda desvia o furor"* vieram à mente de Mara. – Meu querido – começou ela sorrindo e elevando uma breve prece, – na sexta-feira seu pai e eu não pudemos vir, de modo que vim hoje. – Sua voz era baixa e suave. – Deixei comida na casa de *Tetka* Radosava e daí fui à igreja. Cveja estava lá e lhe deixei alguns trocados. Por isso, *Vojcika* [maneira carinhosa como ela o chamava], a mamãe veio aqui apenas para vê-lo e lhe dar algum dinheiro também. – Ela pôs algumas moedas em sua mão e lhe deu um beijo na testa.

– Até logo, meu filho querido, meu menininho. Deus o abençoe – disse ela. E voltou em direção à carruagem com o coração tremendo. *Ele está em Tuas mãos agora, Senhor. Ajuda-o a não se desviar dos Teus caminhos* – orou ela fervorosamente. Sem olhar para trás, ela embarcou, apanhou as rédeas e foi embora em silêncio.

CAPÍTULO 17

RUMORES E VENTOS DE GUERRA

Enquanto os gêmeos estudavam em Sabac e sua família cuidava das rotinas costumeiras em Glusci, os acontecimentos mundiais prenunciavam desgraça de modo cada vez mais intenso.

Quando a Primeira Guerra Mundial terminou em 1918, os resultados incluíram a dissolução de quatro antigos impérios, o surgimento de novos estados independentes, e um mapa da Europa totalmente alterado. Embora a Áustria tivesse culpado a Sérvia pelo assassinato do arquiduque Francisco Fernando, que deflagrou a guerra, os aliados vitoriosos julgaram os alemães como os principais responsáveis pelo conflito. Obrigados a indenizar os estragos, a Alemanha não conseguiu manter os pagamentos; sua economia debilitada faliu. Dos escombros do país, Hitler ascendeu ao poder absoluto.

Embora a maioria das nações europeias, cansadas da guerra, tivesse permitido que suas defesas militares declinassem durante a década de 1930, três nações começaram a promover ações militares: o Japão de Hirohito na Ásia e no Pacífico; a Itália de Mussolini no norte da África; e, a Alemanha de Hitler na Europa Central. Em 1934, as consequências foram sentidas no Reino da Iugoslávia.

Em 9 de outubro de 1934, Branko chegou a casa com notícias chocantes: “A escola está fechada hoje. Nosso rei Alexandre foi assassinado em Marselha durante uma visita oficial.” A notícia do trágico incidente, emitida pelo governo da Iugoslávia, dizia apenas que o ato fora cometido por uma “mão inimiga”, e que não houve retaliação.

Em 1938, uma pacífica Europa havia visto com atenção Hitler anexar a Áustria e se apoderar da Tchecoslováquia. Mas quando a Alemanha surgiu como a mais poderosa e moderna máquina de guerra já construída e atacou a Polônia,

o mundo acordou de repente para uma realidade assustadora. As forças alemãs lançaram um ataque repentino através do Velho Continente, abatendo de surpresa países desatentos e despreparados. Assim, começou a Segunda Guerra Mundial.

Em Glusci, as coisas também mudaram. Alguns dos membros mais jovens da família queriam mais independência, de modo que, em 1938, a *zadruga* dos Vitorovich se dividiu em duas partes. Milorad, que tinha o maior número de filhos, separou-se de Ilija e Mihajlo. Três anos mais tarde, Ilija e Mihajlo separaram-se. Eles dividiram a propriedade e os animais entre os três irmãos segundo o número de filhos que cada um possuía. Uma cerca de madeira delimitava cada uma das três herdades. Embora independentes, eles partilhavam os equipamentos agrícolas e mantinham as mesmas boas relações.

Nesse ínterim, a viúva de Milosav havia se casado novamente e se mudara, deixando seu filho com Ilija. Agora, já adulto e casado, ele havia herdado a parte do pai. Um dos filhos de Milorad, o único que completou os estudos, mudou-se para outra cidade a fim de trabalhar como chefe de estação ferroviária.

A energia elétrica ainda não havia chegado à aldeia, mas quase todas as famílias possuíam um rádio de pilhas. "Vocês ouviram as notícias? Coisas estranhas estão acontecendo", cochichavam entre si as pessoas do povoado. Todos em Glusci haviam ouvido os relatos alarmantes de hostilidade em outras partes do mundo. No entanto, em fevereiro de 1941, a paz reinou no reino da Iugoslávia.

Aproximava-se a primavera e Mara começou a plantar suas sementes, secadas da colheita do ano anterior, em caixas de madeira dentro de casa, perto de janelas ensolaradas. Os homens começaram a preparar os campos para o plantio. A vida continuava e, embora os rumores da guerra ecoassem ao longe, sua realidade parecia muito distante. À noite, as famílias se reuniam em torno de seus rádios para ouvir as notícias do agravamento dos eventos mundiais. Entretanto, os acontecimentos dramáticos também estavam começando a ocorrer localmente.

Em 27 de março de 1941, em Belgrado, milhares de cidadãos tomaram as ruas para protestar contra a assinatura secreta do Pacto Tripartite. Com esse ato, o príncipe regente Paulo, que assumiu o trono após a morte do rei Alexandre, se posicionou ao lado da Alemanha. Cercada agora pelos países do Eixo, e com 1 milhão de tropas italianas e nazistas em suas fronteiras, o acordo prometia

neutralidade à Iugoslávia, e também permitia que o exército alemão atravessasse o país. Um golpe militar destronou Paulo, colocou o jovem rei Pedro em seu lugar, e rejeitou o pacto. Os sérvios haviam desafiado Hitler. Foi a primeira nação balcânica a fazê-lo. Ramificações de longo alcance seguiram-se.

Pouco tempo depois, enquanto Ilija trabalhava no campo e Mara plantava sementes em sua horta perto da casa, um vizinho atravessou o portão.

– Mara, você ouviu as notícias? Belgrado declarou estado de guerra. O governo espera que a Alemanha ataque a qualquer momento. Acabo de vir de Sabac. As escolas estão fechando e mandando os alunos para casa.

Mara se levantou alarmada. – Nossos meninos! Precisamos buscar nossos meninos! – Ela levou a notícia para os homens, e logo Ilija estava a caminho de Sabac, com dois baús vazios, para trazer de volta os filhos e Branko. Na casa de Radosava, os gêmeos esperaram até Ilija chegar.

– A escola nos avisou hoje de manhã, pai – disseram os gêmeos. – Já pegamos nossas coisas. – Eles lhe mostraram as roupas dobradas e os pertences empilhados na cama.

– Vim logo que ouvi as notícias – disse Ilija. Ele havia conduzido a carruagem para junto da casa e saiu para buscar os baús.

Depois de dizerem adeus a Radosava, os garotos subiram na carruagem. Branko havia se mudado para a casa de outra família a dois quarteirões de distância, de modo que Ilija e os meninos foram até lá para apanhá-lo. Eles quase não conversaram na viagem de volta para Glusci.

Ao chegarem a casa, os garotos encontraram a querida Nata. Ela havia voltado de Zagreb alguns dias antes. A situação política lá havia mudado drasticamente, e coisas estranhas estavam ocorrendo. Todos os estudantes sérvios haviam sido aconselhados a ir embora enquanto pudessem. Nata havia partido de trem no dia seguinte a esse anúncio, pouco tempo antes que a Croácia fechasse sua fronteira.

No período de uma semana, as convocações militares chegaram pelo correio. Havia chegado o tempo para que a presente geração marchasse para a guerra à semelhança de seus pais e avós antes deles. O atual interlúdio de paz havia acabado.

Os três filhos de Milorad, o filho mais velho de Mihajlo e o filho de Milosav foram para Sabac a fim de se apresentar ao exército. O filho mais velho

de Mihajlo já havia servido por um período na cavalaria, logo depois de se casar. Quando saiu, levou um dos cavalos com ele, conforme solicitado. A guerra havia chegado à pátria novamente. Os membros da família se despediram em meio a incertezas e lágrimas.

Com esse ato, o príncipe regente Paulo, que assumiu o trono após a morte do rei Alexandre, se posicionou ao lado da Alemanha.

CAPÍTULO 18

ATAQUE INIMIGO

– Eles são lindos! – exclamaram os gêmeos, inspecionando a exibição de ovos coloridos e decorados que as mulheres e garotas haviam pintado. Apesar da guerra, a família estava se preparando para a festa ortodoxa da Páscoa, na igreja. À tarde, no domingo de Páscoa, os pátios da igreja iriam ressoar com a música de violinos e acordeões de ciganos, danças folclóricas e risos das crianças batendo os ovos cozidos e decorados contra os dos amigos, para ver quais deles resistiriam mais tempo sem se quebrar.

Mara não disse nada, mas seus pensamentos ecoavam com eloquência em sua mente. *Ovos. O que é que eles têm que ver com a ressurreição de Cristo? A ressurreição é a esperança de todo cristão, no entanto os símbolos da fertilidade obtêm mais atenção.*

Em 6 de abril de 1941, o Domingo de Ramos pelo calendário gregoriano, Ilija se preparou a fim de ir à igreja para uma liturgia especial. Mara havia se levantado cedo e estava lendo a Bíblia, quando uma batida urgente ressoou na porta. Milorad estava ali, com o rosto pálido e em suas roupas de igreja.

– Mara, Ilija – disse ele. – Acabo de ouvir as notícias. Aviões alemães bombardearam Belgrado. Aconteceu hoje ao amanhecer. Eles voaram baixo, quase à altura dos telhados, e deixaram a cidade em chamas. Supõe-se que haja milhares de vítimas. As bombas continuam caindo.

– Esses pagãos, como podem fazer isso? – retrucou Ilija com voz irada. – Hitler sabe que Belgrado é uma cidade aberta. Ela estava indefesa!

A família almoçou mais tarde naquele dia, todos quietos e melancólicos, ouvindo pelo rádio as últimas notícias. Dias depois, as bombas ainda estavam caindo sobre a cidade e o rádio noticiou: “Sob a cobertura de bombardeios contínuos, os exércitos combinados do Eixo cercaram o reino da Iugoslávia e

atacaram de todos os lados. O exército iugoslavo foi liquidado."

Nossos entes queridos, o que terá acontecido com eles? Será que sobreviveram? Essas perguntas oprimiam cada coração. Cinco deles haviam partido para a guerra, sem mencionar Zivan, o marido de Leka.

"O exército iugoslavo caiu. O país se rendeu", o noticiário confirmou uma semana mais tarde. As forças do Eixo estavam dividindo o país como um bolo, cada qual se apossando dos pedaços que cobiçavam.

"Hitler criou um grande estado croata. Ele anexou a Bósnia-Herzegovina e áreas vizinhas à província croata", declarou posteriormente o noticiário. "A Croácia anunciou sua independência e declarou guerra aos Aliados." Enquanto o Estado Independente da Croácia seguia a orientação política dos nazistas, a Sérvia, onde o sentimento antinazista era mais forte, era ocupada pelos alemães.

Logo os soldados do exército iugoslavo voltaram para suas casas trazendo um estranho relatório. "Nosso equipamento não funcionava. As balas de canhão eram de festim. Os revólveres não disparavam. Traidores sabotaram o equipamento. Na confusão, o exército se dissolveu sem ter chance de lutar. Milhares de soldados escaparam para as montanhas para atuarem como guerrilheiros."

No entanto, Zivan, o marido de Leka, havia desaparecido. A família soube depois que os alemães o haviam capturado, mas ninguém sabia de seu paradeiro ou se ele ainda estava vivo.

– O comando militar alemão estabeleceu um quartel-general no Palácio de Justiça de Sabac – Johann disse a Ilija um dia. Ele falava alemão fluentemente e muitas vezes escutava clandestinamente os nazistas conversando quando viajava para Sabac. – Amanhã, eles passarão por Glusci. Seria uma boa ideia ostentar panos brancos como um gesto de paz.

Mais tarde, naquele dia, Mara pregou grandes toalhas leves a estacas que Ilija havia preparado na serraria, e então prendeu as estacas à cerca de madeira em frente à sua casa. No dia seguinte, antes do meio-dia, quando viaturas alemãs passaram ruidosamente pela vila, não havia multidões enfileiradas nas ruas para saudá-los. Lençóis brancos nas cercas e toalhas brancas tremulavam como bandeiras num testemunho mudo de que sua chegada não era bem-vinda, e da relutante rendição do povo.

– Olhe só para eles, desfilando por nossas ruas – murmurou Ilija, enquanto

ele e Mara observavam por entre as cortinas da janela.

"A escola vai reabrir na segunda-feira, de modo que os alunos poderão completar o ano letivo", anunciava de casa em casa um mensageiro da prefeitura, num dia de maio. No domingo, Mara se despediu relutantemente de seus gêmeos. "Tudo vai passar, e Jesus voltará", disse ela encorajando os meninos e a ela própria. Esta era a frase que ela repetia sempre. Por favor, Senhor, proteja os meus filhos, orava ela. Os garotos foram para Sabac, mas Nata e Vera permaneceram em casa com os pais.

"Os exércitos unidos de Hitler e do Eixo invadiram a Rússia com quatro semanas de atraso em relação à data programada", declarou o noticiário em junho de 1941. "Num discurso feito justamente antes da invasão, Hitler culpou os sérvios pelo atraso, cujo golpe o forçou a desviar recursos vitais para a Sérvia. O furioso Führer jurou punir os sérvios e esmagá-los sem misericórdia."

– As coisas não estão nada bem – disse Mara a Ilija após ouvir o noticiário.

– Hitler nunca nos perdoou por ajudarmos a derrubar o Império Austríaco. Agora ele está decidido a acabar conosco – respondeu Ilija com o rosto sério.

Enquanto os exércitos motorizados dos alemães avançavam rapidamente na Rússia, forçando o despreparado exército vermelho a retroceder, na Iugoslávia, alguns dias após a invasão, grupos de resistência estavam começando a crescer. O primeiro grupo, os Partisans, haviam se organizado na região de Glusci. Oficiais do extinto Exército Real Iugoslavo que haviam escapado, em vez de voltarem para casa organizaram o movimento Chetnik, leal ao rei. Muitos se juntavam a um ou outro desses grupos. A luta guerrilheira foi como os sérvios resistiram aos seus invasores durante séculos de ocupação.

– Você tem visto Draga e seus irmãos ultimamente? – perguntou Mara a Ilija um dia. – Eu passo por sua casa e eles nunca estão por lá.

– Acho que eles se juntaram aos Partisans – respondeu Ilija. – Vários de nossos vizinhos parecem ter desaparecido, tanto jovens como velhos, e também mulheres. Eles provavelmente estão escondidos em algum lugar nas montanhas.

Muitos haviam, de fato, fugido para as montanhas, mas nas férteis planícies ao redor de Glusci, Draga e seus dois irmãos estavam vivendo em abrigos subterrâneos e túneis cavados nas terras de sua propriedade, camuflados na superfície por montões de palha. Aparelhos de radioamador possibilitavam o contato com os companheiros. À noite, eles saíam a fim de receber alimento de

suas famílias e realizar missões de retaliação e sabotagem.

A guerra havia chegado a Glusci, e os perigos espreitavam a cada passo.

CAPÍTULO 19

CAPTURADO

Tum! Tum! Tum! Alguém estava batendo à porta. Era meio-dia; Ilija, Mara e as crianças haviam acabado de sentar-se para almoçar na própria cozinha, que havia sido acrescentada à sua casa depois que a *zadruga* fora dividida. Quando Ilija abriu a porta, quatro soldados alemães entraram abruptamente, fortemente armados. Suásticas pretas num disco branco adornavam as braçadeiras vermelhas no braço esquerdo de cada um deles. Dois soldados apontavam metralhadoras para a família aterrorizada que se encolheu junto à mesa. Os outros dois empurraram Ilija para trás com pistolas em punho, e se espalharam pelos quartos. Ninguém ousou dizer uma palavra.

"Niemand gefunden!", disseram os dois, voltando de mãos abanando. Eles agarraram Ilija, que era o único homem adulto na casa. Como as aulas ainda não haviam começado, os gêmeos ainda estavam em casa. Felizmente para eles, os meninos tinham apenas 12 anos de idade.

"Kommen Sie mit uns!", gritaram os soldados rispidamente. "Peguem comida para três dias!", eles ordenaram em alemão. Tendo ouvido o ídiche [língua originária do alemão, falada por judeus do leste europeu] em Budapeste, Ilija entendia o alemão e o traduziu para Mara. Tremendo, ela apanhou um pouco de queijo, carne, um pão de forma e uma garrafa cheia d'água, colocou tudo numa sacola de lona e a entregou a Ilija. Ele a pendurou no ombro pela correia.

"Gehe! Gehe!", berraram os soldados, empurrando-o na direção da porta. Ele se virou e lançou um último e prolongado olhar para a esposa e os filhos. Horrorizados e sem poder fazer nada, eles observaram em silêncio.

No momento em que a porta se fechou com um estrondo, as crianças correram para as janelas. Mara as seguiu. A casa estava sobre uma elevação, e

das janelas era possível ver a estrada por cima da cerca. Espiando através das cortinas transparentes, eles viram um longo comboio de caminhões do exército com toldo de lona. Soldados conduziram Ilija para junto de um grupo de homens em pé atrás de um dos veículos de carga.

– Lá está o tio Milorad! – gritou Cveja, reconhecendo-o em meio ao grupo.

– E seus três filhos – disse Mara, ofegante e horrorizada. – Eles devem ter parado primeiro na casa deles. – Agora Ilija se unira a eles. Os homens seguiram atrás dos caminhões da tropa quando o comboio começou a se mover.

Com o rosto pálido, os cinco espectadores observaram o cortejo se mover rua acima – primeiro o caminhão, então um grupo de homens caminhando atrás dele, e daí um grupo de motocicletas carregando três soldados alemães, dois deles armados com metralhadoras. Atrás deles, seguia outro caminhão do exército, outro grupo de motocicletas, e assim por diante, em toda a fileira.

Quando o comboio já estava a uma distância segura, Mara afastou a cortina para o lado, abriu a janela e olhou para fora. Ele havia parado na casa de Mihajlo. As crianças espicharam o pescoço para ver. Logo Mihajlo e seu filho adulto foram levados para fora, juntando-se aos outros homens. Mara e os filhos continuaram observando o comboio até que ele chegou à casa dos filhos de Milosav, onde o viram ser arrastado para fora.

– Mãe, para onde eles estão indo? O que vai acontecer com eles? – as crianças perguntaram, voltando a cabeça para dentro do quarto com o rosto pálido.

– Não sei, crianças, mas Deus sabe. Vamos pedir aos Seus anjos para cuidar deles. Oremos. – Ela se ajoelhou, e as crianças a rodearam, de mãos cruzadas e olhos fechados. “Misericordioso Pai, Deus poderoso, Tu sabes que Ilija e os outros foram levados embora, não sabemos para onde. Que os Teus poderosos anjos se acampem ao redor deles e os protejam. Traze-os de volta ilesos para nós. No precioso nome de Jesus oramos.”

– Amém – repetiram as crianças.

Logo o comboio desapareceu, e as mulheres saíram das casas, agora sem os seus homens, e foram para a rua. Crianças menores de idade correram com elas. Reunindo-se em grupos, elas choraram e se lamentaram, todas falando ao mesmo tempo. Ao ver Mara, algumas se dirigiram a ela.

– Mara, Mara, o que vamos fazer? Deus misericordioso! Nossos maridos,

nossos filhos! Eles os levaram! E se eles forem mortos?

– Eles estão nas mãos de Deus – foi a única coisa que Mara pôde responder, com o coração pesado. – Tudo o que podemos fazer é orar. Precisamos ser fortes.

Por três longos e dilacerantes dias não houve qualquer notícia. O motor do moinho permaneceu silente; os campos ficaram abandonados; a serraria não foi usada. Todos os homens robustos de Glusci haviam sido capturados e levados. Nenhum cliente trouxe cereais para o moinho. Ninguém trabalhou nas fazendas. Até Johann havia desaparecido.

– O comboio também passou por Uzvece – disse Mila a Mara quando a viu novamente. – Todos os nossos homens foram capturados. Na ausência deles, mulheres, garotas e crianças procuraram preencher os vazios onde fosse possível, ordenhando as vacas, cuidando dos animais, e fazendo o trabalho mais urgente. Ansiosas e desesperadas, elas aguardavam alguma boa notícia. Algumas indagavam, mas ninguém sabia do paradeiro dos homens, nem mesmo se ainda estavam vivos. No terceiro dia, Johann apareceu subitamente à porta da casa de Mara.

– Johann! Onde é que você estava? Como você chegou aqui? O que aconteceu com nossos homens? Você viu Ilija? – Mara o bombardeou com perguntas.

– Os alemães nos levaram para Sabac – contou ele. – Eles me liberaram quando perceberam que sou alemão. – Ele fez uma pausa. – Vi Milorad e Mihajlo e seus filhos. Eles estão com os outros, num acampamento militar cercado com arame farpado.

– E Ilija? Você viu Ilija? – perguntou ela com voz fraca. Johann não havia mencionado o nome dele, e ela temeu o pior.

– Não, Mara, não vi – respondeu ele lentamente. – Parece que ele é o único desaparecido. Sinto muito, Mara. – Ele baixou os olhos por um momento. – Mas vou continuar investigando e lhe direi o que conseguir descobrir.

Durante toda a semana seguinte, Mara orou sem cessar, aguardando alguma notícia. Quando Johann voltou, estava de rosto fechado. – Tentei tudo que pude, Mara. Simplesmente não há sinal de Ilija – admitiu ele, balançando a cabeça.

Nos dias seguintes, Mara continuou suas atividades sem dizer qualquer coisa às crianças sobre a situação do pai delas. *Eu sei que você está vivo, Ilija,* cria ela em seu íntimo. *Em breve ouvirei alguma notícia sua. Obrigado, Senhor,*

eu sei que Tu estás cuidando do meu Ilija. Deus poderoso, Tu estás no controle.

Três dias depois, Johann apareceu de novo. – Mara, tenho ótimas notícias! Vi Ilija. Ele está no acampamento militar com seus irmãos em Sabac. Nos últimos dez dias, ele esteve doente, mas está bem agora.

– Graças! Graças, Senhor! Eu tinha certeza de que o protegerias – exclamou Mara. – O que aconteceu, Johann? Ele disse?

– Sim, Mara. Durante todo esse tempo, ele esteve num hospital perto da estação ferroviária, no lado croata. Quando os homens estavam cruzando a ponte flutuante sobre o rio Sava, para o que agora é a Croácia, ele caiu. Eles haviam corrido atrás do caminhão do comboio, e Ilija sentiu-se fraco. Os homens não haviam bebido água durante todo o dia. Os irmãos de Ilija, que estavam à frente dele, ouviram um tiro de rifle e se viraram para trás. Eles o viram deitado na ponte tendo um dos soldados em pé ao lado dele, com o rifle abaixado. O filho de Milorad voltou correndo para ajudar Ilija, mas outro soldado o atacou com a sua baioneta. Ele se esquivou, e a lâmina lhe arranhou a testa. O soldado lhe ordenou que voltasse e acompanhasse os outros. Essa foi a última coisa que eles souberam de Ilija. Na verdade, eu sabia disso quando falei com você da primeira vez, Mara – confessou Johann – mas não tive coragem de lhe contar. Agora eu sei o restante, porque o próprio Ilija me falou.

– Conte-me, Johann. O que aconteceu depois? – Os olhos de Mara estavam arregalados.

– A bala não acertou Ilija e se alojou na ponte de madeira. Mas enquanto estava deitado lá, ele ouviu dois outros soldados falando em húngaro, língua que ele entendia. Assim, ele falou com eles em húngaro. Um dos soldados era um oficial muito bondoso, Ilija me disse. O oficial lhe perguntou como ele aprendeu húngaro. Ilija lhe contou de sua experiência em Budapeste, na Primeira Guerra Mundial. Então o oficial mandou levá-lo ao hospital e até mesmo o visitou enquanto ele esteve lá. Quando Ilija sentiu-se melhor, o oficial encarregou alguém para levá-lo a Sabac. Impressionante. Ele é nosso inimigo!

– Impressionante? Sim, mas Deus é que é realmente impressionante! – respondeu Mara. – Estou tão aliviada. Obrigada, Johann. Se você vir Ilija de novo, diga-lhe que as crianças e eu estamos orando por ele.

Johann sorriu e foi embora. No dia seguinte, Mara o viu novamente.

– Os alemães estão tentando induzir um dos homens de Glusci a acusar seus

vizinhos de serem comunistas – contou Johann. – Eles querem ter uma desculpa para executá-los. Até agora, porém, ninguém se manifestou. Acabo de voltar de Sabac. Não sei por quanto tempo eles irão detê-los.

Finalmente, seis semanas depois de arrebanhar os homens e não conseguindo levá-los a trair seus compatriotas, os alemães libertaram os homens de Glusci e os mandaram para casa.

Por outro lado, 120 homens de Uzvece nunca voltaram para seus lares. Os que retornaram disseram: “Um homem do nosso grupo cedeu ao inimigo. Ele acusou muitos de seus amigos de serem comunistas. Sabemos que não são. Todos os 120 homens que ele mencionou foram levados embora e desapareceram.”

Muitos lares em Uzvece ficaram aflitos, especulando sobre o destino de seus queridos. De uma casa, um pai e três filhos foram levados; de outra, um pai e dois filhos; quatro irmãos de outra casa, e assim por diante. Nos dias e meses que se seguiram, suas famílias se agarraram intensamente à esperança. “Talvez eles estejam vivos em campos de trabalho alemães”, diziam eles. No entanto, o tempo passou e nenhuma carta chegou pelo correio.

Nesse ínterim, cada novo amanhecer trazia incerteza à medida que a ocupação continuava, e, durante a noite, muitas vezes ocorria o inesperado.

CAPÍTULO 20

OCUPAÇÃO INIMIGA

– Vocês precisam obedecer *Baka* [avó] Anka – ordenou Mara aos seus meninos, enquanto eles se preparavam para sair de casa para o seu segundo ano ginasial. – E lembrem-se daquilo que eu lhes ensinei.

Corria o mês de setembro de 1941. *Tetka* Radosava havia morrido de câncer, e Mara havia feito arranjos para que os meninos se hospedassem na casa de outra viúva idosa, que morava mais longe, a mais ou menos 1,5 km da escola. A cozinha grande de seu apartamento de dois dormitórios tinha o dobro do tamanho do quarto dos gêmeos.

Em dezembro de 1941, os Estados Unidos entraram na guerra do lado dos Aliados. Os combates continuavam através do mundo. Até junho de 1942, mais de 1 milhão de judeus na Europa havia sido exterminado na tentativa nazista de varrer a raça do continente. No Estado Independente da Croácia, centenas de milhares de sérvios, judeus e ciganos que viviam dentro de suas fronteiras alargadas tiveram a mesma sorte no campo de extermínio de Jasenovac.

À semelhança de outros, que protegeram judeus em países nos quais tremulava a bandeira vermelha com a cruz gamada, as pessoas na Sérvia ocupada pelos alemães não se deixaram coagir para denunciar seus vizinhos semitas. A vida de muitos desses corajosos protetores foi eliminada.

– Não há livros este ano – informaram os gêmeos aos seus pais quando estes os visitaram em Sabac. – Precisamos fazer anotações na aula se quisermos estudar. – Com as gráficas fechadas e a dificuldade de conseguir papel, tudo ficou racionado e com estoque baixo.

– Por que precisamos estudar alemão? – protestaram os gêmeos à mãe em outra visita. – Eles são nossos inimigos. Não queremos falar a língua deles. – Esse era um sentimento generalizado entre todos os alunos, embora o alemão,

francês e latim fossem disciplinas obrigatórias em seu currículo.

– Escutem, crianças, vocês precisam fazer diferença entre a língua alemã e a política – aconselhou Mara. – Nem todos os alemães são a favor da guerra. Estudem a língua o melhor que puderem. Vocês não sabem quando poderão precisar dela.

Um dia, Mara estava trabalhando em sua horta quando ouviu um barulho estranho. *Que barulho é esse?*, ela se indagou. Ela ouviu um leve zumbido, como de um enxame de abelhas, e então o barulho aumentou, e se tornou uma trovoada seguida de um silvo agudo e ensurdecedor de sirenes e um grande estrondo. – Aviões alemães! – gritou ela, olhando para o céu. Ela correu para dentro de casa e ficou olhando pela janela.

Caças alemães, voando baixo, estavam bombardeando algo a distância. O ruído dos aviões mergulhando, soltando a carga letal, e então roncando de volta para o céu, um após o outro, fez gelar o sangue de Mara. Setores de Glusci também sofreram danos naquele ataque aéreo.

– Talvez possamos ouvir as notícias hoje à noite – disse Ilija mais tarde, ao anoitecer. – Ele tirou o rádio, agora proibido, do seu esconderijo. – A esta hora da noite a transmissão do rádio pode ser audível. – A interferência alemã muitas vezes impedia as transmissões da BBC e da Voz da América. Além dessas fontes, as únicas informações confiáveis sobre a guerra vinham ocasionalmente de algum jornal da resistência secreta contrabandeado de Sabac ou Belgrado, e que era lido de casa em casa, trazendo para os seus ávidos leitores as notícias do progresso dos Aliados.

– Voja, mamãe lhe trouxe uma surpresa – disse Mara ao seu filho em outra visita a Sabac. – É um violão. Você gostaria de experimentá-lo? – Ela lhe entregou um violão acústico que havia comprado em Sabac. – Quando aprender a tocá-lo, você poderá participar das reuniões de jovens. Você não gostaria? – Seu filho mais velho às vezes precisava de um pouco de estímulo.

Voja apanhou o violão e o dedilhou. – Ele tem um bom som. Obrigado, mãe. – Seu interesse fez o coração dela palpitar. Mas havia outras distrações a serem descobertas na cidade.

– O time local de futebol vai jogar neste domingo, às 2h da tarde – disse Voja animadamente a Cveja. – Voja Rogic, o melhor atacante do time, estará em campo. – Rogic era o herói de Voja. Os dois gêmeos eram fãs ardorosos do

esporte.

– Devemos estar na igreja nesse horário – respondeu Cveja.

– Nunca podemos nos divertir! – exclamou Voja. Embora fosse à igreja cada sábado de tarde, às vezes ele cedia à tentação no domingo.

Os dias na escola continuavam, e sem delongas os ventos gelados do inverno tornaram difíceis as viagens. Quando o mau tempo impedia Mara de visitar os filhos na sexta-feira, ela ia no domingo. Meses depois, chegou a primavera, o ano escolar terminou, e os gêmeos voltaram para casa, para as férias de verão.

– O céu parece uma tela pintada – murmurou Mara um dia, ao observar as nuvens brancas e os campos verdes de trevos do outro lado da estrada. – A guerra é como um pesadelo. – A diferença é que ela não desaparece como o orvalho com o sol da manhã. Em alguns dias, ela parecia menos incômoda. Mas sempre, de várias maneiras, a presença do inimigo pairava sobre a terra como uma mortalha. A ameaça de uma represália repentina ou de um ataque surpresa espreitava em cada sombra.

– Alguns veículos acabaram de parar lá fora – disse Nata à sua mãe, ao olhar pela janela. – Caminhões de alemães. – Alguns minutos depois, eles ouviram berros e batidas na porta da casa. Quando Mara abriu, quatro soldados armados entraram.

"Essen, essen", gritaram eles, fazendo gestos com as mãos na direção da boca. Ela apontou para a despensa, e eles serviram-se de tudo o que encontraram e quiseram. Ao saírem, os armários estavam vazios. Assim começaram as visitas regulares de alemães exigindo provisões para suas tropas.

– Os soldados foram ao moinho na noite passada – disse Ilija uma manhã, ao chegar a casa atrasado para o desjejum e com os olhos vermelhos. – Johann e eu ouvimos o caminhão deles parar, e então bateram na janela. Pensei que iam quebrar o vidro.

– Não é estranho eles virem à noite? Pensei que tivessem receio de sofrer uma emboscada – disse Mara. As crianças pararam de comer e escutaram. – Como eles souberam que você estava lá?

– Eles devem ter ouvido o barulho do motor do moinho. Você sabe como ele é barulhento. E a janela... Tenho certeza de que a luz é visível da rua – disse Ilija. – Quando abri a porta, seis soldados entraram, apontaram seus rifles e

exigiram farinha. Estou surpreso ao perceber o quanto entendo de alemão. – Ele soltou um suspiro.

– Eles levaram a maior parte da farinha da família. E os sacos que estavam à porta aguardando os clientes também foram levados. Tentei retirá-los, mas não consegui. – Ele fez uma careta. – Quando os clientes vieram buscar a farinha hoje de manhã, tive de explicar, mas não foi fácil. Disse-lhes que não deixassem mais sua farinha aqui à noite.

Alguns meses depois, já tarde numa noite de verão, uma voz bradou em meio às trevas, seguida de batidas à porta. "*Mi smo Partizani"*. "Somos Partisans; deixem-nos entrar!" As batidas e os gritos acordaram a família. Ilija levantou-se da cama e destravou a porta. Mara enrolou um xale em volta de si e foi atrás dele.

Seis homens armados, vestidos com vários uniformes remendados, entraram. Nenhum dos rostos era familiar, mas as estrelas de cinco pontas em seus bonés os identificaram como Partisans. O barulho acordou as crianças, e elas ficaram em pé observando ao lado.

– Estamos com fome – disseram os homens olhando para Mara.

Mara rapidamente acendeu o fogão com gravetos mantidos num balde ao lado. Ela encontrou restos de carne de ganso defumada, um pouco de queijo e um pão de forma na despensa; rapidamente ela começou a aquecer a carne. Sentados à mesa da cozinha, os forasteiros encostaram seus rifles e armas automáticas em suas cadeiras, ao seu alcance. Enquanto esperavam, um deles olhou o relógio. Outro se levantou e espiou cuidadosamente pela janela. Eles pareciam receosos de se encontrar com nazistas ou com o outro grupo de resistência. Embora ambos os grupos de resistência lutassem para libertar o país dos alemães, com o passar do tempo, eles começaram a lutar um contra o outro pelo controle da nação após a guerra.

Ilija trouxe a habitual *sljivovica*, aguardente de ameixa, enquanto os homens esperavam por sua refeição. Depois de comerem, Mara lhes entregou um saco.

– Levem este alimento com vocês – disse ela. – Aqui tem carne, queijo e pão.

Em outras noites, membros do grupo de resistência Chetnik apareceram, com cintos de munição atravessados no peito, gorros pontudos na cabeça ou

chapéus de pele de carneiro ostentando o símbolo da coroa. Ambos os grupos de resistência se escondiam durante o dia para evitar a captura por parte dos nazistas. Muitos dos Chetniks tinham rostos familiares. Eram amigos das aldeias vizinhas.

– Cozinhe para nós um pouco de *gibanica,* ordenavam eles em suas visitas.

Enquanto Mara preparava o *strudel* de queijo, Ilija novamente trouxe *sljivovica.* Os Chetniks foram embora com o estômago satisfeito, uma canção nos lábios e os braços carregados de alimento.

Uma tarde, caminhões alemães vieram de novo enquanto Ilija trabalhava no quintal. Eles sempre escolhiam as casas grandes, onde esperavam encontrar mantimento em abundância.

Uma manhã, bem cedo, quando Mara foi ao moinho, viu Ilija tirando farinha com uma concha do latão da família e despejando-a num saco de aniagem.

– O que você está fazendo, Ilija? – perguntou ela.

– Não podemos mais deixar toda a nossa farinha aqui. Não é seguro. Ele completou o saco e o amarrou com firmeza. – Vamos ser obrigados a enterrar nossa farinha e nosso sustento. Não me importo de alimentar os nossos, os que nos protegem, mas quando se trata dos invasores, é outra história. Se eles continuarem voltando, logo ficaremos sem nada.

Naquela noite, Ilija cavou um buraco na pequena horta de Mara, perto de casa, enquanto ela observava. Ele havia enchido um barril grande de madeira com farinha e esticou sobre a abertura uma lona e a amarrou bem com uma corda. Lançando o barril para dentro do buraco, ele o cobriu com terra e rolou uma pedra grande sobre o local. Então cavou outro buraco ali perto, apanhou um monte de palha limpa e encheu-o com batatas, cenouras e várias cabeças de repolho recém-colhidas, cobrindo tudo com terra e batendo-a de leve.

– Certo, isso deve ser suficiente – disse ele, limpando a testa com as costas da mão.

E assim, eles começaram a esconder os produtos, bem como seus valores. Em tempos como aquele, tudo estava sujeito a ser confiscado.

– Tenho estas duas belas jaquetas – lembrou Mara a Ilija um dia. – Venho guardando-as para as minhas futuras noras. Elas não são mais fabricadas e

deveríamos escondê-las em algum lugar. – Ela pegou as jaquetas de veludo feitas a mão, com mangas longas e largas, decoradas ao longo das bordas e dorsos com bordados dourados em arte turca, e dobrou-as numa caixa de aço forrada com lã. Então acrescentou algumas moedas de ouro e outros objetos de valor. Ilija cavou um buraco no pátio e enterrou a arca.

– Parece que estamos vivendo uma vida dupla atualmente, uma em liberdade e outra às escondidas – comentou Mara com Ilija uma noite, enquanto eles enterravam alguns produtos. – É um milagre nos lembrarmos de onde tudo está enterrado.

Todos agora começaram a esconder suas provisões para que tivessem o necessário para si mesmos e suas famílias. Os agricultores continuavam trazendo seus cereais ao moinho para serem processados, mas esperavam até que fossem moídos ou iam buscá-los antes do anoitecer. As atuais circunstâncias os obrigavam a tomar todas as precauções.

Os estranhos que apareciam à sua porta, Mara tratava como hóspedes de honra, relembrando a história bíblica de Abraão, o qual demonstrou hospitalidade a três viajantes. Embora os visitantes do patriarca fossem seres celestiais, não havia chance de que algum daqueles forasteiros se enquadrassem nessa categoria. Apesar disso, o costume sérvio impunha hospitalidade para todos.

– A situação é tal que qualquer um pode bater à nossa porta de dia ou de noite – observou alguém na família. – Alemães no encalço de Partisans e Chetniks. Partisans perseguindo Chetniks, e Chetniks à procura de Partisans. Enquanto isso, do outro lado do rio Sava, no Estado Croata, a apenas 11 km dali, os extremistas Ustashe perseguiam e executavam tanto Chetniks como Partisans.

– Tudo está ficando escasso – disse Milorad a Mara e Ilija um dia, após voltar de uma viagem para comprar provisões. – Os nazistas requisitaram todo o couro produzido pelas fábricas para o seu uso, de modo que não há mercadorias de couro disponíveis para o povo. Alguns de nossos vizinhos estão usando sapatos com solas de madeira.

– Felizmente temos animais – respondeu Ilija. – Eles nos dão carne para comer e couro para nossos sapatos. – Ilija havia secado algumas peles que havia curtido – couro de bezerro para a parte de cima dos sapatos, e couro de boi para o restante. – Isto deve ser suficiente para dois pares – disse ele, cortando pedaços grandes de couro. O sapateiro pode fazer um par para mim e ficar com o restante

como pagamento. Os meus sapatos estão gastos.

A vida na aldeia continuava correndo em harmonia com a situação. Por fora, as pessoas se apegavam às tarefas diárias, tentando conservar uma aparência de normalidade, apesar da guerra. Por dentro, elas estavam se modificando, imperceptivelmente, inconscientemente. À medida que o conflito se arrastava, os sentidos foram se tornando aguçados, as emoções reprimidas, a maneira de pensar e o comportamento alterados. As crenças de Mara e sua vigorosa fé a ajudavam a isolar-se dos males da guerra e a inspiravam a esperar dias melhores.

– Quanto tempo você acha que esta guerra vai durar? – perguntou um cliente que aguardava por sua farinha no moinho. Os fregueses com frequência passavam o tempo especulando sobre a situação. Durante os meses de verão, os gêmeos ajudavam o pai e ouviam as conversas.

– Esse tal de Hitler parece invencível. Seu exército venceu todas as batalhas – respondeu outro.

– Escrevam o que vou dizer. A derrota está chegando. Seu exército não se saiu bem na Rússia – comentou um terceiro. – Hitler esperava que suas tropas voltassem vitoriosas antes do primeiro inverno. Elas já estão lá há três invernos agora.

– Deixe que o inverno russo, fiel como um verdadeiro aliado, se encarregue deles – declarou seu companheiro. – O inverno acabou com Napoleão. Espero que o "Führer" não se saia melhor.

CAPÍTULO 21

MILAGRE AO MEIO-DIA

Ilija irrompeu na cozinha, boquiaberto, justamente quando Mara havia colocado uma travessa de maçãs fritas sobre a mesa. O aroma pareceu despercebido a ele.

– Você chegou bem em tempo para o seu desjejum, Ilija. Estamos prontos para comer. – Ela se juntou às crianças, sentadas à mesa com rostos famintos e impacientes.

Ilija fechou a boca, tirou o chapéu preto de feltro, e ficou em pé na cabeceira da mesa. Todos se levantaram enquanto ele recitava a Oração do Senhor, e então se assentaram e passaram a comer avidamente o alimento. Na conversa que se seguiu, Mara notou que Ilija parecia estranhamente distraído. Olhadelas furtivas irradiavam de sua fisionomia, e ele mexia nervosamente o garfo, mal tocando o alimento. Finalmente, ele se afastou da mesa e falou:

– Mara! Crianças! Johann esteve aqui antes de eu entrar. Ele havia acabado de vir de Sabac. – Todos os olhares se voltaram para Ilija. As notícias que Johann trazia nesses dias eram importantes. – Ele disse que ouviu alguns oficiais alemães discutindo a emboscada que ocorreu na semana passada aqui na estrada. Vocês se lembram? Um grupo de Partisans matou dois soldados nazistas perto do milharal de nosso vizinho. – Ele fez uma pausa e suspirou profundamente.

– Johann disse que os alemães planejam castigar a cidade. Seu olhar circundou a mesa. – Eles estão enviando uma expedição de *panzers* [tanques] como vingança. Devem estar vindo de Sabac neste instante.

Mara e os outros ficaram estupefatos. – Eles vão punir aldeões inocentes? – Ela finalmente conseguiu perguntar com indignação. – Não temos nada que ver com isso!

– Isso não importa para eles. Seu lema é 100 vidas para cada soldado

alemão perdido.

De repente, a débil ilusão de uma amorosa família tomando um desjejum normal desapareceu como o orvalho da manhã com o calor do sol. A refeição acabou. Era tudo um enigma. Eles estavam em guerra, e nada era normal.

– Já avisei meus irmãos – continuou Ilija – e Johann passou a informação aos vizinhos. Agora todos eles estão provavelmente na mata. Precisamos salvar a vida e nos esconder até que os tanques vão embora, não importa o que vai acontecer com a casa. – Ele se levantou e começou a sair.

No entanto, nem Mara nem as crianças se mexeram. Quando Ilija olhou para trás, viu a esposa sentada à mesa, com a cabeça inclinada, de olhos fechados, e as crianças olhando para ela aguardando suas instruções.

É este o tempo, Senhor? Honrarás minha fé? É esta a Tua vontade? Será isto imprudente? A mente de Mara fervia de perguntas. Ela ansiava que sua família e vizinhos conhecessem a Deus numa base pessoal, e confiassem nEle como seu Amigo, para experimentar Seu amor da mesma forma que ela o fazia. Suas muitas orações haviam ascendido procurando uma oportunidade para que o Senhor demonstrasse Seu poder e amor, e agora ela se debatia. Sentada ali, orando por sabedoria, Mara tomou uma decisão.

Erguendo os olhos, ela fitou o esposo. – Ilija, vou ficar aqui. – Sua voz era calma. – Creio que Deus salvará nossa casa. Realmente. Ninguém de nós é culpado pela morte daqueles jovens. Deus honrará minha fé. Tenho certeza. Por favor, entenda.

O rosto de Ilija empalideceu. – Você não pode estar falando sério, Mara! É loucura ficar aqui. Os tanques já estão a caminho! Precisamos ir! Esqueça a casa. Podemos construir outra. Salve sua vida! Salve as crianças! – Sua voz soava desvairada, desesperada. – Crianças, venham comigo! – insistiu ele. Novamente ele se encaminhou para a porta.

As crianças permaneceram ao lado da mãe, trocando olhares, plenamente à vontade. A realidade de tanques vindo na direção deles numa missão de destruição aparentemente fugia à sua compreensão. O perigo de serem mortos nunca lhes pareceu real. A fé das crianças estava em sua mãe, e a dela estava ancorada em Deus.

– Você poderia ficar conosco, Ilija. – A voz de Mara o seguiu de sua cadeira. Ele parou na porta, com a mão na maçaneta. – Não posso ficar, Mara.

Não tenho a mesma fé que você. Minha presença descrente apenas prejudicaria suas orações. – Ele se virou da porta, em agonia. – Venha, por favor, Mara. Eu lhe peço. Crianças, como posso deixá-las aqui?

Mara sentiu que a voz dele transmitia aflição e temor, mas permaneceu inabalável. As crianças não se moveram, exceto virando a cabeça para olhar a mãe, o pai e uma para a outra. Ilija era alto e forte, e poderia arrastá-los à força, e Mara sabia disso. Ele deve ter tido um pouco de fé para deixá-los ficar.

Não vendo resposta, o arrasado Ilija saiu pela porta. Ela deu um suave estalido atrás dele. A sós na cozinha silenciosa, Mara e as crianças trocaram olhares. Pedaços de alimento ainda estavam nos pratos desarrumados sobre a mesa. A travessa estava vazia agora. Não mais havia o cheiro de fritura. Eles aguçaram os ouvidos para ouvir. Lá fora, a distância, um ruído surdo de algo ameaçador que parecia vir das entranhas da terra aumentava de volume.

– Crianças, precisamos fechar as janelas – disse Mara levantando-se rapidamente. Ela se dirigiu a uma das venezianas que ficava de frente para a rua. Nata e Vera correram para outra, e os gêmeos para uma terceira. Puxando as folhas da janela e fechando-as com a trava no caixilho, eles baixaram as persianas internas de madeira, bloqueando toda a luz que vinha de fora. No aposento escuro, a única luz que entrava vinha dos painéis de vidro das portas de entrada que davam para o pátio ao fundo, e de uma pequena janela no corredor.

Tendo trancado todas as seis janelas de frente para a rua, a mãe e as crianças voltaram para a mesa da cozinha, onde Mara apanhou sua Bíblia e começou a ler suas promessas em voz alta com a pouca claridade. Aconchegando-se umas às outras, as crianças ouviram: “O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei? [...] Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará meu coração; e se estourar contra mim a guerra, ainda assim terei confiança. [...] Pois, no dia da adversidade, Ele me ocultará no Seu pavilhão” (Salmo 27:1-5). “Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a Minha destra fiel. Eis que envergonhados e confundidos serão todos os que estão indignados contra ti; [...] serão reduzidos a nada e a coisa de nenhum valor os que fazem guerra contra ti. Porque Eu, o Senhor, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo; Não temas, que Eu te ajudo” (Isaías 41:10-13).

Mara fechou a Bíblia, colocou-a na mesa, e ajoelhou-se. Sobre o pequeno

tapete de lã que ela havia tecido, Nata, Vera, Cveja e Voja se ajoelharam em círculo em volta dela. Ela ergueu a cabeça, levantou bem alto as mãos cruzadas, fechou os olhos, e começou a orar: Deus e Pai Todo-Poderoso, ouve nossa oração. Eu e meus filhos vimos à Tua presença buscando proteção. Os tanques inimigos estão vindo para destruir a nós, nossas casas, nossa aldeia, nosso mundo. Mas Tu, Senhor, Te deleitas em salvar. Tu prevaleces sobre o mal. Deus Todo-Poderoso, não há ninguém como Tu. A quem temeremos? Glorifica o Teu nome, ó, Senhor, eu peço, para que os que testemunharem o Teu poder possam verdadeiramente crer. Protege-nos agora, eu Te peço, não que sejamos dignos, mas por amor do Teu nome, para que possas ser conhecido e honrado. Assim como livraste aqueles que confiaram em Ti, em todos os tempos, eu Te peço que nos livres agora. Então ela folheou a Bíblia, começando com o bebê Moisés, seguindo para José na prisão, Daniel na cova dos leões e seus companheiros na fornalha de fogo ardente, repetindo sua libertação.

Lá fora, o rumor aumentava, como de um trovão que precede uma tempestade. O fragor de rodas rangia na rua cascalhenta. Motores roncavam sem silenciadores, para aumentar o barulho e lançar terror no coração. No entanto, Mara não estava com medo. Seus filhos confiavam nela. Ela possuía coragem por todos eles. Ela continuou a orar: Oh, Pai, estarei eu fazendo a coisa certa? Tu me vês aqui com os filhos que me deste. Por favor, protege-os. Glorifica o Teu nome para que outros possam crer. Protege-nos com Tua poderosa mão.

Quando Mara se cansava de ficar ajoelhada, ela sentava-se. Inclinada, com a cabeça tocando os joelhos, braços estendidos à sua frente, ela ainda orava. Os gêmeos e as irmãs se reclinavam em várias posições quando se cansavam. Quando Mara parava de orar, Nata começava. Quando Nata parava, Vera se encarregava de orar. Cveja e Voja se revezavam.

Logo o terrível ruído chegou mais perto e abafou suas vozes, de modo que eles não conseguiam se ouvir acima do estrondo. As grossas paredes de tijolos da casa começaram a tremer. As portas chacoalhavam em suas dobradiças. As janelas corrediças e venezianas trepidavam num ritmo nervoso.

Quando o nível de barulho indicou a chegada do primeiro blindado, Mara puxou os filhos para o chão e se deitou ao lado deles. Eles estenderam o corpo tão rente ao chão quanto possível, com o rosto para baixo, os braços junto à cabeça e as mãos fechadas sobre os ouvidos para abafar o ruído ensurdecedor. Por um momento, ela estremeceu. O barulho foi terrível. Então, uma calma a inundou quando ela se lembrou das promessas bíblicas.

Entretanto, logo as vibrações começaram a diminuir e o intenso ruído ficou moderado. Mara abriu os olhos e sentou-se.

– O tanque passou e não atirou! – gritou Nata erguendo-se de um salto, com os olhos cheios de surpresa. As crianças festejaram.

– Ele precisou passar primeiro pela casa do tio Milosav e Mihajlo – bradou Vera – mas ele não abriu fogo, nenhuma vez! – Esta realidade os fez rir, chorar e agradecer a Deus, tudo ao mesmo tempo.

Logo o rumor começou a aumentar novamente. A casa tremeu. Janelas e portas trepidaram. Mara e as crianças se deitaram no chão outra vez, orando. O ruído do blindado abafou suas vozes, mas Mara sabia que os ouvidos de Deus ouviram cada palavra.

Uma vez mais as vibrações diminuíram. Dessa vez, também não houve bombardeio. Eles sentaram-se e gritaram. Nenhum ronco de tanques ou estampidos da guerra poderia silenciar suas alegres vozes e louvores.

– Dois, três – Voja e Cveja haviam começado a contar. *Quantos tanques ainda haverá?*, Mara se perguntava. Quando o terceiro tanque passou, Mara e as crianças estavam dando louvores a Deus com toda a força dos pulmões. Então, exatamente quando ouviram o quarto blindado se aproximando, uma tremenda rajada dupla de artilharia explodiu na direção em que os tanques avançavam. A explosão os sacudiu e fez tremer a casa em seus alicerces. Eles ficaram em silêncio, curiosos, não ousando ir até a janela.

– O tanque deve ter bombardeado algum lugar depois da nossa casa – concluiu Mara.

Outra explosão dupla fez a casa tremer, depois outra, enquanto os blindados continuavam passando, bombardeando a partir do que parecia ser o mesmo local.

– Uma vez vimos um *panzer* bombardear uma parede grossa de tijolos – relembrou Cveja. – A primeira bomba fez um buraco na parede; a segunda entrou pelo buraco e estourou numa bola de fogo.

– Uma das casas em nossa rua deve ter sido atingida – sugeriu Nata. Mara sentiu Vera se encolher ao seu lado e agarrar-lhe a mão.

Um a um os blindados passaram à frente de sua residência. O rumor fluía e refluía à medida que cada tanque ia e vinha. Pouco a pouco as bombas explodiam a distância. Finalmente o bombardeio e os tremores cessaram e o

ruído diminuiu.

– Contamos 16 tanques – informou Cveja.

– Eles foram embora! – disseram as crianças em coro, erguendo-se de um salto. Nata se levantou e olhou para a mãe, que estava sentada no chão, esfregando um músculo da perna. Alguns minutos depois, o rumor voltou e começou a aumentar.

– Eles estão voltando! – exclamou Vera com horror.

– Oh, Senhor, por favor, não deixe que eles nos bombardeiem desta vez – orou Mara, caindo prostrada ao chão mais uma vez.

Novamente a casa tremeu; as venezianas trepidaram. Outra vez eles se prostraram ao chão e oraram. O ruído aumentou e diminuiu como antes.

– Eles estão indo mais depressa agora – gritou Voja em meio ao barulho.

– E não estão bombardeando! – acrescentou Cveja. Em coro agora, as crianças contaram 16 blindados novamente. Então esperaram. O longo e ameaçador desfile de aço e fogo desapareceu gradualmente como o trovão de uma tempestade indo embora. Tudo havia terminado.

No sinistro silêncio que seguiu-se, aclamações de entusiasmo e alívio brotaram do pequeno grupo. Mara e as meninas balbuciaram sua gratidão a Deus por seu livramento miraculoso. A mãe se ergueu lentamente, sentindo cãibras por ter ficado ajoelhada por tanto tempo. Nata se levantou, espichando-se.

– Estivemos orando por quase duas horas – observou Mara olhando o relógio. – Vamos ver o que aconteceu – disse ela, dirigindo-se à janela. Ela destravou e abriu as persianas internas de madeira e as venezianas. *O que foi todo aquele bombardeio?* A expectativa incomodou-lhe a mente.

De repente, ela recuou. No claro céu azul, uma horrível fumaça negra flutuava em sua direção.

– Vamos lá fora – sugeriu Nata, encaminhando-se para a porta detrás da casa. Vera correu atrás dos gêmeos, que escaparam na frente e desceram os quatro degraus.

– Esperem, crianças – advertiu Mara enquanto eles rodeavam o lado da casa. Uma cerca bloqueava sua visão da rua, mas o céu havia se tornado ameaçadoramente escuro. O fétido odor de fumaça misturada com vapores nocivos de óleo diesel e enxofre fez arder as narinas e os olhos. Mara abriu o

portão e as crianças correram para fora.

Do outro lado da rua, campos verdejantes de trevos tingidos de flores vermelhas se estendiam como antes. À direita, em direção à aldeia, o moinho de reboco cor-de-rosa e telhado vermelho permanecia ileso ao lado da casa. Em seguida, estavam as casas de reboco cinza de Mihajlo e Milorad, também intatas. A olaria também estava em pé, do outro lado da rua.

Então eles olharam à esquerda. A casa de Milorad, vizinha à deles, bem como as quatro casas seguintes, estavam intocadas. Entretanto, além daquele ponto havia uma cena de devastação. Tanto quanto os seus horrorizados olhos podiam ver, de ambos os lados da rua, ondas de fumaça saíam dos escombros carbonizados das casas. Chamas pulavam e crepitavam. Alguns telhados haviam desabado, e apenas sólidas chaminés de tijolos se erguiam como sobreviventes aleijados da tormenta de fogo.

– Oh! – exclamou Mara cobrindo a boca para sufocar um grito. As casas dos vizinhos, sua bela aldeia, seu pequeno mundo estavam reduzidos a cinzas. A tristeza substituiu a alegria que havia sentido momentos antes.

Logo o povo saiu da mata, dois a dois e em pequenos grupos, com as crianças correndo na frente. Alguns carregavam cobertores, jarros d'água, sacos de alimento pela metade, que haviam levado com eles. Ao verem os escombros fumegantes que antes haviam sido suas casas, as mulheres choraram alto, batendo com os punhos no peito.

Ilija foi o primeiro a alcançar sua família. – Mara, crianças, vocês estão bem? Não posso acreditar no que vejo! – Sua voz era cheia de surpresa, perguntas e aflição. Todas as oito residências dos Vitorovich estavam intatas, bem como quatro casas dos seus vizinhos mais próximos, que se estendiam por quase 1 km ao longo da rua principal.

Milorad, Mihajlo e as esposas correram para as casas. Todos falavam ao mesmo tempo, repetindo as mesmas perguntas, e soltando as mesmas exclamações. Então Johann apareceu.

– Olhe, Johann. Veja o que aconteceu! – lamentou-se alguém quando ele se aproximou, apontando para o monte de entulho, como se ele pudesse ter impedido seus compatriotas alemães de realizarem sua malévola missão. Johann olhou com tristeza, mas dirigiu seus passos na direção de Mara.

– Onde você estava quando vieram os tanques, Mara? – perguntou ele. –

Você foi para a mata?

O clamor das vozes cessou. Todos os olhares se voltaram para Mara. O rosto dela se iluminou, e os olhos brilharam de gratidão.

– Johann, as crianças e eu estávamos na casa. Nós ficamos para orar.

Exclamações irromperam daqueles que não sabiam. – Ela estava na casa? – perguntou alguém com incredulidade.

Johann bateu na testa com a palma da mão.

– Mara, Mara – repetia ele. Eu devia ter adivinhado. Isso faz sentido agora. – Então ele se virou para Ilija, a fim de explicar. O pequeno grupo se juntou mais.

– Hoje de manhã, depois de avisar vocês sobre os tanques, fui para casa. Durante todo o caminho para lá, eu me senti terrivelmente perturbado e deprimido, desejando fazer alguma coisa. Então me ocorreu uma ideia. Quanto mais eu andava, tanto mais intenso se tornava esse pensamento. Não consegui livrar-me dele. Logo que cheguei, peguei minha pá no galpão, coloquei-a sobre o ombro, e voltei depressa para Glusci. – Todos os olhares se fixaram em Johann enquanto ele falava.

– A rua estava deserta quando cheguei lá. Imagino que todos haviam ido para a mata. Daí cavei e retirei a tabuleta com o nome da aldeia e a recoloquei depois das casas dos Vitorovich. É claro que eu não podia deter os tanques; não podia salvar todo o povoado, mas procurei preservar pelo menos uma parte dele.

Um silêncio caiu sobre o grupo. Braços amorosos se estenderam para abraçá-lo. Johann se dirigiu a Mara outra vez:

– Naquele momento, eu nem pensei o que aconteceria se eles me pegassem. Tudo que eu sentia era essa estranha compulsão. – Ele fez uma pausa, e um sorriso alegrou-lhe o rosto ao olhar para Mara. – Agora entendo a razão.

Vizinhos chorosos andaram a passo lento na direção deles, com os olhos arregalados de surpresa e desespero.

– As casas de vocês não foram danificadas. Não sobrou muito das nossas.

– Sinto muito – disse Mara, estendendo os braços para eles, com o coração entristecido. Como poderia ela se regozijar quando tantos outros haviam sofrido tal perda?

– Mara estava em sua casa orando – explicou Johann. Então lhes contou sobre sua estranha compulsão e o que havia feito. – Estremeço só de pensar o que teria acontecido se não tivesse agido assim. Deus estava cuidando de você, Mara. Gostaria de ter feito mais.

– Não é culpa sua, Johann – disse alguém. – Eles saíram para castigar a aldeia. Nossas casas teriam sido destruídas de qualquer maneira.

– Queremos ajudá-los – ofereceu Mara. – Onde vocês vão dormir? Como vão comer? Podemos dar-lhes alguns cobertores.

– Ainda temos nossos estábulos, cocheiras e celeiros. Eles não foram danificados – respondeu um dos vizinhos. – O clima ainda está quente. Podemos dormir lá. Nossos animais e as plantações sobreviveram, mas não temos lugar para ficar ou cozinhar.

– Vamos ajudá-los – disse Ilija. – Venham aqui amanhã e se alimentem conosco.

– Vou fazer pão a mais. Lila e Petra vão ajudar. Vamos partilhar – disse Mara.

Durante várias semanas os aldeões trabalharam juntos, e ajudaram uns aos outros. Alguns começaram a fazer os próprios tijolos não cozidos e iniciaram a reconstrução. As pessoas estavam acostumadas à adversidade e às dificuldades, e haviam aprendido a sobreviver. Cada guerra exigira que eles recomeçassem a partir do zero.

E o milagre de Mara ao meio-dia continuou sendo uma inspiração por muito tempo.

CAPÍTULO 22

A GUERRA TERMINA

– Veja, Ilija! – gritou Mara, apontando para o céu. – Aviões! – O esposo estava pregando tábuas frouxas da cerca, quando Mara saiu. Ele também ouvira um ronco baixo e distante, como um prolongado trovão. Ficando ereto, com o martelo na mão, ele protegeu os olhos e olhou para o céu.

– Eles parecem um enxame de gafanhotos – observou Mara. – Você alguma vez viu tantos assim?

– Os alemães não voam tão alto. Eles não precisam – disse Ilija pensativamente. – São aviões americanos, nossos aliados! – sua voz subiu de tom.

Outros também notaram e tiraram a mesma conclusão, pois gritos de aclamação ressoaram de várias direções. – Talvez agora esta guerra termine – suspirou Mara.

Durante as últimas semanas, não houve informações pelos jornais ou rádio; mas, no verão de 1944, circularam notícias de que a "guerra havia mudado de rumo".

Na verdade, o conflito havia começado a mudar em favor dos Aliados. Justamente no ano anterior, Mussolini havia sido preso, e a Itália se rendera. A recente invasão da Normandia por parte dos Aliados vencera uma batalha decisiva para a Europa. Na Rússia, em Stalingrado, dezenas de generais nazistas e centenas de milhares de tropas alemãs, congeladas e famintas, haviam se rendido.

"Os alemães entraram motorizados como conquistadores; agora estão indo embora a pé e derrotados", observou mais de um noticiário. Ao longo de todos os 2.400 km da linha de frente oriental, as tropas de Hitler estavam recuando, e o exército vermelho os acuava em furiosa perseguição.

Quando Cveja e Voja foram para casa em junho, para as férias de verão, levaram relatos horripilantes de acontecimentos que haviam presenciado em Sabac.

– Vimos pessoas enforcadas em postes de luz em nossa rua. Toda vez que íamos para a escola, passávamos por elas, penduradas ali. Amigos judeus e donos de lojas desapareceram. Todos os ciganos sumiram de seu bairro na cidade. Vimos prisioneiros dos alemães cavarem uma vala comum. Agora sabemos o que aconteceu aos 120 homens de Uzvece...

Ouvindo esses relatos dos filhos, Mara estremeceu. – Os olhos das crianças não deviam ver essas coisas horríveis, esta tragédia. Tantos sofredores inocentes – disse ela. Ela balançou a cabeça em aflição. Testemunhas da violência e injustiça também foram vítimas.

– Os nazistas estão voltando. Dezenas de milhares deles estão batendo em retirada da Rússia e indo para a Alemanha. Alguns já chegaram a esta região – contou Johann a Ilija numa manhã de setembro, quando o encontrou com os meninos varrendo as plataformas no moinho, enquanto gansos e galinhas perambulavam pelas redondezas, dando bicadas no chão e apanhando grãos de cereais. – Muitos têm caminhado a maior parte do percurso. Eles estão famintos e desesperados. Se encontrarem algum alimento ou cavalo, eles pegam para si.

– Não sobrou muita coisa. Os Partisans e os alemães já confiscaram todas as nossas carruagens, carroças e cavalos – respondeu Ilija. – Um cavalo e uma carroça é tudo que temos. Sem eles não poderemos transportar nada ou lavrar a terra. Obrigado pela advertência, Johann.

Logo que o amigo saiu, Ilija deu instruções a Voja:

– Peça a sua mãe para pôr um lanche numa sacola. Depois, leve o cavalo e a carroça e esconda-os na mata. – Ele se dirigiu a Cveja: – Cveja, vá e conte isso a Milorad.

Alguns minutos depois, o filho mais velho de Milorad, agora com 35 anos de idade, apareceu com o último cavalo e carroça de sua família. Os dois primos foram escondê-los na mata próxima, imaginando que o inimigo levaria tudo antes do anoitecer.

O sol brilhante se elevou no céu e então desceu no horizonte. Mas os dois primos ainda não haviam voltado da mata. Mara havia olhado para a rua durante todo o dia, esperando ver algum sinal deles, orando enquanto trabalhava. À

noitinha, ela deixou a porta externa sem travar, para que Voja pudesse entrar. Então ela se ajoelhou em seu quarto. Já estava bem escuro quando ouviu a porta se abrir e o barulho de passos no corredor.

– Voja? – chamou ela com esperança, correndo ao seu encontro. – Você esteve fora por tanto tempo. Você está bem? – Com o barulho da conversa, Cveja, Nata e Vera saíram apressados dos quartos. Nenhum deles conseguira dormir enquanto o paradeiro de seu irmão permanecia desconhecido. Quando Voja se deixou cair numa cadeira, os irmãos rapidamente cercaram a mesa, ansiosos por ouvir sua experiência.

– Estávamos lá no meio da mata, escondidos numa pequena clareira. Com árvores por toda a volta, pensávamos que ninguém poderia nos ver – começou ele. – De repente, ouvimos um berro penetrante: "Halt!" Fiquei arrepiado de susto. Dois oficiais alemães surgiram não sei de onde, apontando armas para nós. Um tinha binóculos pendurados no pescoço. Imagino que foi dessa maneira que eles nos acharam.

Cveja se inclinou para seu irmão. Os ouvintes prestavam atenção quase sem respirar.

– O oficial corpulento, o coronel, ordenou ao outro que atirasse em nós. Foi a primeira vez que ouvi a língua alemã falada fora da sala de aula, mas entendi. Mãe, eles iam nos matar! Eu tinha que fazer alguma coisa. – Ele engoliu em seco. – Escapei por baixo da metralhadora que o oficial apontava para nós e corri para o coronel, perguntando-lhe em alemão: "Por que você quer nos matar?" – Ele me olhou com surpresa. Acho que gostou que eu falasse alemão, pois deu um leve sorriso. Eu lhe disse: "Não somos comunistas. Leve nossos cavalos e carroças, mas, por favor, não nos mate." Ele pensou por um minuto e mudou de ideia. Ele disse ao outro oficial para entrarmos nas carroças. Andamos com eles pela mata. Não sabíamos o que iam fazer conosco. Então, quando chegamos à estrada e vimos as tropas alemãs, eles nos deixaram ir.

As meninas se reclinaram em seus assentos.

– Graças a Deus! – exclamou Mara.

– Eu sabia que você estava orando por nós, mãe – disse Voja voltando-se para a mãe. – Isso me deu forças. – Ele fez uma pausa. – Sabe de uma coisa? Acho que falar alemão me salvou a vida. Fico feliz porque a senhora me incentivou a estudá-lo.

Quando chegou o mês de setembro, a escola não abriu. Todas as aulas foram suspensas para o ano. Tudo estava em desordem e confusão no país. Os acontecimentos estavam se sucedendo rapidamente.

À medida que os Partisans comunistas de Josip Tito libertavam uma região após a outra, estabeleciam sua administração interna. A essa altura, os Chetniks de Draza Mihajlovich estavam fora de cena. Por causa das represálias dos nazistas aos civis inocentes quando soldados alemães foram mortos, os Chetniks haviam desviado suas energias a fim de sabotar operações de guerra e transmitir informações secretas aos Aliados para manobras posteriores. No entanto, os ataques agressivos dos Partisans contra tropas nazistas atraíram o apoio dos Aliados.

Em outubro, os Partisans haviam expulsado os alemães da devastada cidade de Belgrado. O povo se aglomerou nas ruas para dar as boas-vindas e aclamar seus libertadores. Eles subiam nos tanques, gritando: "Viva Tito!" Alguns, em meio à multidão jubilosa, tocavam violinos, enquanto outros dançavam nas ruas. Outros, ainda, jogavam flores sobre os vitoriosos.

Em abril de 1945, Mussolini estava morto, e Hitler cometeu suicídio em sua fortaleza. Em maio, Berlim ficou em ruínas, e os alemães se renderam incondicionalmente. A guerra acabara, mas havia instabilidade geral, em todos os lugares.

Algum tempo depois, um homem apareceu à porta da casa de Mara.

– Mara, você não se lembra de mim? – perguntou ele.

O rosto que estava diante de Mara não lhe parecia familiar.

– Sou Zivan. Acabo de ser libertado da prisão, e estou voltando para casa e para Leka. – Durante os quatro anos num campo de prisioneiros de guerra na Alemanha, o cabelo de Zivan havia ficado totalmente grisalho.

– Oh, Zivan, graças a Deus! Você está vivo – disse ela. Mara o abraçou e o convidou para descansar e comer.

Com o fim das hostilidades, um estranho silêncio caiu sobre as feridas abertas de um mundo devastado. As metralhadoras não mais pipocavam. Explosões não mais fendiam os ares. Aviões não mais roncavam durante a noite. Ao término caótico da guerra, milhões de refugiados sem teto se acumulavam em acampamentos para pessoas desalojadas. Muitos haviam sofrido nas mãos do próprio povo e temiam retornar à terra natal, pois alguns países estavam agora

sob o domínio comunista.

Escondidos entre as incontáveis vítimas estavam também colaboradores dos nazistas e criminosos de guerra de todos os países da Europa. Todos se defrontavam com a mesma dificuldade: Como reagir às ameaças e hostilidades de dogmas odiosos. Alguns haviam se tornado traidores; alguns haviam cometido atrocidades. Agora, protegidos por novos nomes e falsos documentos de identificação, muitos deles fugiram para outros países, disfarçados como inocentes.

"A maioria de nossas cidades está em ruínas. Uma geração inteira foi dizimada. Muitos perderam seus lares, e uma grave fome ameaça muitas áreas", noticiou um repórter na Iugoslávia. Felizmente, a terra fértil na região de Glusci providenciou sustento.

"O Marechal Tito e seus Partisans comunistas não têm perdido tempo para reestruturar o país", resumiu outro noticiário. "O novo regime se estabeleceu nos antigos aposentos reais em Belgrado. Foi redigida uma nova constituição e novas leis, e formado um Estado centralizado de um só partido." Nesse sistema, a liberdade política e os direitos civis ficaram limitados. Os Partisans que haviam lutado obtiveram cargos de liderança e reconhecimento.

– Onde está Johann? – perguntou Ilija uma manhã. – Ele não tem trabalhado nos últimos dois dias. Isso não é do seu feitio. – Ao investigar melhor, ele ficou sabendo que o governo havia realizado investigações sobre todos os acusados ou suspeitos de haverem colaborado com os nazistas. Johann, sendo alemão, estava em um grupo de presos levados a Sabac.

Ilija imediatamente foi para Sabac. Ao voltar mais tarde, naquele dia, ele relatou sua viagem a Mara e sua família, que estavam preocupados com o bem-estar do amigo. – Fui ver o comandante comunista no campo de detenção – disse Ilija. – Ele não é daquela cidade e não sabia nada sobre Johann. Eu lhe disse que Johann tem trabalhado para nós durante os últimos 20 anos, e que ele definitivamente não foi um colaborador. Falei também que Johann ajudou o povo local muitas vezes, advertindo-nos dos perigos. O homem prometeu examinar a ficha dele e disse-me para voltar lá amanhã.

No dia seguinte, Ilija voltou a Sabac. Novamente, ao chegar a casa, ele contou o que aconteceu. – A ficha de Johann está limpa – disse ele. – O comandante não encontrou nenhuma acusação contra ele. No entanto, nosso amigo precisa de provas para libertá-lo. Um abaixo-assinado com 600 nomes

será suficiente.

Ilija e seus irmãos imediatamente redigiram uma petição, e cedo no dia seguinte, foram de casa em casa em Glusci e Uzvece, em busca de assinaturas.

– Temos 1.200 assinaturas – contou Milorad no fim do dia. – O dobro do número exigido. Na manhã seguinte, os três homens entregaram a petição ao comandante.

– Ele ficou surpreso de termos voltado a ele tão depressa – disse Ilija a Mara, ao regressar. – O comandante disse que eles verificariam os nomes e assinaturas pela lista da aldeia. Se tudo estivesse em ordem, Johann seria libertado em mais ou menos duas semanas.

Três dias depois, Johann apareceu à porta deles. – Johann, você voltou! – Foi uma alegria para a família, bem como para os demais aldeões, os quais celebraram sua libertação!

Em junho de 1945, o governo anunciou: "Para os que quiserem recuperar o último ano escolar, ofereceremos um curso intensivo de três meses. As aulas serão dadas durante seis dias por semana, das 8h da manhã às 5h da tarde. O estudo do idioma russo será acrescentado ao currículo obrigatório de línguas estrangeiras.

– Precisamos ir – disse Cveja a Voja ao ouvir o anúncio. Cveja e Voja voltaram a Sabac e se inscreveram para o quinto ano escolar.

– Crianças, trouxe-lhes uma bola de futebol – disse Mara em uma de suas visitas rotineiras a Sabac. Ela ofereceu a bola aos gêmeos. – Zivan a fez com pedaços de couro e a encheu com as meias velhas de lã de Leka. Espero que vocês possam usá-la. As provisões continuam escassas.

Em setembro, depois que os gêmeos completaram o currículo de recuperação, eles voltaram para casa para um intervalo de uma semana antes de iniciarem o ano escolar seguinte. Durante sua ausência, as coisas haviam mudado drasticamente no lar dos Vitorovich.

– O governo nos deixou 30 hectares para toda a família: dez hectares para cada irmão e seus filhos – explicou Ilija. – Os outros 70 hectares foram confiscados sem qualquer compensação. Isso faz parte da reforma agrária. O governo está distribuindo a terra para os que têm pouco ou nada.

– Mas se as pessoas nunca foram fazendeiras, não vão saber como trabalhar

a terra – objetou Cveja.

– Exatamente. Algumas nem mesmo possuem um boi ou um cavalo – respondeu Ilija. – Gradualmente para alguns, a terra que lhes foi dada caiu em desuso.

– Nossos negócios foram nacionalizados. O Estado agora é dono deles – Mara disse aos filhos. – É muito difícil para os homens. Eles trabalharam arduamente para construir tudo, e agora isso está nas mãos de estranhos. É humilhante para eles serem tratados como empregados contratados.

Quando o mês de setembro chegou, e também o tempo de voltar para a escola, Voja se recusou. – Eu não quero voltar, Cveja – disse ele ao irmão.

– Mas temos só mais três anos para nos formarmos. É um erro não terminar.

– Papai precisa de ajuda, e eu sou o filho mais velho. Um pedaço de terra menor precisa ser melhor aproveitado. E eu posso ajudá-lo.

Novamente sua irmã Nata interveio: – Por favor, pai, não deixe Voja ficar em casa, sem ir à escola – insistiu ela.

– E quem vai lavrar a terra? Como vou fazer a colheita? – perguntou Ilija.

– Eu farei o trabalho. Seus filhos precisam adquirir uma boa educação. Pelo menos eles podem obter isso deste regime. Não temos mais nossas indústrias. Como eles sustentarão a família depois?

– Eu também vou ajudar – Vera entrou na conversa. Ela estava agora com 18 anos e era bem magrinha.

O pastor distrital e a esposa contribuíram para o debate. Sua filha, dois anos mais jovem do que os gêmeos, havia crescido com os garotos. Seus pais tinham esperança de que um dia, ela e Cveja se casassem. Se Voja parasse de estudar, talvez o irmão fizesse o mesmo.

– Está bem, eu vou! – Voja finalmente admitiu. – O pai disse que eu devo.

Cveja e Voja voltaram para a escola juntos para o sexto ano. Baka havia ficado idosa e fraca, de modo que eles se mudaram para a casa de outro membro da igreja.

Em novembro de 1945, o programa de rádio noticiou: “Uma assembleia constituinte declarou que a Iugoslávia é uma república. O rei Pedro foi condenado. Draza Mihajlovich, ex-coronel do Exército Real da Iugoslávia e líder

dos Chetniks, foi acusado de ter colaborado com os nazistas."

Tito agora tinha controle total do país. Mihajlovich negou com toda a veemência a acusação e foi apoiado pelos 500 pilotos americanos que haviam sido abatidos sobre a Sérvia ocupada e salvos pelos homens do ex-coronel. Apesar de tudo, ele foi executado com muitos outros que eram rivais do novo dirigente.

Enquanto os gêmeos estavam na escola, naquele ano, Vera decidiu aprender a operar uma máquina de confecção de malhas, em Sabac. A dona da casa onde moravam os gêmeos colocou mais uma cama no quarto deles, e Vera ficou ali durante seis meses. Quando ela voltou para casa, sua habilidade profissional com sua máquina de confecção recém-adquirida lhe proporcionou um meio de ganhar dinheiro.

CAPÍTULO 23

IDEIA NOVA CONTRA CRENÇA ANTIGA

Claque! Claque! Claque! Claque! Claque! O barulho distante foi ficando cada vez mais alto. Dentro de casa, Mara parou e escutou. Um estranho veículo parecia estar vindo pela estrada e se aproximando da casa. “O que será isso?”, murmurou ela para si mesma. Esfregando as mãos em seu avental de linho bordado, ela abriu a porta e saiu para olhar em volta.

Através do portão aberto, um enorme trator agrícola de fabricação russa, puxando um arado de quatro lâminas, estava entrando na propriedade. Observando-o com curiosidade, Mara o viu passar por ela com um ruído surdo e prolongado. A máquina parou embaixo da sua macieira favorita, que recentemente havia começado a ficar verde. Uma assustada galinha, que estava bicando e remexendo o chão embaixo da árvore, se dispersou com sua ninhada num alvoroço de cacarejos e pios.

Mais barulho e estalidos soaram na estrada. Mara se virou na direção do portão aberto, onde um segundo trator estava entrando. Quando este passou pela casa, um terceiro apareceu. E alguns metros atrás seguia outro. Logo quatro tratores, cada um puxando um arado, se precipitaram para baixo das árvores atrás da casa.

– Ilija, o que está acontecendo? – gritou ela ao vê-lo conversando com Milorad sobre a cerca que dividia suas propriedades. O esposo ergueu as sobrancelhas e encolheu os ombros. Voja e Cveja estavam perto deles presenciando a cena. Naquela aromática tarde de sexta-feira, na primavera de 1946, todos os cinco observavam os passos seguintes, como espectadores num teatro, interessados e se perguntando: “O que acontecerá a seguir?”

Nesse momento, um carro Mercedes-Benz verde-escuro, motor diesel, cruzou o portão, buzinando. Passou pelos espectadores, fez uma volta em U e

parou perto dos quatro tratores. Carros eram raros na aldeia, e mais raro ainda quando se tratava de Mercedes-Benz, porém Mara reconheceu este imediatamente como o veículo dirigido por Draga, seu vizinho, de cuja família ela era amiga havia muito tempo.

Saindo do carro, o homem alto, em seus 30 anos, com um quepe de oficial militar, fez uma saudação bem à vontade aos quatro jovens motoristas, cada um deles em pé ao lado de seu trator. Então se voltou para Mara, que estava descendo os degraus e caminhando em sua direção.

– Saudações, *Tetka* Mara – disse ele sorrindo.

– Draga, meu filho, por que estes tratores estão aqui? – perguntou ela ao ficar diante dele, com o rosto envolto por um lenço, olhando para cima.

Os dois homens altos e fortes que estavam junto à cerca e observavam em silêncio, ergueram uma sobrancelha e lançaram um olhar astuto um para o outro. Draga, um comunista Partisan condecorado, que havia combatido os nazistas durante quatro anos, e agora trabalhava como presidente da *kolhoz* da aldeia, ou fazenda coletiva, não estava habituado a ser questionado.

– Bem, *Tetka* Mara – respondeu ele respeitosamente, limpando a garganta –, amanhã de manhã nós planejamos lavrar a terra atrás da sua casa. Apenas queremos deixar os tratores aqui durante a noite.

As sobrancelhas espessas de Mara se franziram como nuvens tempestuosas sobre um céu azul. *Amanhã? Amanhã é sábado,* ela pensou consigo.

– Draga, esta terra tem pertencido à nossa família por quatro gerações. Com certeza você sabe disso – respondeu ela. – Como não a vendemos ao governo, aos olhos de Deus ela ainda nos pertence. Ainda é a terra de nossa família.

O sorriso de Draga desapareceu do rosto. A declaração direta de Mara o apanhou de surpresa, e ele mudou de um pé para outro.

– Amanhã é o sétimo dia, o santo dia de descanso do Senhor – continuou Mara. – Deus proíbe que trabalhemos nesse dia. Peço-lhe que não lavre a terra no sábado. O trabalho não pode esperar até segunda-feira?

Draga puxou o quepe para frente a fim coçar a parte detrás da cabeça com seus cabelos escuros.

– *Tetka* Mara – disse ele finalmente com um sorrisinho acanhado – essa sua crença em Deus é uma ideia antiga! – Ele riu, gesticulando bastante com as

mãos. – A nova compreensão é a de que Deus não existe. – Ele baixou as mãos.

– Oh, não, meu filho. – Mara balançou a cabeça. – É justamente o contrário. Buscar a Deus é uma ideia nova – ela contestou rapidamente. – A ideia de que Deus não existe é que é um conceito antigo. Três mil anos atrás, havia pessoas que pensavam assim. A Bíblia atribui um nome a tais pessoas.

Draga afinou os lábios e olhou de relance por cima dos ombros para os jovens motoristas. Ele era o herói deles. Sua reputação estava em jogo. Eles observavam e ouviam com atenção. Ele se voltou para Mara com um olhar intrigado.

– Você disse um nome? Que tipo de nome?

– Bem, Draga, não é dos mais agradáveis. Vou deixar que você mesmo leia.

– Eu não... – começou ele, mas antes que terminasse, Mara estava subindo os degraus da casa. Ela voltou com um livro preto de aparência gasta, com pedaços de papel aparecendo dentre suas páginas marcadas com dobras.

– Um rei escreveu estas palavras – continuou ela folheando as páginas, como se não tivesse havido interrupção. – O seu nome era Davi.

Na presença do Livro Sagrado, Draga imediatamente tirou o quepe e o colocou embaixo do braço. Evidentemente, ele ainda não havia se esquecido da reverência à moda antiga. Seus companheiros, que esperavam junto aos tratores, fizeram o mesmo.

– Aqui está o que eu procurava. É o Salmo 14:1 e 2 – Mara disse e começou a ler: "Diz o tolo em seu coração: 'Deus não existe'. [...] O Senhor olha dos céus para os filhos dos homens, para ver se há alguém que tenha entendimento, alguém que busque a Deus" (NVI). – Leia você mesmo, Draga. Aqui. – Ela estendeu a Bíblia aberta para Draga. O rosto dele ficou corado.

– Eu... eu nunca peguei uma Bíblia antes – disse ele olhando de modo duvidoso para Mara e então para o livro. Ele estendeu o braço e o segurou cuidadosamente nas mãos, lendo o verso que o dedo de Mara havia indicado: "Diz o tolo..." Sua voz sumiu, mas os lábios continuaram a mover-se. Devolvendo o livro a Mara, ele soltou uma risada insegura. Então olhou por cima do ombro para os companheiros, gritando: – Vejam, colegas, este livro nos chama de tolos! – Eles também riram.

Quando ele se voltou novamente para Mara, havia uma aparência

melancólica em seu rosto. – Está certo, *Tetka* Mara que você honre o seu dia sagrado. Meu pai também é um homem religioso. Ele vai à igreja no domingo. Entretanto, se há ameaça de mau tempo e ele precisa colher seus produtos nesse dia, ele pede ao padre que o libere. Você não vai me dizer que a Bíblia proíbe especificamente arar a terra no sábado, não é? Ele ergueu a cabeça para um lado com ar de confiança.

– Draga, deixe-me ler primeiro o que Deus diz sobre o sábado. – Ela folheou as páginas até encontrar Êxodo 20:8-11: "Lembra-te do dia de sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou."

Draga franziu a testa.

– Bom, e onde é que eu entro nessa questão?

– Você é o forasteiro dentro das minhas portas – respondeu Mara. – O domingo é um dia que os homens decidiram santificar, de modo que eles podem também decidir liberá-lo quando quiserem. No entanto, Deus abençoou o sétimo dia e o tornou sagrado, e Ele proíbe arar a terra nesse dia. – Ela se voltou para ler novamente a Bíblia, desta vez em Êxodo 34:21: "Vocês têm seis dias para trabalhar, porém não trabalhem no sétimo dia, nem mesmo no tempo de arar ou de fazer a colheita" (NTLH).

Draga parecia não acreditar. Ele balançou a cabeça. O guerreiro invicto havia sido derrotado por uma mulherzinha gentil e um velho livro usado.

– Deixe-me ver isto. – Ele se inclinou para Mara e olhou o livro com os olhos meio fechados. Quando ele próprio leu as palavras, sua voz pareceu séria ao perguntar: – Diga-me, *Tetka* Mara, o que aconteceria comigo se eu ignorasse tudo o que você leu para mim? – Ele alisou o queixo pensativamente.

– Não sei, Draga. Este problema é de Deus. Mas posso ler para você o que Ele diz. – Ela folheou as páginas até encontrar o texto de Ezequiel 3:19, onde leu: "Mas, se avisares o perverso, e ele não se converter da sua maldade e do seu caminho perverso, ele morrerá na sua iniquidade, mas tu salvaste a tua alma."

Ela permitiu que ele próprio lesse as palavras, e então fechou a Bíblia.

Draga recuou e, com o rosto pálido, olhou de modo penetrante para o livro nas mãos de Mara. Ele falou suavemente, como para si mesmo: “Primeiro este livro nos chama de tolos, e então nos ameaça de morte.” Durante um longo minuto ele ficou em silêncio. Então, abrindo-se num sorriso e recolocando o quepe na cabeça, ele deu meia-volta e caminhou rapidamente na direção do carro, gritando aos seus homens enquanto caminhava: “Levem esses tratores para o meu quintal. Amanhã vamos arar outro campo!”

Rapidamente os quatro motoristas pularam sobre seus tratores e acionaram os motores. Quando Draga chegou ao carro, ele se virou para dar uma última olhada para Mara. Ela estava no mesmo lugar onde ele a deixara, ainda segurando a Bíblia nas mãos. Havia uma expressão de espanto no rosto dele ao entrar no carro e dar partida no barulhento motor.

– Até logo – disse ele. E atravessou o portão indo para a estrada.

Um por um, os quatro tratores o seguiram, roncando e estalando vagarosamente para fora da propriedade. Cada motorista cumprimentou com a cabeça os observadores ao passarem. Através da obscura nuvem de poeira que redemoinhava atrás deles, envolvendo o grupo como um favor indesejado, eles ficaram vendo até que o último trator desapareceu. Quando a nuvem se dispersou, eles olharam um para o outro.

– Bem, Mara, este é um ótimo dia! – disse Ilija.

– Um dia maravilhoso! – acrescentou Milorad. – Você é demais, Mara. – Ilija e Milorad ficaram animados. Os olhos brilharam e sorrisos de satisfação alegraram os rostos.

– Obrigado, Jesus! – O louvor ressoou dos lábios de Mara.

– Sabe de uma coisa? A vitória é gostosa – acrescentou Ilija. Mara concordou de todo o coração. Numa ocasião em que a batalha não mais era para sobreviver à guerra, mas para suportar a paz, esta foi uma pequena conquista.

Milorad se encaminhou para sua casa. Ilija pôs o braço em volta do ombro de Mara, e eles foram para casa, acompanhados de perto por Cveja e Voja.

O vento soprou forte e agitou o topo das árvores frondosas. No ocidente, o sol poente anunciou o começo do sábado com uma erupção final de raios rubros, dourando o céu vespertino.

Na segunda-feira, Draga e os tratores voltaram para arar a terra. No entanto,

durante todos os anos em que a família morou ali, jamais veio alguém para trabalhar na “sua” terra nas horas do sábado do Deus de Mara.

CAPÍTULO 24

APÓS O ÚLTIMO ADEUS

– Já está quase na hora de dizer adeus novamente – disse Mara com tristeza num dia de setembro, bem cedo, enquanto os filhos se preparavam para voltar uma vez mais à escola. Foi em 1948. Em junho, os gêmeos haviam se formado no ensino médio da escola distrital de Sabac. Eles haviam acabado de completar 19 anos e tinham sido aprovados no exame de admissão da universidade; dessa vez, eles estavam se mudando para Belgrado.

– Eu estava errado ao querer impedi-los de continuar estudando – deixou escapar Ilija subitamente. – Fico assustado agora, ao pensar que quase consegui isso. O que vocês fariam? Não temos mais terra, nem indústria. Vocês não teriam futuro.

– Deus estava nos guiando o tempo todo – respondeu Mara. Ela então se dirigiu aos meninos: – Não poderemos ajudá-los nas despesas – desculpou-se ela. – A vida na cidade é mais cara.

– Não se preocupe, mãe. Vamos ficar bem – disse Cveja. – O mais importante está resolvido: nós temos onde ficar. Temos realmente muita sorte que Nata e Mica estão dispostos a dividir conosco seu pequeno apartamento. Pelo que ouvimos dizer, apartamentos em Belgrado são muito difíceis de achar.

– Pelo menos o regime providencia educação grátis – acrescentou Voja. – Se conseguirmos achar um trabalho de tempo parcial enquanto estudamos, ficaremos bem. No entanto, provavelmente não teremos condições de visitar vocês com frequência. A passagem de trem é cara.

Nata e Mica haviam se casado no ano anterior e se mudado para Belgrado, onde Mica montou o próprio negócio de decoração e pintura. O regime havia recentemente relaxado suas restrições e agora permitia pequenos empreendimentos independentes.

Alguns dias depois, os gêmeos foram embora. Eles foram morar com a irmã e o marido, e se matricularam na Faculdade de Engenharia da Universidade de Belgrado, para estudar arquitetura. Cada sábado, com Nata e o recém-batizado Mica, eles frequentavam a principal Igreja Adventista do Sétimo Dia de Belgrado, com quase 1.000 membros.

"A escola vai indo bem." Mara leu avidamente a primeira carta de Voja. "Nenhuma de nossas aulas cai no sábado este semestre. Conseguimos trocar as aulas de laboratório dadas no sábado. A maioria dos nossos professores não é comunista, de modo que eles não dificultam as coisas." Mara estava pasmada.

Numa carta escrita pelo filho posteriormente, naquele ano, Mara leu: "Duas aulas caem no sábado este semestre. No entanto, os nossos colegas nos informam sobre a matéria dada. A senhora vai gostar de saber que Cveja e eu fazemos parte do coral jovem da igreja, e eu toco meu violão na orquestra de bandolins." Mara ergueu o rosto para o céu. *Obrigado, Senhor. A ideia do violão deu certo! Meu coração está satisfeito.*

"Boas notícias, mãe", anunciou outra carta. "Cveja e eu estamos nos preparando para o batismo em 28 de junho. A senhora pode vir?" Mara largou a carta e caiu de joelhos. *Senhor, Tu tens respondido a todas as minhas orações!*

E assim, quando o dia chegou, Mara, Mica e Nata viram quando os gêmeos, em roupões brancos, com outros 25 candidatos, desceram às águas batismais. A felicidade no coração de Mara transbordou. Sentada alegremente no enorme santuário, em meio à numerosa congregação, Mara ouvia encantada, louvando a Deus no coração, ao ver a participação de seus filhos. Aquela igreja era muito diferente do pequeno grupo que se reunia nas casas de sua aldeia, ao qual ela estava acostumada.

– Muito bem, mãe – disse Voja mais tarde, quando retornaram ao apartamento –, qual a garota que a senhora escolheu para mim? Eu a vi colocar os óculos e inspecioná-las durante o culto.

– Você viu? Bem, filho, não pude escolher uma – respondeu Mara com o rosto corado. – Você é quem precisa fazer isso. Apenas tenha certeza de que ela é uma cristã fiel. E se ela for bonita, como Rebeca e Raquel na Bíblia, você a amará mais ainda. Oro para que Deus o dirija em sua escolha.

"O negócio de Mica está prosperando, e estamos engordando com a boa culinária de Nata", informou outra carta de seus filhos. Eles não mencionaram o

fato de que Mica havia começado a chegar a casa mais tarde cada noite, e frequentemente deixava de ir à igreja. Um dia, a tragédia aconteceu. Mica desapareceu.

Meses depois, Nata apareceu na fazenda com seus pertences em duas malas.

– Nata! O que você está fazendo aqui? O que aconteceu? – perguntou Mara ao vê-la. Casualmente Ilija estava ali e carregou suas malas.

– Mica está preso. As autoridades confiscaram o apartamento e nos despejaram. Eles inclusive tentaram levar minha mobília – exclamou ela reprimindo as lágrimas. – Felizmente eu havia guardado os recibos, que estavam em meu nome de solteira. Você comprou a mobília, pai, como meu dote. Guardei minhas coisas no galpão de um amigo. Sem trabalho nem lugar para ficar, precisei voltar para casa. – Ela não aguentou e chorou.

– Este sempre será o seu lar, minha querida – disse Mara, confortando-a. – Conte-nos o que aconteceu desde o início.

– Alguns meses atrás, dois homens foram ao apartamento à procura de Mica. Eram agentes da UDBA [polícia secreta]. – Ela enxugou as lágrimas. – Eles mostraram seus distintivos. Disse-lhes que meu esposo ainda estava trabalhando.

– Queremos interrogá-lo – disseram eles. Durante dias, eles vigiaram a casa, mas Mica não apareceu. Ele não foi encontrado em lugar algum. Dez dias depois, soubemos que a polícia o havia capturado perto da fronteira italiana. Eles disseram que ele estava tentando fugir.

– Mas o que é que ele fez? – perguntou Ilija. – Por que estavam atrás dele?

– O nome dele constava numa lista como membro de uma organização secreta anticomunista. A polícia de algum modo conseguiu descobrir. O estranho é que eu nunca desconfiei de seu envolvimento em política. Eu devia saber – culpou-se Nata. – As autoridades o condenaram a dez anos de prisão. Durante meses, nós não sabíamos onde ele estava. Dez anos! Mãe! O que vou fazer? – Ela começou a chorar outra vez.

– Que coisa terrível para você, Nata! Mas você vai ficar bem, aqui – disse Mara procurando confortá-la.

– E os rapazes? – perguntou Ilija. – Onde é que eles estão morando agora?

– Eles acharam um quarto na casa de um membro da igreja. Eles estão bem – respondeu Nata, ainda choramingando.

Em 1951, Vera e Duja se casaram numa aldeia próxima. Voja veio de Belgrado para assistir ao casamento junto à família. Como Ilija havia ficado subitamente doente e estava hospitalizado em Belgrado, Cveja permaneceu lá, para ficar perto do pai. Todos esperavam que Ilija se recuperasse e voltasse logo para casa, de modo que Mara não foi visitá-lo, sabendo que os gêmeos cuidariam dele.

Mais ou menos duas semanas depois, um visitante da prefeitura veio ver Mara e lhe disse:

– Sra. Vitorovich, lamento informá-la de que recebemos uma mensagem de seus filhos em Belgrado. Seu marido, Ilija, faleceu esta manhã no hospital. – Mara ficou chocada e desesperada.

Membros da família viajaram a Belgrado para o funeral. Quando Mara indagou, os rapazes lhe contaram o que aconteceu.

– Visitamos o pai cada dia durante a sua hospitalização. Então, um dia encontramos o leito vazio. Quando perguntamos ao outro paciente no quarto, ele disse que papai havia falecido naquela manhã.

Aos 62 anos de idade, Ilija descansou, e Mara ficou viúva outra vez.

No funeral, o coral de Belgrado cantou, e um dos pastores realizou o serviço fúnebre. O texto que serviu de base para o sermão foi 1 Tessalonicenses 4:13-18: “Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em Sua companhia, os que dormem. Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.”

A ressurreição! Como meu coração anseia por aquele dia, Mara pensou ao

olhar para o corpo sem vida de seu marido, descansando pacificamente no caixão de madeira.

Após o funeral, as mulheres da família se ajuntaram em torno de Mara, na cozinha, fazendo-lhe perguntas que haviam surgido em virtude do sermão.

– Estou confusa sobre isto, Mara – disse Petra. – As almas dos mortos já estão no Céu. Portanto, qual a razão da ressurreição? – Mara apanhou a Bíblia e se preparou para responder.

– Esta é a questão, Petra. Nós não vamos para o Céu ao morrer. Primeiro é preciso haver um julgamento. A Bíblia ensina que os mortos, tanto os bons como os maus, descansam na sepultura. A morte é como um sono. Com exceção de Enoque e Elias, os quais Deus trasladou; Moisés, que foi ressuscitado dos mortos; e aqueles que ressuscitaram quando Cristo morreu, nenhuma outra pessoa da Terra está no Céu agora. Mara achou o texto de Atos 2:29, 34 e leu: "Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. [...] Porque Davi não subiu aos Céus." – Vejam, Pedro diz que Davi ainda está na sepultura. Se ele ainda está lá, todos os demais também estão. É por isso que Jesus voltará à Terra, para levar-nos para o lar, pois ninguém está lá agora.

– Isso faz sentido, Mara, mas você sabe como fomos ensinados, isto é, que a alma é imortal e vai para o Céu – disse Lila.

– Não segundo a Bíblia – respondeu Mara. – Quando a Bíblia fala sobre alma, ela se refere à pessoa toda. A alma pode estar viva ou morta. Vamos voltar à criação para ver o que ela diz. – Ela pegou a Bíblia e leu Gênesis 2:7: "Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente." – Você percebeu o que diz aqui? O homem passou a ser alma vivente quando o Senhor soprou o fôlego de vida nele. Antes disso, ele era uma alma morta. Não diz que Deus colocou uma alma no corpo do homem.

Ela leu mais: "Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta" (Tiago 2:26). "E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Eclesiastes 12:7). Espírito ou fôlego é a mesma coisa. É o fôlego que volta a Deus quando morremos – explicou Mara. – A Bíblia é clara. Não há uma alma imortal. A Bíblia diz: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18:4). Veja, portanto, que a alma é mortal. Quando morremos, não temos conhecimento de nada.

Ela virou as páginas de sua Bíblia novamente: “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram” (Eclesiastes 9:5, 6). “Assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono. [...] Os seus filhos recebem honras, e ele não o sabe; são humilhados, e ele o não percebe” (Jó 14:12, 21).

– Você está entendendo? – continuou Mara. – A ideia de uma alma imortal se baseia numa mentira do diabo. Vou ler para você. A serpente perguntou a Eva se Deus havia proibido que ela e Adão comessem o fruto de toda e qualquer árvore do jardim. E aqui está o que a mulher respondeu. – Mara achou Gênesis 3:3: “Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis.” – O diabo mentiu. Deus disse que eles morreriam se desobedecessem. O diabo disse que eles não morreriam. O ensino de que continuamos a viver após a morte vem de Satanás e do paganismo. Os cristãos deviam saber melhor. O problema é que as pessoas não leem a Bíblia por si mesmas. Por isso é que ficam confusas. Não importa o que os outros dizem. Você precisa saber o que Deus diz.

Indo para o Novo Testamento, Mara continuou: – A Bíblia nos diz que somente Deus é imortal. Timóteo diz que Deus é “o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A Ele honra e poder eterno. Amém!” (1 Timóteo 6:16). Ele também diz que Jesus “não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2 Timóteo 1:10).

– Deus promete imortalidade somente aos que creem. Você conhece o verso: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Os descrentes não têm esse privilégio. No fim, os ímpios perecerão e nunca mais existirão. Ouça isto – Mara continuou, indo para outros textos. Este aqui diz que Deus “retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade” (Romanos 2:6, 7).

– E Paulo diz: “Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão

incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade" (1 Coríntios 15:51-53). – É por isso que Deus colocou um anjo à porta do jardim do Éden, para que o homem caído não comesse do fruto da árvore da vida e vivesse para sempre.

Mara leu Gênesis 3:22-24: "Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E [...] colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida."

– Noto que tudo isso se encaixa. Mas e o inferno? – As perguntas brotavam dos lábios de Lila. – Você disse que os descrentes perecerão. As pessoas más não queimarão para sempre? O inferno está queimando agora?

– Não, Lila. Todos dormem na sepultura até o dia do juízo. Então cada um receberá a sua recompensa. Deus fará chover fogo sobre os ímpios e os queimará até morrerem. Esse é o objetivo do fogo: não torturá-los, mas pôr um fim à maldição do pecado. Deus é amor. O fogo finalmente queimará o diabo, e seus anjos, e todos os pecadores que os seguiram. Ele purificará a Terra. O pecado é como a lepra. O fogo é chamado de "inextinguível" porque nada conseguirá apagá-lo enquanto ele não terminar a sua obra e queimar tudo que Deus decidir queimar. Então ele se apagará. – Mara foi para o Salmo 37:10, 11, 20: "Mais um pouco de tempo, e já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar e não o acharás. Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz. [...] Os ímpios, no entanto, perecerão, e os inimigos do Senhor serão como o viço das pastagens; serão aniquilados e se desfarão em fumaça." – Veja – concluiu Mara – Deus recomeçará tudo de novo e fará deste planeta uma nova Terra.

As mulheres finalmente foram embora; parece que suas perguntas haviam acabado. Mara então orou: "Querido Deus, envia o Teu Santo Espírito para tornar claras as Tuas palavras na mente delas. Que elas Te conheçam como um Salvador amoroso e misericordioso, e não como um Deus cruel."

Agora, sozinha em seu silencioso quarto, Mara contemplou sua vida nos solitários dias à frente. *Obrigado, Senhor,* orou ela mentalmente, *por Ilija, meu companheiro de tantos anos que nem me lembro quantos. Tens conservado fiéis*

os meus filhos. Tens cuidado de minhas filhas. Operaste maravilhas para mim, ó Deus. Que mudanças realizaste! Ela se lembrou dos dias recentes. Ilija havia participado dos cultos com eles às sextas-feiras e sábados ao pôr do sol e havia cantado seus hinos. Com frequência, ele os acompanhava à igreja. Johann se uniu ao grupo em Uzvece. *As palavras que ele me falou naquele domingo, muito tempo atrás, mudaram minha vida. Mudaram a mim, ó Deus, e mudaram muitas outras pessoas.* Pelo que ela soube, mais de 150 pessoas haviam crido nas maravilhosas verdades da Bíblia devido à sua influência – verdades estas que haviam ficado esquecidas ao longo dos anos, e substituídas pelas ideias e tradições humanas. *Maravilhoso Deus, quão extraordinários são os Teus caminhos!*

Um dia, não muito tempo depois, o inacreditável aconteceu. Maria, a esposa de Mladen, foi visitar Mara levando grandes notícias. – Mara, veja o que Deus fez! – disse ela em êxtase. – Mladen foi batizado no sábado passado. Sim, Mara, é verdade!

– Mladen? Batizado? – Mara mal pôde responder. – Ele tentou me forçar a abandonar minha fé e ameaçou expulsar da família quem cresse de modo diferente. E agora ele foi batizado? Milagre dos milagres! Como aconteceu isso, Maria?

– Bem, quando ele soube que todas as nossas seis filhas haviam sido batizadas depois de mim, imagino que isso foi demais para ele! – Maria riu. – Agora ele está até falando em fazer reuniões da igreja em nossa casa!

– E Petar? O que ele diz? – perguntou Mara.

– Petar não mudou. Ele continua indiferente – respondeu Maria. – É estranho, não é mesmo, Mara? Nunca se sabe quem atenderá ao Espírito Santo. Não importa quão teimosa ou má a pessoa, nunca podemos desistir.

– Tudo vai passar e Jesus voltará, Maria. – Mara repetiu a frase familiar a todos os que a conheciam. – Deus convida o mundo inteiro para vir ao lar, para Ele.

Depois que Maria saiu, Mara apanhou a Bíblia e leu novamente as preciosas palavras que lhe davam esperança:

"Vi novo céu e nova Terra, pois o primeiro céu e a primeira Terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então,

ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram" (Apocalipse 21:1-4).

– Não haverá mais dor, nem luto, nem morte, guerras ou pranto – repetiu ela. E citou de memória o Salmo 30:5: "Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã." – Sim, meu Deus – suspirou ela, – alegria na manhã da ressurreição, quando contemplar o Teu rosto e os meus queridos me forem devolvidos. "Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Apocalipse 22:20). Senhor, mantém-me fiel até que eu diga o último adeus.

CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS COMPRAS COM COMODIDADE

APROVEITE PROMOÇÕES EXCLUSIVAS



LIVROS, REVISTAS, AUDIOLIVROS, CDS E DVDS

CONECTE-SE ATRAVÉS DAS NOSSAS REDES SOCIAIS COM MILHARES DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA

www.cpb.com.br